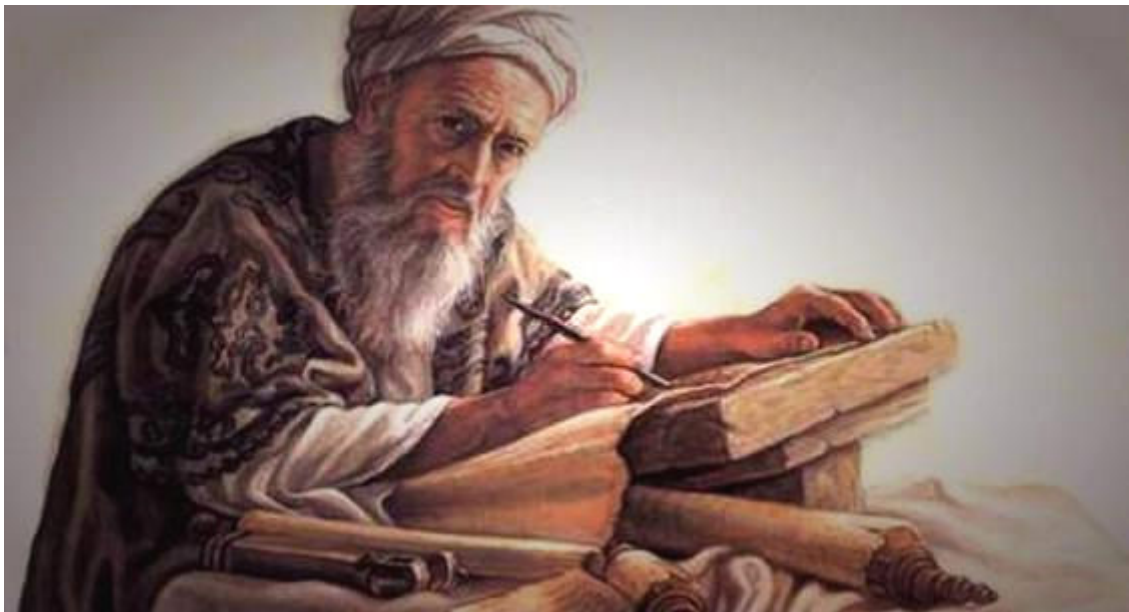


O livro do Profeta Isaías – volume 3 **(Explicação das profecias – 56 a 66)**



Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara ágape

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

O livro do Profeta Isaías – volume 3 **(Explicação das profecias – 56 a 66)**



Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – Junho 2018

Dedico este livro a todos os filhos de Deus que buscam o conhecimento da Sua vontade e acreditam na imutabilidade da Sua palavra, na Sua bondade para conosco e no Seu poder libertador em nossas vidas.

Agradeço ao Espírito Santo, Deus presente e companheiro fiel, que me ensina a cada dia a vencer Seus desafios pela fé e me faz conhecer um pouco mais de Jesus, o Senhor e Rei de todas as coisas, cuja palavra fiel e imutável é capaz de transformar todas as situações, a fim de cumprir na íntegra o projeto do Pai para as nossas vidas.

“Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir” (Is 59: 1).

Introdução

Este é o 3º volume de ‘O livro do profeta Isaías’, abordando agora os capítulos 56-66. A partir do 56º capítulo, o conteúdo da profecia deixa de ser direcionado aos exilados que retornaram (embora em alguns momentos pareça estar de referindo a eles), e passa a revelar o caráter de Deus, como o único Deus Vivo. Ele é temível em Sua ira (Is 59: 16 e segs.; Is 63: 1-6), porém, inclina-se em bondade para com Seu povo, mostrando-lhes misericórdia, restaurando-lhes o consolo e deliciando-se em Sião (Is 60: 10; Is 61: 1 e segs.; Is 61: 8; 19; Is 66: 2; 13). Essa parte também se refere à glorificação de Sião. Sião não é apenas a capital de Judá, mas é igualmente a habitação de Deus; e os gentios que se voltarem para Ele compartilharão da Sua salvação (Is 60: 3). Ainda faz alusão ao Messias em Seu papel de Redentor de Israel. A Sua vinda é como uma nova criação (‘novos céus e nova terra’ – Is 65: 17), preparando a alma do povo para uma nova dispensação que virá para a humanidade.

Às vezes, temos a impressão de que a partir do 56º capítulo a profecia não é apenas endereçada aos exilados que retornaram, mas parece que volta a ser dirigida ao povo que ainda está em Israel praticando idolatria e em pecado de rebeldia, ao mesmo tempo em que fala mais intensamente sobre o reino Messiânico por vir. Por exemplo, em Is 56: 9-12 a profecia está sendo entregue aos judeus ainda no tempo dos assírios, antes do cativeiro da Babilônia, e mostra o que aconteceria com eles caso negligenciassem a advertência profética vinda de Deus. A incredulidade tomava conta do povo, dos profetas, dos sacerdotes e dos reis. A crescente idolatria os afastava dEle. Em Is 57: 14-19 o profeta continua falando sobre a idolatria, e a profecia parece ser dirigida ao povo que ainda está em Israel, pois não poderiam subir aos altos para prestar culto idólatra, nem oferecer sacrifícios debaixo de terebintos ou carvalhos estando em cativeiro em terra estranha. Por isso, presume-se que todas essas práticas estavam sendo realizadas em Israel mesmo.

Na Babilônia os judeus sentiram a opressão da idolatria daquela terra, e tentaram se adaptar a uma nova forma de vida e de compromisso com seu Deus. Eles tentaram reviver as tradições da sua terra natal da melhor forma possível. O sacerdócio começou a ser reavivado de uma nova forma agora: os sacerdotes se dedicaram à escrita, interpretando os eventos históricos sob a ótica sacerdotal, preservando os rolos judaicos e acrescentando outros escritos (a literatura sacerdotal). Os sacerdotes procuraram unir o povo em torno da palavra de Deus. Os babilônios permitiram que os exilados judeus formassem famílias, construíssem suas casas, cultivassem pomares (Jr 29: 5-7) e pudessem consultar os seus próprios chefes e anciãos (Ez 20: 1-44); dessa forma, eles aprenderam a viver em comunidade. Além da agricultura, alguns judeus se dedicaram ao comércio, a fim de terem sua sobrevivência. A instituição da sinagoga foi importante para encontros de oração, leitura e ensinamento da Torá, cântico dos Salmos e comentários dos escritos dos profetas. Entre esse grupo de sacerdotes estava o profeta Ezequiel, que exerceu uma grande influência sobre os exilados. Depois de algum tempo, devido às condições de tolerância e até bem-estar em que os exilados passaram a viver, muitos se acostumaram naquela terra e não quiseram retornar a Jerusalém, mesmo com a permissão de Ciro.

Da mesma forma, o tema ‘idolatria’ se repete em Is 59: 9-15 (praticada lá na terra de Israel, não entre os ímpios da Babilônia), e Is 65: 1-7; 11-12, provavelmente endereçada aos judeus antes do cativeiro na Babilônia. E em Is 66: 1-5, a profecia parece ser endereçada aos judeus pós-exílio desde o período da construção do segundo templo até os judeus do período da vinda de Cristo, quando o medo de cair novamente

na idolatria, e conseqüentemente, sofrer com a ira de Deus, os levou, em especial os sacerdotes e os mestres da Lei (como já havia no tempo de Jesus), ao outro pólo: a religiosidade, onde as minúcias da Lei eram observadas (Mt 23: 23-24) e onde o templo físico era mais valorizado do que o seu templo interior.

O Livro de Isaías foi escrito por volta de 700-681 AC. Fala da posição dupla do povo de Israel diante de Deus (em especial de Jerusalém, pois foi profeta do sul), sua acomodação e falta de amor verdadeiro ao Senhor. Isaías trabalhou para dar ao povo a clareza dessa hipocrisia na esperança de mudarem de atitude.

Isaías (exercício profético: 740-681 AC) foi um homem culto ligado à corte. Assim como Amós (760-750 AC), Isaías ataca os grupos dominantes da sociedade: autoridades, magistrados (juízes), latifundiários e políticos; também se levanta contra as injustiças sociais. Isaías é duro e irônico com as damas da corte da classe alta de Jerusalém (Is 3: 16-26; Is 4: 1; Is 32: 9-14). Durante seu ministério quatro reis de Judá reinaram: Uzias ou Azarias (781-740 AC, desde 791 AC como co-regente de Amazias), Jotão (740-732 AC, desde 748 AC como co-regente de Uzias), Acaz (732-716 AC) e Ezequias (716-687 AC, desde 729 AC como co-regente de Acaz).

Segundo fontes históricas (Bíblia de Jerusalém, Nova Edição Revista e Ampliada, Ed. de 2002, 3ª Impressão, 2004, Ed. Paulus, São Paulo, pg. 1.237) Isaías teria nascido em 765 AC, portanto, tinha 25 anos quando foi chamado pelo Senhor.

Isaías foi o primeiro profeta a falar sobre a vinda do Messias. Algumas referências podem ser vistas em relação a isso: Is 2: 1-5; Is 4: 2; Is 7: 14; Is 9: 1-7; Is 11: 1-5; Is 16: 5; Is 41: 1-29, em especial os versículos 2 e 25; Is 42: 1-9; Is 44: 26; Is 44: 28; Is 45: 1; Is 45: 13; Is 48: 14-15; Is 49: 1-7 com especial enfoque no v. 7; Is 50: 1-11, com especial enfoque no v. 10; Is 52: 13; Is 53: 1-12, com especial enfoque nos vs. 2 e 11; Is 59: 16-21; Is 63: 1-6.

Aqui, muitos textos explicativos são repetidos em vários capítulos para que pessoas possam ler separadamente cada um deles sem perder a visão do todo.

Espero que você goste deste trabalho e tenha suas próprias experiências com o Senhor ao ler sobre Isaías.

Que o Espírito Santo seja o seu guia e professor nesta leitura!

Tânia Cristina

Notas:

- A versão evangélica aqui utilizada é a ‘Revista e Atualizada’ de João Ferreira de Almeida (ARA), 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [] ou parêntesis (), em *itálico*, foram colocadas por mim para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham. Neste caso, o texto entre colchetes não está em *itálico*.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).

Fontes de pesquisa:

- Douglas, J.D., O novo dicionário da bíblia, 2ª ed. 1995, Ed. Vida Nova.
- wikipedia.org e crystalinks.com (para algumas imagens).

Índice

Capítulo 56	8
Capítulo 57	10
Capítulo 58	14
Capítulo 59	22
Capítulo 60	27
Capítulo 61	45
Capítulo 62	52
Capítulo 63	56
Capítulo 64	63
Capítulo 65	65
Capítulo 66	76

Volumes 1 e 2 deste livro:

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias1.pdf>

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias2.pdf>

- Em muitos textos, nós vamos usar a ‘Concordância Lexicon Strong’. A Concordância de Strong é uma concordância da Bíblia King James (KJV), criada pelo teólogo inglês Dr. James Strong (1822-1894), junto com uma equipe de teólogos, e publicada pela primeira vez em 1890. Trata-se uma referência cruzada entre cada palavra na KJV o no texto original em Hebraico ou Grego. A cada palavra no idioma original foi dado um número de entrada para a concordância bíblica da KJV. Léxico significa um dicionário de línguas clássicas antigas. Para interpretar corretamente a Concordância Lexicon Strong é preciso levar em conta o contexto cultural da época, pois os números de Strong não consideram figuras de linguagem, metáforas, expressões idiomáticas, frases comuns, referências culturais, referências a eventos históricos ou significados alternativos utilizados pelos escritores daquele período de tempo para expressar seus pensamentos em sua própria língua (fonte: Wikipedia.org).

- E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

Capítulo 56

O chamamento dos gentios – v. 1-8.

• Is 56: 1-8: “Assim diz o Senhor: Mantende o juízo e fazei justiça [NVI: ‘Mantenham a justiça e pratiquem o que é direito’], porque a minha salvação está prestes a vir, e a minha justiça, prestes a manifestar-se. Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do homem que nisto se firma, que se guarda de profanar o sábado e guarda a sua mão de cometer algum mal. Não fale o estrangeiro que se houver chegado ao Senhor, dizendo: O Senhor, com efeito, me separará do seu povo; nem tampouco diga o eunuco: Eis que eu sou uma árvore seca. Porque assim diz o Senhor: Aos eunucos que guardam os meus sábados, escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança, darei na minha casa e dentro dos meus muros, um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará. Aos estrangeiros que se chegam ao Senhor, para o servirem e para amarem o nome do Senhor, sendo deste modo servos seus, sim, todos os que guardam o sábado, não o profanando, e abraçam a minha aliança, também os levarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha Casa de Oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos (cf. Mt 21: 13). Assim diz o Senhor Deus, que congrega os dispersos de Israel: Ainda congregarei outros aos que já se acham reunidos”.

Nestes versículos o Senhor fala para manter a prática da justiça e fazer o que é direito, pois o reino do Messias está chegando. Feliz é o homem que pratica os mandamentos do Senhor; Ele o honrará por isso. Ele não está exigindo nada além do que eles possam cumprir, do que foi dito através de outros profetas: “Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene” (Am 5: 24)... “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6: 8).

Deus não faz acepção de pessoas. A graça que está prometida aqui é para todos, judeus e gentios. Até mesmo os eunucos que vierem a Deus serão aceitos e o Senhor honrará sua fé e sua fidelidade. Todos aqueles a quem Ele já separou para serem Dele virão à Sua Casa, ao Templo, e ela será uma casa de oração para todos os povos, confirmando a oração que Salomão fez quando consagrou o primeiro templo (2 Cr 6: 32-33; 1 Rs 8: 41-43; 1 Rs 9: 3). Deus deixa claro para o povo que retornou do cativeiro babilônico, que Ele congregou de todos os lugares para onde foram dispersos: ‘Ainda congregarei outros aos que já se acham reunidos’, e isso fala sobre a conversão dos gentios. Os gentios que se voltarem para Ele compartilharão da Sua salvação. Podemos ver que no AT mesmo, no tempo de Ester e Mordecai, algumas pessoas se juntaram aos judeus quando souberam do decreto de Assuero (Et 8: 9-12) autorizando que os judeus se defendessem do ataque contra suas vidas, em todas as províncias do império persa, no dia treze de Adar: “Também em toda província e em toda cidade aonde chegava a palavra do rei e a sua ordem, havia entre os judeus alegria e regozijo, banquetes e festas; e muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus, porque o temor dos judeus tinha caído sobre eles” (Et 8: 17). O profeta Zacarias também escreveu sobre isso: “Assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda sucederá que virão povos e habitantes de muitas cidades; e os habitantes de uma cidade irão à outra, dizendo: Vamos depressa suplicar o favor do Senhor e buscar ao Senhor dos Exércitos; eu também irei. Virão muitos povos e poderosas nações buscar em Jerusalém ao Senhor dos Exércitos e suplicar o favor do Senhor. Assim diz o Senhor dos Exércitos: Naquele dia [NVI: Naqueles dias], sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim [NVI: agarrarão

firmemente], na orla da veste de um judeu e lhe dirão: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco” (Zc 8: 20-23), mostrando que logo após a reconstrução do templo, muitos gentios aceitaram o judaísmo. Aconteceria muito mais após a vinda de Jesus, quando o evangelho por Ele pregado atrairia os povos a Deus.

Quando Isaías fala em nome do Senhor, ‘porque a minha salvação está prestes a vir, e a minha justiça, prestes a manifestar-se’, está mais do que clara a salvação vinda através do Messias. Para eles, essa profecia ainda demoraria a se manifestar, setecentos anos, mas para Deus, que é atemporal e eterno, o nascimento de Jesus estava bem perto de acontecer.

‘Aos eunucos que guardam os meus sábados, escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança, darei na minha casa e dentro dos meus muros, um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará’ – isso quer dizer que mesmo aqueles que eram proibidos pela lei de Moisés de participar das assembléias solenes (Dt 23: 1), pela lei de Cristo estariam livres para participar da bênção da salvação trazida a todos os verdadeiros crentes. A dignidade desses fiéis seria até maior que a dos judeus da antiga aliança, pois o nome de Jesus em suas fronte teria grande valor diante do mundo espiritual (‘Um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará’). O nome de Jesus é eterno e o selo do Seu senhorio sobre nós (Seu sangue na nossa testa) jamais se apaga. Eles eram a recompensa pelo sacrifício de Jesus na cruz. A adoração desses estrangeiros ao Deus Vivo seria aceita por Ele com alegria.

Ai dos guias cegos de Israel – v. 9-12.

- Is 56: 9-12: “Vós, todos os animais do campo, todas as feras dos bosques, vinde comer. Os seus atalaias são cegos, nada sabem [NVI: ‘As sentinelas de Israel estão cegas e não têm conhecimento’]; todos são cães mudos, não podem ladrar; sonhadores preguiçosos, gostam de dormir. Tais cães são gulosos, nunca se fartam [NVI: ‘São cães devoradores, insaciáveis’]; são pastores que nada compreendem, e todos se tornam para o seu caminho, cada um para a sua ganância [NVI: ‘cada um procura vantagem própria’], todos sem exceção. Vinde, dizem eles, trarei vinho [NVI: ‘tragam-me vinho!’], e nos encharcaremos de bebida forte [NVI: ‘bebida fermentada’]; o dia de amanhã será como este e ainda maior e mais famoso [NVI: ‘até muito melhor’]”.

Quando o profeta fala sobre chamar os animais do campo e as feras dos bosques para comer, ele se refere à destruição dos líderes por nações ímpias, ou seja, dos sacerdotes e dos levitas (‘Os atalaias’ ou ‘As sentinelas de Israel’), que apascentavam a si mesmos e se esqueciam do rebanho, pois além de incrédulos, eram preguiçosos. Mais do que preguiçosos, só almejavam as vantagens do sacerdócio sem, entretanto, desempenhá-lo corretamente; eram insaciáveis (Mt 23: 14; 23-28). Quando lemos o livro do profeta Malaquias, onde ele fala com os sacerdotes, já podemos notar que tanto o povo como os líderes tinham se esfriado novamente na fé e na aliança com Deus. E isso se estenderia também ao Período Intertestamentário, onde surgiram os Saduceus e os rabinos, criando doutrinas próprias que sobrepujavam as Escrituras, trazendo grandes problemas por volta do nascimento de Jesus e durante todo o Seu ministério, quando o judaísmo já estava dividido em muitas seitas, umas brigando contra as outras.

Precisamos entender que esta profecia de Isaías está sendo entregue aos judeus no tempo dos assírios, antes do cativeiro da Babilônia, e que aconteceria com eles caso negligenciassem a advertência profética vinda de Deus. A incredulidade tomava conta do povo, dos profetas, dos sacerdotes e dos reis.

Capítulo 57

Condenada a idolatria de Israel – v. 1-13.

• Is 57: 1-13: “Perece o justo, e não há quem se impressione com isso; e os homens piedosos são arrebatados sem que alguém considere nesse fato; pois o justo é levado antes que venha o mal e entra na paz [NVI: ‘homens piedosos são tirados, e ninguém entende que os justos são tirados para serem poupados do mal’]; descansam no seu leito os que andam em retidão [NVI: ‘Aqueles que andam retamente entrarão na paz; acharão descanso na morte’]. Mas chegai-vos para aqui, vós, os filhos da agoureira [NVI: ‘filhos de adivinhas’], descendência da adúltera [NVI: ‘prole de adúlteros’] e da prostituta. De quem chasqueais? Contra quem escancarais a boca e deitais para fora a língua? [NVI: ‘De quem vocês estão zombando? De quem fazem pouco caso? E para quem mostram a língua?’] Porventura, não sois filhos da transgressão, descendência da falsidade, que vos abrais na concupiscência junto aos terebintos [NVI: ‘carvalhos’], debaixo de toda árvore frondosa, e sacrificais os filhos nos vales e nas fendas dos penhascos? [NVI: ‘debaixo de penhascos salientes’] Por entre as pedras lisas dos ribeiros está a tua parte; estas, estas te cairão em sorte [NVI: ‘Os ídolos entre as pedras lisas dos vales são a sua porção; são a sua parte’]; sobre elas também derramas a tua libação e lhes apresentas ofertas de manjares. Contentar-me-ia eu com estas coisas? Sobre monte alto e elevado pões o teu leito; para lá sobes para oferecer sacrificios. Detrás das portas e das ombreiras pões os teus símbolos eróticos [NVI: ‘seus símbolos pagãos’], puxas as cobertas, sobes ao leito e o alargas para os adúlteros [NVI: ‘subiu nele e o deixou escancarado’]; dizes-lhes as tuas exigências, amas-lhes a coabitação e lhes miras a nudez [NVI: ‘fez acordo com aqueles cujas camas você ama, e dos quais contemplou a nudez’]. Vais ao rei [*Moloch, Milcom ou Malcom, deus amonita, adorado com o sacrifício de crianças; era chamado de rei pelos seus adoradores*] com óleo [NVI: ‘azeite de oliva’] e multiplicas os teus perfumes; envias os teus embaixadores [ou ‘seus ídolos’, no original] para longe, até à profundidade do sepulcro [NVI: ‘ao fundo do poço’; em hebraico, ‘sheol’: sepultura, profundezas, pó, morte]. Na tua longa viagem te cansas, mas não dizes: É em vão [NVI: ‘Não há esperança!’]; achas o que buscas; por isso, não desfaleces [NVI: ‘Você recuperou as forças, e por isso não esmoreceu’]. Mas de quem tiveste receio ou temor, para que mentisses e não te lembrasses de mim, nem de mim te importasses? Não é, acaso, porque me calo, e isso desde muito tempo, e não me temes? [NVI: ‘Não será por que há muito estou calado que você não me teme?’] Eu publicarei essa justiça tua; e, quanto às tuas obras, elas não te aproveitarão [NVI: ‘elas não a beneficiarão’]. Quando clamares, a tua coleção de ídolos que te livre! Levá-los-á o vento; um assopro os arrebatará a todos, mas o que confia em mim herdará a terra e possuirá o meu santo monte”.

O Senhor está falando com o Seu povo sobre o quanto Ele já está enojado com a idolatria que eles praticam. Ele compara esses atos com o de uma prostituta, e chama os adoradores de ídolos de adúlteros. No primeiro versículo, Ele fala sobre os justos a quem Ele protege, levando-os para junto dEle para que não sofram com o juízo que Ele vai derramar sobre os ímpios e perversos. No seu leito de morte eles descansarão até o dia da ressurreição, quando eles terão sua recompensa. Depois, Ele se volta para os adoradores de falsos deuses. Deus chama os idólatras de ‘filhos da agoureira’ [NVI: ‘filhos de adivinhas’], ‘descendência da adúltera’ [NVI: ‘prole de adúlteros’] e da ‘prostituta’, pois não podem ser considerados da descendência de Abraão. Deus já está cansado da zombaria do Seu próprio povo que o provoca, colocando ídolos em altares nas fendas das rochas ou debaixo de grandes árvores (2 Reis 17: 10), oferecendo-lhes

sacrifícios. Ou fazem os seus altares em um lugar aberto, nos montes ('lugares altos'), e ali se entregam à adoração idólatra como uma adúltera impudente que não se preocupa se seu marido vai vê-la ou não. Ou ainda sacrificam nos vales, como costumavam a fazer no vale de Hinom ao sul de Jerusalém, onde se queimavam cadáveres de criminosos. Josias, por exemplo, queimou os ossos dos sacerdotes idólatras do tempo de Jeroboão (2 Rs 23: 15-20; 1 Rs 12: 28-32; 1 Rs 13: 2), pois no mesmo vale eram também oferecidos sacrifícios humanos a Moloque [Milcom ou Malcom], o deus dos amonitas (2 Rs 17: 17; 31; 2 Rs 23: 10; 2 Cr 28: 2-3; 2 Cr 33: 6-7; Jr 19: 1-6) ou Quemós (deus Moabita), adorado com o sacrifício de crianças. O significado de 'Hinom' é desconhecido; alguns sugerem: 'Ben Hinom', filho de Hinom [por causa do termo grego para o vale: Geenna – ge (vale de) hinnôm (Hinom)], dando a entender que é um nome próprio (2 Cr 28: 3; 2 Rs 23: 10 – 'vale dos filhos de Hinom'). Em Jr 7: 32 e Jr 19: 6 o nome é alterado pelo profeta para 'vale da matança'. É chamado de 'Vale de Tofete' ('local de fogo, local de queima' ou 'local de torra', 'torrefação') pelos Cananeus (Jr 7: 31-32; Jr 19: 12); em hebraico: 'lugar de chama ou aborrecimento', 'fornalha'. As pedras lisas dos ribeiros eram pedras abobadadas que eles usavam para fazer sombra, ou já eram abóbadas escuras em rochas, convenientes para os sacrifícios idólatras. Aqui neste texto de Isaías, 'o rei' se refere a Moloque, Milcom ou Malcom, deus amonita adorado com o sacrifício de crianças; era chamado de 'rei' pelos seus adoradores. Reis de Judá ofereceram seus próprios filhos como sacrifício a esses deuses estranhos, provocando a ira de Deus (Acáz e Manassés).

'Detrás das portas e das ombreiras pões os teus símbolos eróticos [NVI: 'seus símbolos pagãos']' – onde os pagãos colocavam seus deuses domésticos, protetores das suas casas, da mesma forma que a Mezuzá (Dt 6: 9; Dt 11: 20) foi dada para ser colocada nos batentes das portas com a palavra de Deus para que eles a guardassem sempre na memória.

'Puxas as cobertas, sobes ao leito e o alargas para os adúlteros [NVI: 'subiu nele e o deixou escancarado']; dizes-lhes as tuas exigências, amas-lhes a coabitação e lhes miras a nudez [NVI: 'fez acordo com aqueles cujas camas você ama, e dos quais contemplou a nudez']' – significa a multiplicação de deuses e altares, convidando-os para dentro de sua vida e adorando-os. 'Puxas as cobertas' – Ele compara esses comportamentos todos à de uma prostituta, pois a aliança com os ídolos é uma violação à aliança deles com Deus (Êx 19: 5-8; Êx 23: 32).

'Vais ao rei [*Moloque*], com óleo [NVI: 'azeite de oliva'] e multiplicas os teus perfumes' – diz respeito ao ídolo que eles vieram adorar, perfumado com óleo, como as prostitutas levam presentes aos seus amantes para conseguir vantagens (Os 12: 1; Ez 16: 33). Em Am 5: 26, o ídolo (Sicute) também é chamado de 'rei'.

'Envias os teus embaixadores [ou 'seus ídolos', no original] para longe, até à profundidade do sepulcro [NVI: 'ao fundo do poço'; em hebraico, 'sheol': sepultura, profundezas, pó, morte]' – quando o profeta fala 'embaixadores', ele se refere aos ídolos que o povo leva às nações vizinhas em busca de novos ídolos ou para corromper outros povos com os seus ídolos, levando muitas pessoas à morte espiritual por causa da idolatria ('ao fundo do poço'; em hebraico, 'sheol').

'Na tua longa viagem te cansas, mas não dizes: É em vão [NVI: 'Não há esperança!']; achas o que buscas; por isso, não desfaleces [NVI: 'Você recuperou as forças, e por isso não esmoreceu']' – a devoção a esses ídolos é tamanha que as pessoas não poupam esforços para realizar a sua adoração. Eles se cansam na caminhada, mas renovam suas forças para chegar até o lugar onde devem oferecer os sacrifícios. Ou, então, essa frase se refere à jornada espiritual dessas pessoas na busca de deuses estranhos (Jr 2: 23-24), dos quais elas não desistem (Jr 2: 25; Jr 18: 12). A diligência

delas é inútil, pois estão sendo enganadas. É a mesma diligência mencionada em Is 44: 12, ao falar do artífice que faz o ídolo e que fica sem comer, sem beber e até desfalece, mas não desiste até acabar a obra de escultura.

Por causa de toda a teimosia, rebeldia e irreverência, Deus não ouvirá o clamor deles no dia da angústia. Sua ira será violenta e repentina, e os ídolos serão consumidos.

Mensagem de paz para os arrependidos – v. 14-19.

• Is 57: 14-19: “Dir-se-á: Aterrai, aterrai, preparai o caminho, tirai os tropeços do caminho do meu povo. Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos [NVI: ‘para dar novo ânimo ao espírito do humilde e novo alento ao coração do contrito’]. Pois não contenderei para sempre, nem me indignarei continuamente; porque, do contrário, o espírito definharia diante de mim, e o fôlego da vida, que eu criei. Por causa da indignidade da sua cobiça, eu me indignei e feri o povo; escondi a face e indignei-me, mas, rebelde, seguiu ele o caminho da sua escolha. Tenho visto os seus caminhos e o sararei; também o guiarei e lhe tornarei a dar consolação, a saber, aos que dele choram. Como fruto dos seus lábios criei a paz, paz para os que estão longe e para os que estão perto, diz o Senhor, e eu o sararei”.

O Senhor primeiro falou sobre a idolatria de Israel e a reprovou, mas Sua disposição é sempre ter misericórdia para com os que se arrependem do seu erro. Por isso, o texto aparece em seqüência, e a palavra parece ser dirigida a quem pode endireitar o caminho espiritual deste povo pecaminoso, ou seja, profetas e sacerdotes, começando por si mesmos, endireitando a sua própria vida espiritual, refazendo a sua aliança com Deus, para depois mostrar ao povo o caminho correto diante do Senhor. Ele fala: ‘tirai os tropeços do caminho do meu povo’, ou seja, a superstição, a idolatria e a impiedade.

A profecia parece ser dirigida ao povo que ainda está em Israel, pois não poderiam subir aos altos para prestar culto idólatra, nem oferecer sacrifícios debaixo de terebintos ou carvalhos estando em cativeiro em terra estranha. Por isso, presume-se que todas essas práticas estavam sendo realizadas em Israel mesmo.

A raiz de idolatria no coração deste povo precisava ser extirpada. Ela estava presente até antes da saída deles do Egito; era coisa antiga, e Deus conhecia isso. Tanto é que o cativeiro ocorreu por causa dos pecados da nação, entre eles, a idolatria. Da mesma forma que João Batista foi enviado para preparar o caminho do Messias, o Senhor fala com aqueles que têm nas mãos, hoje, o poder de ministrar Sua palavra e ensinar a verdade às pessoas e repreender os que estão no erro para que se arrependam e sejam salvos.

Deus disse que habita no alto, no santo lugar, mas também nos corações arrependidos e humildes de espírito que temem o Seu nome. A estes, Ele renova e dá forças para retomar sua caminhada com Ele, vencendo as tentações da carne e derrubando as barreiras das trevas. Ele reconhece que esteve irado com o Seu povo, mas essa ira não vai durar para sempre. Para aqueles que foram humilhados sob a mão de Deus e que choram pelos seus pecados e pelos dos outros, Ele virá com misericórdia e consolo. E o fruto desse arrependimento será a paz; uma paz que só pode vir de Deus, não de homens. Essa paz está reservada para o Seu povo (‘os que estão perto’) e para os gentios (‘os que estão longe’).

Deus trata Seus filhos da maneira como eles se comportam diante dEle: “Para com o benigno, benigno te mostras; com o íntegro, também íntegro. Com o puro, puro te mostras; com o perverso, inflexível. Porque tu salvas o povo humilde, mas os olhos

altivos, tu os abates” (Sl 18: 25-27). Até mesmo Jesus se comportou dessa maneira. Mostrou misericórdia e compaixão para com o pecador arrependido, mas deixou muito clara a Sua autoridade com os altivos e orgulhosos mestres da lei, que tentavam sabotar Sua doutrina e Sua missão, afastando o povo da verdade do evangelho. Ao morrer na cruz, Ele deixou o caminho aberto para todos aqueles que sentem a necessidade de perdão e reconciliação com Deus. Mas os que insistem em seus caminhos perversos, Ele permite que sigam seu livre-arbítrio porque vai chegar o dia do acerto de contas.

Para os ímpios não há paz – v. 20-21.

- Is 57: 20-21 (cf. Isaías 48: 22): “Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo. Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz”.

Suas mentes estão inquietas, sempre ansiosas e preocupadas com suas próprias concupiscências e paixões, com culpa e com o temor da vingança divina. Sua má consciência os atormenta e, portanto, eles nunca encontram o descanso. A paz é um fruto do Espírito Santo: “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei” (Gl 5: 22-23). Ela é resultado de uma entrega que nos leva à harmonia de propósito com Ele e nos faz desejar o que Ele deseja; é a certeza de que tudo se resolve porque Ele é Deus. A paz nos torna parecidos com Jesus, pois passamos a ver que com Ele dentro de nós nada mais nos ameaça.

Nas bem-aventuranças Jesus disse: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”. Para haver paz na nossa alma é necessário extirpar a outra natureza em nós (a natureza do diabo em nossa carne) e cultivar Jesus no nosso coração. Fazer a paz é ficar do lado de Deus. Os pacificadores são chamados filhos de Deus, pois se assemelham a Ele. Para levarmos a paz a alguém, é preciso conquistar, antes de tudo, a paz dentro do nosso próprio ser, isto é, estarmos harmonizados com o projeto divino para nós. É não haver mais brigas entre a nossa carne, o nosso espírito e o Espírito Santo. De certa forma, é algo que decorre da mansidão, do fato de nos entregarmos inteiramente ao moldar do Senhor em nós.

Capítulo 58

O espírito de cerimonialismo e legalismo é condenado na prática do jejum; o jejum que agrada a Deus – v. 1-4.

• Is 58: 1-4: “Clama a plenos pulmões, não te detenhas [NVI: ‘Grite alto, não se contenha! Levante a voz como trombeta’], ergue a voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão e à casa de Jacó, os seus pecados. Mesmo neste estado [NVI: ‘dia a dia’], ainda me procuram dia a dia, têm prazer em saber os meus caminhos; como povo que pratica a justiça e não deixa o direito do seu Deus [NVI: ‘parecem desejosos de conhecer os meus caminhos, como se fossem uma nação que faz o que é direito e que não abandonou os mandamentos do seu Deus’], perguntam-me pelos direitos da justiça, têm prazer em se chegar a Deus [NVI: ‘parecem desejosos de que Deus se aproxime deles’], dizendo: Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos a nossa alma, e tu não o levas em conta? Eis que, no dia em que jejuais, cuidais dos vossos próprios interesses e exigis que se faça todo o vosso trabalho [NVI: ‘no dia do seu jejum vocês fazem o que é do agrado de vocês, e exploram os seus empregados’]. Eis que jejuais para contendas e rixas e para ferirdes com punho iníquo [NVI: ‘Seu jejum termina em discussão e rixa, e em brigas de socos brutais’]; jejuando assim como hoje, não se fará ouvir a vossa voz no alto”.



O Senhor diz que está disposto a usar toda diligência e severidade para repreender os hipócritas. Ele diz ao profeta: ‘Clama a plenos pulmões’ ou ‘Em voz alta’; em hebraico: ‘com a garganta’ (Garown, ‘garganta’ – Strong #1627), isto é, com voz cheia, não apenas dos lábios (1 Sam. 1: 13). Ele deveria falar alto o suficiente para chamar a atenção. Deus estava pedindo a ele que anunciasse a transgressão do Seu povo. Transgressão (em hebraico, peshah – Strong #6588) significa: desobediência; ato ou efeito transgredir; ir além dos limites; atravessar; não observar, não respeitar (as leis ou regulamentos); infringir. Como sempre, eles estavam mais preocupados com o exterior, com as aparências e com a religiosidade, mas seu interior não acompanhava seus atos, ou seja, não havia devoção; o coração, na verdade, estava longe do Senhor, Seus mandamentos estavam sendo cumpridos como um ritual sem vida.

‘Ergue a voz como a trombeta’ – nesta frase, a palavra trombeta, em hebraico, diz respeito ao chifre de carneiro (Shophar ou Shofar שׁוֹפָר – Strong #7782, de forma a dar um som bem claro).

‘Mesmo neste estado’ (ARA) ou ‘dia a dia’ (NVI), nas versões em inglês e em hebraico é ‘dia a dia’ ou ‘diariamente’ (Strong #3117 – yowm). O texto dá seqüência ao capítulo 57, que é dirigido ao povo que ainda está em Israel, pois não poderiam subir aos altos para prestar culto idólatra, nem oferecer sacrifícios debaixo de terebintos ou carvalhos estando em cativeiro em terra estranha. Por isso, presume-se que todas essas práticas, inclusive o jejum, estavam sendo realizadas em Israel mesmo. Não se refere aos judeus no cativeiro na Babilônia.

O povo em questão parecia sentir prazer em ir ao templo, oferecer sacrifícios, ouvir a palavra de Deus e procurar saber qual a Sua vontade, mas não colocavam em prática as orientações que eram dadas através dos profetas. Assim, nós podemos pensar que a frase acima ‘Mesmo neste estado’ signifique: ‘mesmo que eles continuem em pecado, com dupla prática religiosa, ainda me buscam todo o dia, dia após dia’ (o Senhor estava falando).

Entretanto, eles ainda argumentavam com Deus: por que Ele não sentia prazer neles, por que tanta palavra profética de advertência, por que palavras tão pesadas se eles estavam fazendo tudo direitinho, e ainda afligiam suas almas com jejum? ‘Por que afligimos a nossa alma, e tu não o levas em conta?’

O verbo ‘afligir’ usado em Lv 16: 29 para o dia do jejum (ARA e KJV) é substituído por ‘vocês se humilharão’ (NVI em Português) e ‘vocês devem negar a si mesmos’ (NVI em Inglês). Em hebraico é: ‘anah (Strong #6031), que significa: olhar para baixo ou intimidar, amedrontar; deprimir (literalmente ou figurativamente), rebaixar, humilhar, humilhar-se, degradar, afligir, aflição, afligir-se, castigar-se, gentileza, magoar, submeter-se, enfraquecer. A palavra ‘anah (Strong #6031) dá origem à outra: ‘anav (Strong #6035, Nm 12: 3): manso, deprimido (figurativamente) na mente (gentil, manso) ou nas circunstâncias (necessitado, santo, virtuoso): humilde, modesto, manso, pobre.

Mas Deus responde: “Eis que, no dia em que jejuais, cuidais dos vossos próprios interesses e exigis que se faça todo o vosso trabalho [NVI: ‘no dia do seu jejum vocês fazem o que é do agrado de vocês, e exploram os seus empregados’]”.

Isso significa que, embora eles se abstivessem da comida material (corporal) as inclinações pecaminosas da alma continuavam; faziam o que agradava à sua alma, e não deixavam de ganhar seu dinheiro, pois seus empregados continuavam a trabalhar para eles e o dinheiro dos empréstimos continuava a chegar aos seus bolsos, até com usura.

Mas Isaías escreve as razões de Deus sobre o jejum que eles estavam fazendo. Não era para buscá-IO. Além de cuidarem dos próprios interesses, eles jejuavam para “contendas e rixas e para ferirdes com punho iníquo [NVI: ‘Seu jejum termina em discussão e rixa, e em brigas de socos brutais’]; jejuando assim como hoje, não se fará ouvir a vossa voz no alto” (Is 58: 4).

Isso quer dizer que ao invés de buscar a Deus nesse dia de jejum e demonstrar compaixão pelo semelhante, eles se ocupavam em contender e debater idéias, oprimir os mais fracos (servos e devedores, por exemplo), brigar com eles e até feri-los fisicamente; tudo por ostentação. Dessa forma, suas orações não seriam ouvidas.

Na verdade, o jejum é uma abstinência de algo que gostamos e, aparentemente, nos faz muita falta, não apenas em questão de alimentos, como também certos hábitos ‘gostosos’ que servem de alimento para a carne: maledicência, mexerico, inveja, consumismo, cigarro, bebidas, certos programas de rádio e televisão, sexo etc. Trata-se da abstinência de algo que já se tornou um hábito, em particular o alimento, e que nos

afasta da comunhão com o Senhor. Infelizmente, muitas pessoas repetem o que os nossos irmãos do passado fizeram, como foi descrito pelos profetas: jejuam por outros motivos que não a proximidade com Deus. Acabam aproveitando o jejum para fazer regime, para conquistar bênçãos etc. Durante o período em que nos abstermos de algum alimento, devemos ler a Palavra, orar, procurar revelação espiritual, nos ‘desligar’ das coisas mundanas para podermos estar diante do trono de Deus.

O jejum é para santificar a carne e colocá-la debaixo do domínio do Espírito Santo, só assim a pessoa se fortalece espiritualmente; em outras palavras, o jejum é para quebrar as barreiras da carne: “Disseram-lhes eles: Os discípulos de João e bem assim os dos fariseus freqüentemente jejuam e fazem orações; os teus, entretanto, comem e bebem. Jesus, porém, lhes disse: Podeis fazer jejuar os convidados para o casamento, enquanto está com eles o noivo? Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo; naqueles dias, sim, jejuarão” (Lc 5: 33-35). Por isso, Jesus disse aos fariseus que Seus discípulos não precisavam jejuar como os outros enquanto Ele estivesse com eles, pessoalmente, porque a luz do Espírito estava ali sobrepujando a carne, mas quando Ele se fosse, teriam que buscá-la por si mesmos através do Consolador que deixaria com eles.

Exemplos de jejuns na bíblia – muitos servos de Deus na bíblia fizeram jejum em momentos difíceis de suas vidas para receberem a direção, a revelação e a libertação de Deus: Moisés ficou em jejum quarenta dias e quarenta noites no Monte Sinai para receber os mandamentos de Deus (Êx 24: 18 – as primeiras tábuas da Lei; Êx 34: 28 – as segundas tábuas da Lei). Elias caminhou quarenta dias e quarenta noites até o Monte Horebe, onde se escondeu numa caverna e ouviu a voz de Deus (1 Rs 19: 8-9). Ester fez um jejum de três dias antes de ir à presença do rei Assuero para suplicar pela sua vida e pela de seu povo (Et 4: 16-17; Et 5: 1). Neemias também jejuou e orou a Deus quando soube do estado de destruição de Jerusalém (Ne 1: 4). Esdras jejuou junto ao rio Aava pedindo a ajuda de Deus em sua jornada até Jerusalém para ministrar no templo que havia sido construído (Ed 8: 21-23). Daniel ficou em jejum por vinte e um dias até receber a revelação sobre uma visão que tivera e que envolvia grande conflito (Dn 10: 1-3; 13), pois falava de tempos longínquos e de poderosos reinos que viriam. Jesus foi o maior exemplo, quando ficou no deserto em jejum de quarenta dias e quarenta noites sendo tentado por Satanás.

Em Zacarias temos também um comentário interessante sobre o propósito do jejum, nos mostrando que, na verdade, o objetivo do jejum não é para mortificar a carne nem para conquistar bênçãos, muito menos para cobrar algo de Deus, porém, para nos aproximarmos dEle, para avivá-LO em nós:

- Zc 7: 3-5: “... perguntaram os sacerdotes, que estavam na Casa do Senhor dos Exércitos aos profetas: Continuaremos nós a chorar, com jejum, no quinto mês, como temos feito por tantos anos? Então, a palavra do Senhor dos Exércitos me veio a mim, dizendo: Fala a todo o povo desta terra e aos sacerdotes: Quando jejuastes e pranteastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, acaso foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim?”

Em Zc 8: 19, nós podemos ver quatro meses de jejum observados pelos Judeus, instituídos pós-exílio, que marcavam os desastres da história judaica. A bíblia diz: “Assim diz o Senhor dos Exércitos: O jejum do quarto mês, e o do quinto mês, e o do sétimo, e o do décimo serão para a casa de Judá regozijo, alegria e festividades solenes; amai, pois, a verdade e a paz”.

Jejuns mencionados acima:

- Quarto mês (2 Rs 25: 3 – a cidade de Jerusalém foi tomada pelos Babilônios).
- Quinto mês (2 Rs 25: 8 – o templo foi queimado).

- Sétimo mês (Jr 41: 1 – Gedalias foi morto). Gedalias (Jr 40: 5), filho de Aicão, filho de Safã, foi a quem o rei da Babilônia nomeou governador das cidades de Judá. Este jejum não deve ser confundido com o jejum da Expição (Êx 30: 10; Lv 16: 29-34; Lv 23: 26-32) ou ‘Yom Kippur’.

- Décimo mês (2 Rs 25: 1; Ez 24: 1 – quando o exército Babilônico sitiou a cidade).

Esta profecia de Zacarias é dirigida aos judeus que retornaram do cativeiro, e continuaram com os jejuns que eles mesmos tinham instituído. Entretanto (Zc 7: 3-5), a motivação não parecia ser apenas agradar a Deus e buscá-LO, e sim buscar seus próprios interesses; por isso, o Senhor perguntou: “Quando jejuastes e pranteastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, acaso foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim?” (Zc 7: 5b) Muito provavelmente, eles estavam fazendo o que faziam antes de irem para o cativeiro. Então, usou o profeta para lhes dizer o que Ele esperava deles: “Eis as coisas que deveis fazer: Falai a verdade cada um com o seu próximo, executai juízo nas vossas portas, segundo a verdade, em favor da paz; nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo, nem ame o juramento falso, porque a todas estas coisas eu aborreço, diz o Senhor” (Zc 8: 16-17).

O jejum que agrada a Deus e suas recompensas – v. 5-12.

- Is 58: 5-12: “Seria este o jejum que escolhi, que o homem um dia aflija a sua alma [NVI: ‘que apenas um dia o homem se humilhe’], incline a sua cabeça como o junco e estenda debaixo de si pano de saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aceitável ao Senhor? Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? [NVI: ‘soltar as correntes da injustiça, desatar as cordas do jugo, pôr em liberdade os oprimidos e romper todo jugo?'] Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados [NVI: ‘abrigar o pobre desamparado’], e, se vires o nu, o cubras [NVI: ‘vestir o nu que você encontrou’], e não te escondas do teu semelhante? [NVI: ‘e não recusar ajuda ao próximo?'] Então, romperá a tua luz como a alva, a tua cura brotará sem detença, a tua justiça irá adiante de ti [NVI: ‘a sua retidão irá adiante de você’], e a glória do Senhor será a tua retaguarda; então, clamarás, e o Senhor te responderá; gritarás por socorro, e ele dirá: Eis-me aqui. Se tirares do meio de ti o jugo, o dedo que ameaça, o falar injurioso [NVI: ‘Se você eliminar do seu meio o jugo opressor, o dedo acusador e a falsidade do falar’]; se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita [NVI: ‘se com renúncia própria você beneficiar os famintos e satisfizer o anseio dos aflitos’], então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão [NVI: ‘sua noite’] será como o meio-dia. O Senhor te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos [NVI: ‘satisfará os seus desejos numa terra ressequida pelo sol’] e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam. Os teus filhos edificarão as antigas ruínas [NVI: ‘Seu povo reconstruirá as velhas ruínas’]; levantarás os fundamentos de muitas gerações [NVI: ‘e restaurará os alicerces antigos’] e serás chamado reparador de brechas e restaurador de veredas para que o país se torne habitável [NVI: ‘você será chamado reparador de muros, restaurador de ruas e moradias’]”.

Deus estava falando que Ele não tinha planejado o dia da Expição (o jejum) para deixar o ser humano ficasse sem forças, infeliz, chorando e prateando – Is 58: 5: “Seria este o jejum que escolhi, que o homem um dia aflija a sua alma [NVI: ‘que apenas um dia o homem se humilhe’], incline a sua cabeça como o junco e estenda debaixo de si pano de saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aceitável ao Senhor?”

Ele explica que tipo de jejum seria agradável a Deus: soltar as correntes da injustiça, desatar as cordas da servidão, pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar todo jugo; repartir o pão com o faminto, abrigar o pobre desamparado, vestir o que está nu e não recusar ajuda ao próximo. Parar com as ameaças e com as acusações e com a falsidade do falar, abrir mão do egoísmo, beneficiar os necessitados e satisfazer o anseio dos aflitos. Perdoar as ofensas do seu próximo e perdoar suas dívidas financeiras também. Em resumo: o Dia do jejum (O dia da expiação – Yom Kippur – Lv 23: 26-28) seria um dia de implorar o perdão de Deus pelos seus pecados, buscar Sua misericórdia e demonstrar compaixão por todos os homens, libertando-os da escravidão (física e espiritual), suprimindo sua alma de todas as maneiras e não se escondendo daqueles que pediam ajuda; sobretudo, praticar a justiça, deixando de lado as acusações, a boca falsa, cheia de insulto e que causava feridas de todos os tipos. Também deveriam acabar com a opressão cruel da usura (um empréstimo com juros excessivos) e da extorsão. Essa nova prática era uma forma de mostrar que havia uma mudança real em suas almas.

Apenas um parêntese aqui para explicar certas coisas:

No AT os empréstimos em Israel não tinham cunho comercial e, sim caritativo, concedidos não para permitir a um comerciante que se estabelecesse e expandisse seu negócio, mas para sustentar um fazendeiro aldeão em período de pobreza. No NT o quadro se altera. Os devedores (parábola do administrador infiel, Lc 16: 1-8) eram arrendatários (pessoas que alugavam algo de alguém) que pagavam em dinheiro ou eram comerciantes que haviam recebido mercadorias a crédito.

A palavra usura não tem o mesmo sentido de hoje, usado para lucro exorbitante. No AT era prática proibida para que não houvesse exploração contra irmãos, aproveitando-se da desgraça do compatriota (Êx 22: 25-27; Lv 25: 35-37; Dt 23: 19-20; Dt 24: 10-13). Entretanto, permitia-se cobrar os juros ao estrangeiro (Dt 23: 20).

Penhor: era usado para um empréstimo temporário, na hipoteca de uma propriedade ou na fiança de um financiador (Êx 22: 26; Dt 24: 10-13). Nos casos em que não houvesse garantia pela dívida os devedores poderiam ser vendidos como escravos (Ne 5: 5).

Dessa forma, se eles seguissem a lei dada por Deus, que beneficiava uns aos outros na área financeira, não a que eles fizeram posteriormente para benefício próprio, eles receberiam algumas ‘vantagens’ da parte do Senhor: a luz deles (a presença de Deus neles, com sinceridade, verdade, ousadia e autoridade) romperia como se fosse a alvorada, quando o sol termina com a escuridão da noite ou atravessa uma nuvem após a chuva, mostrando que, mesmo em meio às dificuldades, eles receberiam as bênçãos do alto e seriam vitoriosos sobre as adversidades. Conosco é a mesma coisa: a presença de Deus em nós rompe as dificuldades e os impedimentos em nosso caminho. A cura que eles necessitavam viria rapidamente. A sua justiça iria adiante deles, ou seja, a fama da sua retidão seria um caminho aberto à sua frente para qualquer tipo de relacionamento ou de transação comercial porque todos saberiam que eles eram pessoas de confiança. A dignidade, a honra e o poder de provisão de Deus seriam como um exército à sua retaguarda para que ninguém trapaceasse com eles ou os traíssem pelas costas. Deus os guardaria. O testemunho da bondade deles apareceria diante de Deus e dos homens. Também, se eles usassem sua boca da maneira correta, não ameaçassem ninguém, não trapaceassem nos negócios nem mentissem a fim de ter lucro egoísta e se eles beneficiassem os menos privilegiados, então, a verdade e a aprovação de Deus prevaleceriam, pois onde há verdade está a presença do Espírito de Deus, que traz liberdade. Debajo da clareza e da verdade, nada fica escondido e não há desconfiança. A adversidade se transforma em prosperidade.

O Senhor prometia que, se eles procedessem da maneira correta, Ele seria seu guia, como um pastor que vai à frente do seu rebanho e leva suas ovelhas para lugares onde há grama e pasto, não para um deserto seco, onde elas não têm o que comer. Mesmo durante períodos difíceis, Ele lhes daria um escape e eles não passariam necessidade. E essa promessa de ser seu guia é contínua, não temporária. Em lugares áridos (escassez, necessidade e esterilidade) não tem alimento suficiente para se acumular gordura no corpo; a pessoa que passa por muito tempo nessas condições fica só ‘pele e osso’, como costumamos dizer, e, depois, até seus ossos enfraquecem. Por isso, Deus os estava confortando nesse sentido para que eles não vivessem ansiosos por causa das coisas materiais como seus antepassados no deserto reclamaram tanto com Moisés. A bíblia diz que seus pés não incharam nem suas vestes envelheceram, nem seus sapatos se gastaram (Ne 9: 21; Dt 8: 4; 14-16; Dt 29: 5). O Senhor fortaleceria seus ossos e faria deles um manancial de vida, pela palavra de fé que brotaria dos seus lábios e colocaria o poder de Deus em ação. Ele não abriu um poço de água no deserto para saciar a sede de Agar quando ela estava fugindo de Sara (Gn 16: 7; 14)? E não deu água a ela e a Ismael quando foram mandados embora do acampamento de Abraão (Gn 21: 16; 17; 19)? Quando a bênção de Deus está presente, a vida do crente é sempre fértil como um jardim regado, pois ainda que tenha poucos recursos materiais, Deus consegue lhe dar uma capacidade incrível de administração do que a pessoa tem em suas mãos, e nada fica faltando.

O Senhor também promete para sua descendência a capacidade de reparar cidades arruinadas, com muros destruídos, como aconteceu com a própria cidade de Jerusalém após o exílio. Os muros foram construídos com pedras inteiras e com cascalho, mesmo sob a zombaria do inimigo, mas permaneceram de pé; e séculos mais tarde eles conseguiram refazê-los de maneira melhor. Muitas outras cidades de Judá outrora destruídas foram recuperadas antes mesmo de chegar os tempos do evangelho. Mais do que edificar as antigas ruínas materiais das cidades, aqui há uma promessa de reconstrução espiritual da igreja em Jerusalém nos tempos do Messias através dos apóstolos, onde ‘cidades arruinadas’ é o símbolo das pessoas destruídas pelas falsas doutrinas religiosas e carentes da presença do Deus Vivo, da fé e da esperança de salvação. As boas tradições deixadas, ou seja, ‘os alicerces antigos’, ‘os fundamentos de muitas gerações’ serão erguidos novamente, pois são os alicerces plantados por Deus para a humanidade, Suas leis imutáveis que mantêm o ser humano no caminho da verdade. Ser reparador de brechas não diz respeito apenas a manter suas cidades fortificadas em bom estado de conservação, mas restaurar a vida daqueles que estão se desviando da palavra de Deus e deixando o inimigo entrar para destruir tudo. Significa dar uma palavra de conforto para os aflitos para que não percam a fé e consigam erguer sua auto-estima em meio às provações, quando os pessimistas à sua volta tentam destruí-los ou fazê-los desistir de lutar e conquistar seus objetivos. Ser ‘restaurador de veredas para que o país se torne habitável’ ou ‘você será chamado restaurador de ruas e moradias’ é ter a capacidade de colocar no caminho correto as pessoas que se desviam ou que se acham perdidas, sem saber o que fazer ou para onde ir, no sentido físico, emocional e espiritual. É pelo Espírito de Deus que se consegue esse dom, pois a Sua palavra traz junto a justiça para qualquer situação e, portanto, a liberdade, removendo dúvidas e confusões das trevas que desencaminham as pessoas.

A observância do sábado – v. 13-14.

- Is 58: 13-14: “Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia [NVI: ‘para não fazer o que bem quiserem meu santo dia’]; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não

seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no Senhor [NVI: ‘então você terá no Senhor a sua alegria’]. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai [NVI: ‘eu farei com que você... se banqueteie com a herança de Jacó, seu pai’], porque a boca do Senhor o disse”.

Em Lv 23: 30-32; Lv 16: 29-34 e Nm 29: 7, o Jejum da Expição está intimamente relacionado ao sábado; assim como o sábado é mencionado junto com as festas solenes do Senhor (Lv 23: 2-3; Êx 23: 12). Em Lv 16: 31 (Em relação ao Dia da Expição, Yom Kippur), por exemplo, está escrito: “É sábado de descanso solene para vós outros, e afligireis a vossa alma; é estatuto perpétuo”, onde o uso da palavra sábado era para denotar um dia solene de descanso, não tanto uma celebração. Nesse versículo, a palavra ‘sábado’, em hebraico, é ‘shabbat’ – Strong #7676, significando: pausa, intervalo, interrupção. E a palavra ‘descanso’ é ‘shabbathon’ – Strong #7677, derivada de Shabbat, significando: um sabatismo (descanso sabático), um feriado especial. Isso quer dizer que o Yom Kippur não seria celebrado necessariamente num sábado, mas seria como um sábado.

O Senhor deixou para o Seu povo o dia de sábado não como um fardo ou uma obrigação, mas como uma forma de descansarem nEle neste dia para receberem dEle a instrução, a renovação de suas forças e aprenderem a ter com Ele a intimidade que não estava presente nos povos pagãos. Era um dia de separação das coisas mundanas para se lembrar das coisas espirituais. A falha dos judeus em obedecer a este mandamento foi uma das causas de serem levados para o cativeiro (2 Cr 36: 21; Jr 25: 11-12; Jr 29: 10; Dn 9: 2), pois o sábado não era apenas um dia de descanso na semana, como também representava o Ano do descanso ou Ano Sabático, ou seja, o descanso da terra a cada sete anos (Lv 25: 2-4; Êx 23: 10-11) para que a terra descansasse e voltasse a ser produtiva. Essa era uma forma de honrar o Senhor. Como, porém, deixaram de fazer isso ao longo dos séculos, Deus os condenou e retirou todos os sábados de descanso de uma só vez. A terra ficaria adormecida durante o cativeiro na Babilônia (Lv 26: 34-35; 43), setenta anos. Por isso Neemias (Ne 13: 15-22) fez questão de restabelecer a observância do sábado, quando a cidade foi reconstruída, para que eles continuassem debaixo da graça de Deus.

Sábado vem do hebraico, Shabbat, que significa: ‘descanso, cessação ou interrupção’. O Senhor separou um dia da semana para descansarmos das nossas atividades rotineiras, para recondicionarmos nossa alma em contato com Ele. Deus nos concedeu este dia para que tenhamos oportunidade de desfrutar algumas das melhores e mais importantes realidades da vida, e não para que fosse um dia de proibições. Nesse dia de descanso, sem nos preocuparmos em trabalhar para acumular riquezas, podemos entrar em contato não só com Deus para ouvir Sua voz, mas com a família e os amigos dando valor à amizade verdadeira e aos relacionamentos sadios onde Ele também quer participar. Ou é um dia em que nos separamos do barulho da civilização para estarmos em contato com a natureza onde Deus também pode se manifestar a nós e nos ensinar lições importantes. Para nós, cristãos, o domingo foi separado como um dia de consagração a Deus. Isso não quer dizer que devemos conversar com Ele só no domingo, mas deve ser um dia especial, quando ouvir Sua voz significa recebermos Sua direção para a nossa nova semana e podermos entregar a Ele os frutos da semana que passou, agradecendo-Lhe por Sua ajuda. Devemos dar descanso à nossa terra, à nossa alma, como era prescrito na Lei, periodicamente, após um período de luta espiritual para que o nosso interior possa refazer-se do esgotamento sofrido. É dar descanso à nossa terra interior e nos afastar da convivência com tudo aquilo que não agrada ao Senhor para estarmos no altar em intimidade com o Seu Espírito, recebendo Seu consolo, Sua

direção e Sua força. Entretanto, a palavra Shabbat tem um significado mais profundo do que simplesmente um descanso físico. Ela significa que, qualquer que seja o dia da semana que separemos para Deus, nós devemos descansar nEle naquilo que não podemos fazer, por isso, em certas situações da nossa vida, podemos viver um tempo de Shabbat, esperando no livramento e no socorro do Senhor.

Capítulo 59

O pecado nos separa de Deus; Confissão da maldade nacional – v. 1-2.

- Is 59: 1-2: “Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça”.

O profeta inicia o capítulo 59 dizendo que Deus não está com a mão impossibilitada para salvar nem Seu ouvido é surdo para que Ele não possa ouvir a oração do Seu povo, mas como seus pecados os separam dEle, não há resposta às suas orações. Deus esconde Sua face deles, pois as orações parecem carregadas de segundas intenções ou eles estão orando outra coisa que não importa tanto para Ele, mais do que um pedido de perdão. Então, Isaías mostra a eles os seus pecados para que possam entender por que Deus não atenta para suas orações.

Assassinato, roubo, falsidade, injustiça, crueldade – v. 3-8.

- Is 59: 3-8: “Porque as vossas mãos estão contaminadas de sangue, e os vossos dedos, de iniquidade [NVI: ‘Pois as suas mãos estão manchadas de sangue, e os seus dedos, de culpa’]; os vossos lábios falam mentiras, e a vossa língua profere maldade. Ninguém há que clame pela justiça, ninguém que compareça em juízo pela verdade [NVI: ‘Ninguém pleiteia sua causa com justiça, ninguém faz defesa com integridade’]; confiam no que é nulo [NVI: ‘Apóiam-se em argumentos vazios’] e andam falando mentiras; concebem o mal e dão à luz a iniquidade. Chocam ovos de áspide [*cobra*] e tecem teias de aranha; o que comer os ovos dela morrerá; se um dos ovos é pisado, sai-lhe uma víbora. As suas teias não se prestam para vestes, os homens não poderão cobrir-se com o que eles fazem, as obras deles são obras de iniquidade, obra de violência há nas suas mãos [NVI: ‘Suas obras são más, e atos de violência estão em suas mãos’]. Os seus pés correm para o mal, são velozes para derramar o sangue inocente; os seus pensamentos são pensamentos de iniquidade; nos seus caminhos há desolação e abatimento [NVI: ‘Seus pensamentos são maus; ruína e destruição marcam os seus caminhos’]. Desconhecem o caminho da paz, nem há justiça nos seus passos [NVI: ‘em suas veredas’]; fizeram para si veredas tortuosas; quem anda por elas não conhece a paz”.

Um dos primeiros pecados denunciados aqui pelo profeta é o assassinato e a perversidade, possivelmente por parte daqueles que estavam na liderança da nação e matavam quem se opunha aos seus maus intentos ou quem os acusava publicamente. Eles eram culpados, talvez, pela morte de muitos inocentes em Israel. Junto com isso vinham as palavras perversas que saíam dos seus lábios, mentindo ou torcendo a verdade em benefício próprio. Os líderes religiosos também não ficavam atrás, e as palavras que eles proferiam eram contra a vontade de Deus. Depois disso, os juízes também participavam dessas perversidades deixando de julgar com justiça todas as causas, pois neles não havia integridade. A mentira parecia ser mais conveniente para eles. Quando a bíblia fala ‘Ninguém há que clame pela justiça, ninguém que compareça em juízo pela verdade’ também nos faz pensar que não era só no âmbito secular ou civil que isso ocorria, mas nos faz pensar que também faltava alguém para clamar por justiça diante de Deus como um intercessor. Não havendo pessoas dispostas a ser instrumentos de Deus, Ele também não podia agir contra esses erros e violências. Parecia que o rei, os príncipes, os oficiais, conselheiros e magistrados cometiam todo tipo de fraude e saíam impunes. ‘Concebem o mal e dão à luz a iniquidade’ significa que não só seus

pensamentos eram maus, mas eles também conseguiam executar o que haviam planejado. Assim como a cobra tem veneno na língua, os discursos e conselhos desses perversos em qualquer lugar eram como veneno, e os ovos (o resultado dessa maldade), depois de chocados, davam origem a outro pequeno ser venenoso, ou seja, depois de muito repensados, seus planos impuros vinham a se materializar. ‘Tecer teias de aranha’ significa armar ciladas e armadilhas para pegar de surpresa os ingênuos ou aqueles que parecem concordar com eles, mas no interior pensam o contrário. Por medo de traição, eles usam de artifícios para pegar os falsos amigos. Porém, o Senhor diz que seus artifícios são inúteis e não podem encobrir os que os projetam. Mais cedo ou mais tarde, suas obras malignas e seus atos de violência serão descobertos. Esses ímpios escolhem sempre o caminho errado e tudo o que eles tocam acaba sendo arruinado e destruído. Eles não conhecem o caminho da paz, pois vivem em contendas e injustiças; complicam o que é simples e levam outros com eles para os caminhos do erro.

A triste realidade – v. 9-15.

• Is 59: 9-15: “Por isso, está longe de nós o juízo, e a justiça não nos alcança; esperamos pela luz, e eis que há só trevas; pelo resplendor, mas andamos na escuridão. Apalpamos as paredes como cegos, sim, como os que não têm olhos, andamos apalpando; tropeçamos ao meio-dia como nas trevas e entre os robustos somos como mortos [NVI: ‘entre os fortes somos como os mortos’]. Todos nós bramamos como ursos e gememos como pombas; esperamos o juízo, e não o há; a salvação, e ela está longe de nós [NVI: ‘Buscamos livramento, mas está longe!’]. Porque as nossas transgressões se multiplicam perante ti, e os nossos pecados testificam contra nós; porque as nossas transgressões estão conosco, e conhecemos as nossas iniquidades, como o prevaricar, o mentir contra o Senhor [NVI: ‘rebelar-nos contra o Senhor e traí-lo’], o retirarmo-nos do nosso Deus, o pregar opressão e rebeldia, o conceber e proferir do coração palavras de falsidade. Pelo que o direito se retirou, e a justiça se pôs de longe; porque a verdade anda tropeçando pelas praças, e a retidão não pode entrar [NVI: ‘pois a verdade caiu na praça e a honestidade não consegue entrar’]. Sim, a verdade sumiu, e quem se desvia do mal é tratado como presa [NVI: ‘quem evita o mal é vítima de saque’]. O Senhor viu isso e desaprovou o não haver justiça [NVI: ‘Olhou o Senhor e indignou-se com a falta de justiça’]”.

Se não há julgamento justo não há libertação. Se não há arrependimento nem confissão de pecados diante de Deus, Sua justiça não chega. Mais do que o arrependimento, é necessário que haja uma mudança de atitude, uma mudança nos caminhos. O povo não parece estar disposto a isso. Eles esperam pela luz, mas só há trevas e escuridão em suas mentes. Não sabem mais como sair das armadilhas que eles mesmos criaram, pois estão presos nas garras do inimigo espiritual e nem sabem disso. Parecem cegos apalpando as paredes, pois seus olhos não enxergam o caminho certo por terem rejeitado a palavra de Deus. Bramam como ursos com suas vozes, contendendo e ostentando poder, mas por dentro gemem como pombas indefesas. Parece que a salvação está muito longe deles. Precisam de um livramento, porém, não sabem como encontrá-lo. O profeta Isaías, freqüentando a corte, pois segundo a tradição judaica ele era de sangue real, conhecia mais do que ninguém o que se passava lá dentro; por isso, ele fala na primeira pessoa do plural: ‘Porque as nossas transgressões se multiplicam perante ti, e os nossos pecados testificam contra nós’. Isso não é só por empatia com o povo de Judá, mas transmite algo mais próximo dele, ali dentro do palácio, onde ele conhecia as pessoas. Deveria ser um grande esforço para ele se manter em integridade diante de Deus, separado por Ele para ser Sua boca ali, vendo tantas coisas erradas. Ele continua dizendo que conhece os pecados da mentira, de torcer a justiça, de se rebelar

contra Deus e optar por ídolos, os pecados de fomentar a opressão e os atos de traição e rebeldia. Ele anda pelas ruas e não vê mais a verdade, nem justiça, nem honestidade, pois o povo com maus governantes segue seu exemplo. Quem tenta se desviar do mal está marcado, é ridicularizado e corre o risco de ser morto. O Senhor tem visto tudo isso; por isso os desaprova. Um Deus de justiça não pode ficar feliz com a injustiça. E Isaías parece que fala não apenas em relação ao seu tempo, onde ele vivenciava todas essas situações, mas a um futuro próximo (poucas décadas depois, menos de cem anos), sobre os reis e pessoas da corte que viriam logo a seguir, os governantes que reinariam em Jerusalém bem antes da invasão da cidade por Nabucodonosor.

Essa profecia não se refere aos exilados como muitos pensam. Ela se relaciona a um tempo antes do cativeiro e da invasão da cidade de Sião, onde isso era praticado lá na terra de Israel, não entre os ímpios da Babilônia.

Salvação somente em Deus – v. 16-19.

• Is 59: 16-19: “Viu que não havia ajudador algum e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor [NVI: ‘Ele viu que não havia ninguém, admirou-se porque ninguém intercedeu’]; pelo que o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve. Vestiu-se de justiça, como de uma couraça, e pôs o capacete da salvação na cabeça; pôs sobre si a vestidura da vingança e se cobriu de zelo, como de um manto. Segundo as obras deles, assim retribuirá; furor aos seus adversários e o devido aos seus inimigos [NVI: ‘aos seus adversários, o que merecem’]; às terras do mar, dar-lhes-á a paga. Temerão, pois, o nome do Senhor desde o poente e a sua glória, desde o nascente do sol; pois virá como torrente impetuosa, impelida pelo Espírito do Senhor [NVI: ‘Pois ele virá como uma inundação impelida pelo sopro do Senhor’]”.



É como se Isaías saísse do seu devaneio e da sua meditação sobre os pecados da nação envolvendo-o em trevas também e, de repente, recebesse de Deus um consolo e um escape para tudo aquilo que ele estava vendo, ou seja, ele recebeu a revelação do Messias como um homem de guerra, vestindo-se de zelo pelo nome e pela santidade de Deus e se dispondo a vingar Seu povo daquilo que o prendia nas cadeias do pecado e das trevas.

“Viu que não havia ajudador algum e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor [NVI: ‘Ele viu que não havia ninguém, admirou-se porque ninguém

intercedeu’]; pelo que o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve” – isso nos lembra muito de Jesus quando, em Seu sofrimento na cruz, não viu ninguém que pudesse ajudá-IO ou interceder por Ele para livrá-IO daquele sofrimento, mas sabia que a salvação viria do Pai e do Seu Espírito nEle, o Filho, e que na força deste mesmo Espírito Ele conseguiria consumir Sua missão como Redentor. Ao mesmo tempo em que sofria ali, era Ele o único salvador que a humanidade tinha. Da mesma forma, o povo de que Isaías estava falando também não tinha um intercessor que o ajudasse, senão o próprio Deus. Foi por isso, que Paulo deixou escrito para os crentes como se revestir da armadura de Deus. A justiça realizada na cruz, nos livrando das acusações do inimigo, é a couraça que protege os nossos sentimentos e o nosso coração de tudo aquilo que não nasce do amor de Deus. Jesus recebeu uma lança no Seu peito para que o nosso coração estivesse protegido pelo Seu amor e pela Sua justiça, pois Ele se importou com as nossas dores emocionais. Ele recebeu a angústia, o sofrimento, o choro e todos os tipos de dardo inflamado do maligno em seu coração para que o nosso fosse livre para amar e entrar na presença de Deus, despido, sem fantasias, sem mentiras, mas com a honestidade e a sinceridade de um filho de Deus, confessando a Ele nossas fraquezas e pecados sem medo da punição, pois o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados. A vinda do Messias traria a vingança de Deus sobre os adversários do Seu povo, e Ele mostra a Isaías que Ele está presente como o Deus vivo, temível em Sua ira. Entre essa profecia e a vinda de Jesus houve muitas guerras e muitos instrumentos humanos de Deus (como Ciro, por exemplo) para realizar a vingança do Senhor contra os inimigos de Israel. Muito sangue foi derramado e Deus realmente se vingou de ímpios, mostrando Sua soberania sobre os deuses das nações pagãs. Isso foi um preparo para a vinda de Cristo, que ninguém sabia quando ocorreria. Entretanto, Ele viria trazendo um poderoso mover mundial e, junto com Ele, um novo tempo, uma nova dispensação para a humanidade: “pois virá como torrente impetuosa, impelida pelo Espírito do Senhor [NVI: ‘Pois ele virá como uma inundação impelida pelo sopro do Senhor’]”. Os judeus mantinham dentro deles a imagem física do Messias como a de um guerreiro, vindo para libertar Seu povo de toda opressão. Jesus, o Messias veio em forma humana, como era esperado pelos judeus, mas trouxe uma nova maneira de se guerrear, que eles não captaram nem aceitaram.

Além da figura de Ciro já comentada em capítulos anteriores, o Conquistador Ungido seria um rei a governar sobre judeus e gentios, executando a vingança de Deus contra Seus inimigos, se vestindo com a armadura da salvação (Is 59: 16-21) e derrotando-os completamente, redimindo Seu povo. No capítulo 63: 1-6, o Conquistador Ungido, usando veste apropriada, realiza vingança e redenção. Em sua pessoa, esse conquistador messiânico dificilmente difere do rei e do Servo. Possui os mesmos dotes espirituais e é um homem entre os homens. Mas mostra outras duas facetas sobre sua pessoa. **Primeira:** ele é descrito como **o conquistador de Edom** (Is 63: 1), uma tarefa que não foi realizada por qualquer outro rei israelita além de Davi: Nm 24: 17-19; 1 Cr 18: 11-12; 2 Sm 8: 13-14; Sl 60 – quando Davi lutou contra os siros da Mesopotâmia (Rio Eufrates – 1 Cr 18: 3) e os siros de Zobá, e quando Joabe, regressando, derrotou de Edom doze mil homens, no vale do Sal – cf. Sl 108: 6-13. Aqui, nós podemos ver a identidade do Conquistador Ungido com o Messias Davídico.

Segunda: ele veste as vestes de salvação e de vingança, com as quais o próprio YHWH se vestirá (Is 59: 16-21), e em Is 61: 1-3 podemos ver outra característica do Messias, que é **alguém dotado do Espírito e da Palavra:**

- Is 61: 1-3: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados, a apregoar o ano

aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória”. Jesus assumiu esta profecia, como está escrito em Lc 4: 18-19: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que o Senhor me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor (NVI, ‘o ano da graça do Senhor’)”.

A aliança do Redentor – v. 20-21.

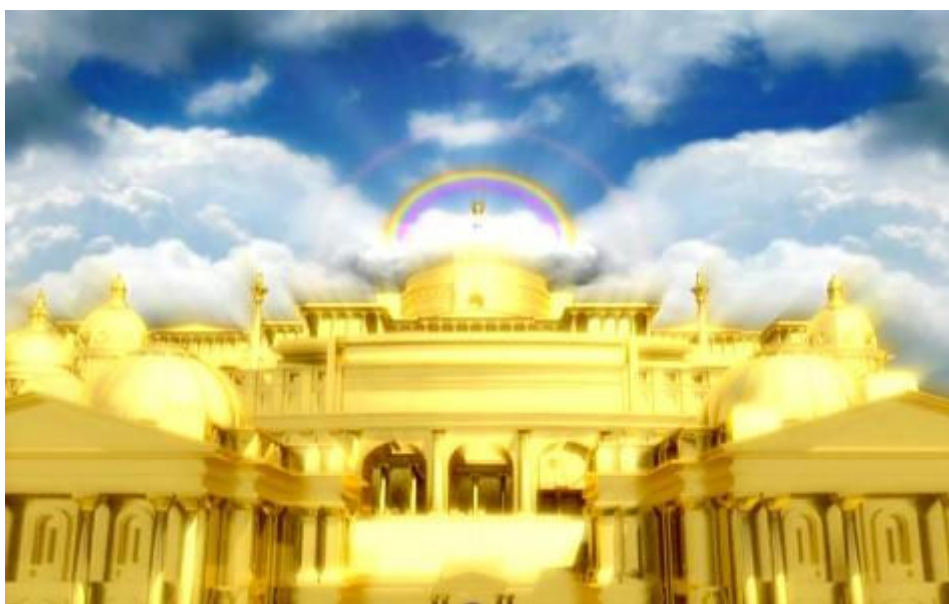
- Is 59: 20-21: “Virá o Redentor a Sião e aos de Jacó que se converterem [NVI: ‘se arrependerem dos seus pecados’], diz o Senhor. Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o Senhor: o meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se apartarão dela, nem da de teus filhos, nem da dos filhos de teus filhos, não se apartarão desde agora e para todo o sempre, diz o Senhor”.

O Senhor diz que o Redentor virá a Sião e a todos os judeus que se converterem (se arrependerem dos seus pecados), como que consolando o profeta pela visão tão ruim que ele teve. Mas Ele também faz com Isaías, aqui colocado como símbolo dos profetas do Senhor na terra, uma aliança de que todas as palavras que ele disse, movido pelo Espírito de Deus, jamais cairão por terra; pelo contrário, estarão sempre na sua boca e na boca dos seus descendentes.

Capítulo 60

A glória da nova Jerusalém – v. 1-22.

• Is 60: 1-5: “Dispõe-te [NVI: ‘Levante-se’], resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do Senhor nasce sobre ti. Porque eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão, os povos; mas sobre ti aparece resplendente o Senhor, e a sua glória se vê sobre ti. As nações se encaminham para a tua luz, e os reis, para o resplendor que te nasceu. Levanta em redor os olhos e vê; todos estes se ajuntam e vêm ter contigo; teus filhos chegam de longe, e tuas filhas são trazidas nos braços. Então, o verás e serás radiante de alegria; o teu coração estremecerá e se dilatará de júbilo [NVI: ‘o seu coração pulsará forte e se encherá de alegria’], porque a abundância do mar se tornará a ti [NVI: ‘porque a riqueza dos mares lhe será trazida’], e as riquezas das nações virão a ter contigo”.



Aqui, o Senhor dá uma palavra de força e incentivo para Jerusalém, fazendo alusão à vinda do Messias, que a encherá de glória com a Sua presença e lhe trará a salvação. A luz indica um tempo de alegria e prosperidade, ao mesmo tempo o entendimento e a revelação de Deus. Cristo chegou como a luz do mundo, de uma maneira espiritual. No Período Intertestamentário o mundo se achava em grandes trevas espirituais, incluindo a Judéia, pois várias nações dominaram ali e trouxeram uma grande influência da cultura grega com toda a sua idolatria. Também neste período de silêncio de Deus, que durou quatrocentos anos, não houve profetas enviados por Ele para endireitar o caminho do Seu povo, pois eles retornaram ao patamar de rebeldia que tinham antes do exílio Babilônico, e além disso, surgiram muitas novas doutrinas religiosas de Saduceus e outras correntes do judaísmo naquela época. Houve um esfriamento nas coisas espirituais até mesmo naqueles que eram sacerdotes. Mas a profecia de Isaías diz que para esta terra de Israel, o Messias viria trazendo luz; e essa luz iluminaria as nações gentias que andavam em trevas. Nações e reis ficariam sabendo da notícia de um despertar espiritual em Israel. Até os judeus de outras partes do mundo retornariam à sua pátria (‘teus filhos chegam de longe, e tuas filhas são trazidas nos braços’). Isso seria um motivo de alegria para Jerusalém. ‘A riqueza dos mares’ ou ‘a abundância do

mar' se refere às nações gentias que estavam longe de Israel, e que voltariam a fazer novamente o comércio e o intercâmbio com Israel, e isso traria riquezas para Jerusalém e Judá.

• Is 60: 6-9: “A multidão de camelos te cobrirá, os dromedários (*camelos*) de Midiã e de Efa [*ou Efã*]; todos virão de Sabá; trarão ouro e incenso e publicarão os louvores do Senhor. Todas as ovelhas de Quedar se reunirão junto de ti; servir-te-ão os carneiros de Nebaiote; para o meu agrado subirão ao meu altar, e eu tornarei mais gloriosa a casa da minha glória [NVI: ‘serão aceitos como ofertas em meu altar, e adornarei o meu glorioso templo’]. Quem são estes que vêm voando como nuvens e como pombas, ao seu pombal? Certamente, as terras do mar me aguardarão; virão primeiro os navios de Târsis [*‘navios mercantes’ ou ‘navios de refinação ou mineração’*] para trazerem teus filhos de longe e, com eles, a sua prata e o seu ouro, para a santificação do nome do Senhor, teu Deus, e do Santo de Israel, porque ele te glorificou”.

Os primeiros povos descritos acima são os antepassados de Esaú, meios-irmãos de Ismael (pois são filhos de Abraão com Quetura, sua concubina) e aparentados com Isaque, filho de Abraão com Sara, e mais tarde se opondo ao povo de Israel em várias ocasiões. Isso significava uma restituição de Deus em relação às afrontas e discórdias passadas entre Israel e esses povos, que viriam a Jerusalém com sua atual descendência para engrandecê-la com seus presentes por causa da luz do Messias.



Descendentes de Cam e Sem: Sabá (neto de Abraão e Quetura) e Seba (descendente de Cuxe)

Abraão e Quetura (1 Cr 1: 32; Gn 25: 1-4) geraram Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Isbaque e Sua (Suá). Jocsã gerou Sabá e Dedã (estes dois últimos também são nomes mencionados na bíblia como filhos de Raamá, descendente de Cuxe, filho de Cam, filho de Noé – 1 Cr 1: 9; Gn 10: 1-32). Os filhos de Midiã foram: Efã ou Efa, Éfer, Enoque, Abida e Elda. Sabá, neto de Abraão e Quetura (1 Cr 1: 32) está descrito com o nome de Seba em Gn 25: 3. De Sabá veio sua rainha trazendo grandes riquezas a Salomão (2 Cr 9: 1-12; 1 Rs 10: 1-13). Nos primeiros séculos DC, Sabá manteve as tradições judaicas,

muçulmanas e cristãs, particularmente cristãs etíopes. Muito provavelmente a localização de Sabá era ao sul da Arábia, mantendo íntimas relações com o povo de Seba, descendente de Cuxe, na região da Etiópia.

Midiã deu origem aos midianitas, que estavam relacionados com os Ismaelitas (Gn 28: 9; Gn 37: 28; 36) quando José foi vendido ao Egito, e em Jz 8: 24; 26, quando foram derrotados por Gideão. Moisés se casou com Zípora, uma midianita, quando fugiu de Faraó; e seu sogro era Jetro ou Reuel (Êx 2: 15; 21; Êx 3: 1; Nm 10: 29). No tempo dos juízes, Deus livrou o Seu povo dos midianitas por meio de Gideão (Jz 6 – 8; Jz 9: 17). Aqui é referido que os midianitas montavam em camelos dos amalequitas (Amaleque era neto de Esaú – Gn 36: 12; 1 Cr 1: 36) e outros povos orientais (Jz 6: 5; Jz 7: 12; Jz 8: 26). Essa é a mais antiga referência ao uso de camelos em grande número na arte da guerra. O ouro e as principais mercadorias eram trazidos sobre camelos, o que implica aqui a chegada de várias nações a Cristo. Todas as nações honrarão Jerusalém e o Deus de Israel com o que podem.

Nebaiote, o primogênito de Ismael, é citado junto com os outros onze irmãos (1 Cr 1: 29-31; Gn 25: 12-18; Gn 28: 9), príncipes das nações árabes: Quedar, Adbeel, Mibsão, Misma, Dumá, Massá, Hadade, Temá, Jetur, Nafis e Quedemá. Ismael também teve uma filha chamada Maalate (Gn 28: 9), que se casou com Esaú. Nebaiote foi o ancestral de uma tribo árabe que posteriormente deu origem aos Nabateus. Nebaiote (Nbayowth ou Nbayoth – Strong #5032) significa frutificação, fecundidade.

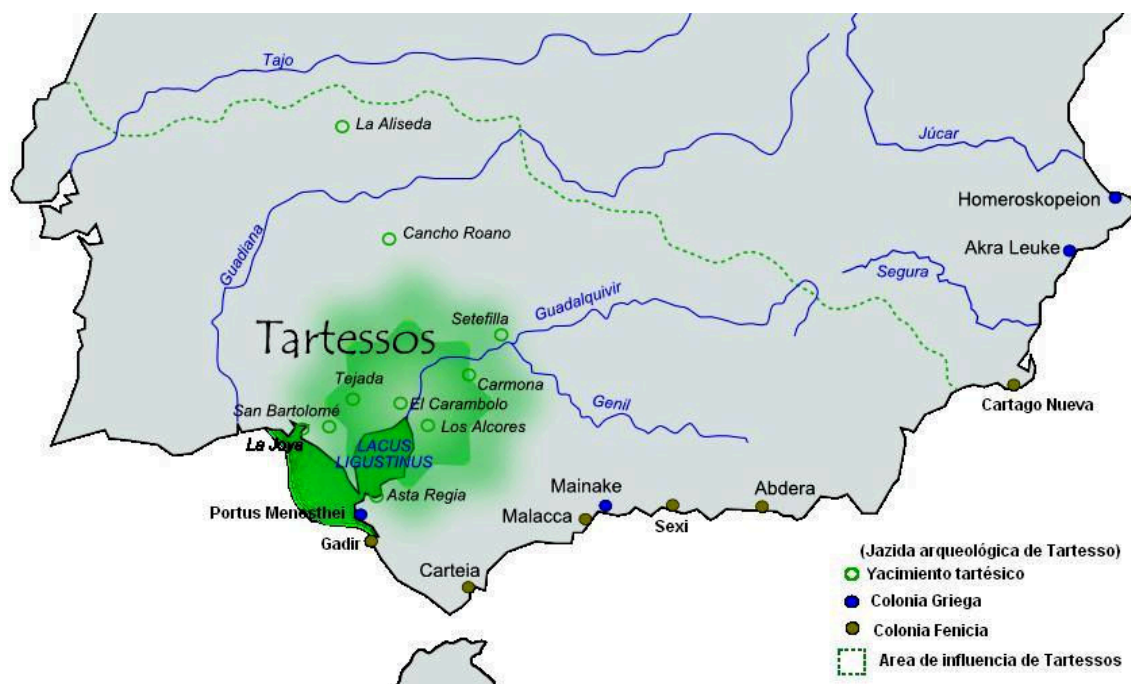


Quedar (como foi descrito em Is 21: 16) era um dos filhos de Ismael (Gn 25: 13; 1 Cr 1: 29) e irmão de Nebaiote. Essa tribo era composta por árabes beduínos que viviam em tendas e guardavam seus rebanhos; por causa dos animais, eles se moviam de lugar em lugar para o pasto e acampavam onde lhes era mais conveniente. Sua ‘glória’ eram seus rebanhos de ovelhas (Is 60: 7), cabras e bodes. Em Ct 1: 5 há uma referência às tendas de Quedar, cujas tendas eram, em geral, feitas de peles de bodes negros. O Sl 120: 5 também faz menção a esta tribo. Além dos seus rebanhos, essa tribo nômade era dotada de habilidosos arqueiros. Quedar ou Kedar, em hebraico, significa ‘obscuro’ (da pele ou da tenda). Neste versículo de Isaías 60 a bíblia fala: “servir-te-ão os carneiros de

Nebaiote; para o meu agrado subirão ao meu altar, e eu tornarei mais gloriosa a casa da minha glória [NVI: ‘serão aceitos como ofertas em meu altar, e adornarei o meu glorioso templo’]”, o que quer dizer que muitos desses povos trariam seus animais como um sacrifício agradável a Deus no Seu altar em Jerusalém.

‘Quem são estes que vêm voando como nuvens e como pombas, ao seu pombal?’ – a nuvem e as pombas aqui são uma metáfora de um grande número ou da velocidade com que os povos virão a Jerusalém, atraídos pela nova doutrina de Cristo (Is 49: 8-13).

Quanto ao termo ‘navios de Társsis’, podemos traduzi-lo por ‘navios de refinação ou mineração’, navios equipados para transportar minério derretido (carga de ouro, prata), madeiras duras, jóias, marfim e variedades de macacos (1 Rs 9: 26-28; 1 Rs 10: 22 – A palavra traduzida como pavões pode se referir a babuínos). A profecia de Isaías 23: 1; 14 também menciona os navios de Társsis em relação ao seu comércio com Tiro. Társsis, onde havia uma colônia de Tiro, não tem ainda uma localização certa, podendo se referir a um porto desde o Oceano Índico até Cartago (na África) ou um porto fenício na Espanha. Segundo o Easton’s Bible Dictionary, a palavra, anglicizada como ‘tarshish’, é de origem sânscrita (língua ancestral da Índia) ou ariana (relativo aos antigos povos Iranianos), e significa ‘a costa do mar’. A localização de Társsis poderia ser: uma cidade do Leste, na costa do Oceano Índico, com base em que ‘navios de Társsis’ saíram de Ezion-Geber, no Mar Vermelho. Segundo a Concordância Lexicon Strong (tarshiysh – Strong #8659; #8658) pode se referir à região da pedra topázio ou berilo; ou Társsis, um lugar no Mediterrâneo, daí o epíteto de uma embarcação mercante (como se ‘para’ ou ‘daquele’ porto).



Localização de Társsis, ao sul da Espanha

Ou poderia se referir a um porto fenício na Espanha, localizado entre as duas bocas do rio Guadalquivir. A expressão ‘navios de Társsis’, possivelmente, se referia a uma classe de navios: 1) Navios destinados a longas viagens. 2) Navios de grande tamanho, preparados para navegar no mar; assim foram denominados os navios do rei Salomão. Em grego, Társsis é chamada de Tartesso ou Tartessos. Tartessos (em grego:

Τάρτησος) era o nome pelo qual os gregos conheciam a primeira civilização do Ocidente. Era herdeira da cultura de Andaluzia, e se desenvolveu no triângulo formado pelas atuais cidades de Huelva, Sevilha e São Fernando (Cádiz), na costa sudoeste da Península Ibérica. Tartesso teve o rio Tartesso como um rio central que dividia o país ao meio; os romanos o chamaram de Bétis, e os árabes, Guadalquivir.

Em 1 Rs 9: 26, a bíblia diz: “Fez o rei Salomão também naus em Ezion-Geber, que está junto a Elate, na praia do mar Vermelho, na terra de Edom”. Também fala sobre a aliança entre Salomão e o rei de Tiro, usando esses navios pra comércio: “Porque o rei tinha navios que iam a Tarsis, com os servos de Hirão; de três em três anos, voltavam os navios de Tarsis, trazendo ouro e prata, marfim, bugios e pavões” (2 Cr 9: 21). Esses mesmos navios foram usados por Josafá, mas se quebraram: “Fez Josafá navios de Tarsis, para irem a Ofir em busca de ouro; porém não foram, porque os navios se quebraram em Ezion-Geber” (1 Rs 22: 49 na ARA; 1 Rs 22: 48 na NVI) e “Porém Eliézer, filho de Dodavá, de Maressa, profetizou contra Josafá, dizendo: Porquanto te aliaste com Acázias, o Senhor destruiu as tuas obras. E os navios se quebraram e não puderam ir a Tarsis” (2 Cr 20: 37). Ezion-Geber (1 Rs 9: 26) se refere, muito provavelmente, à atual Aqaba (também chamada Aila), uma cidade costeira do extremo sul da Jordânia, capital da província com o mesmo nome. Este é o único porto marítimo do país, por isso a cidade é de importância estratégica para a Jordânia. A cidade faz limite com Eilat (Elate, na bíblia), localizada em Israel. Tanto Aqaba quanto Eilat encontram-se no extremo norte do golfo de Aqaba.

A atual profecia de Isaías fala que ‘virão primeiro os navios de Tarsis [‘navios mercantes’ ou ‘navios de refinação ou mineração’] para trazerem teus filhos de longe e, com eles, a sua prata e o seu ouro, para a santificação do nome do Senhor, teu Deus, e do Santo de Israel, porque ele te glorificou’.



Crescente Fértil – Egito, Israel, Fenícia e Mesopotâmia
Lugares com muito ouro: Ofir, Sabá e Ramá

O uso do ouro era comum entre os hebreus e entre os povos da Antiguidade (1 Cr 22: 14; 2 Cr 1: 15; 1 Cr 29: 1-9; 2 Cr 9: 9; Dn 3: 1; Na 2: 9). Vários recintos do templo, dos ornamentos e dos utensílios eram cobertos deste precioso metal (Êx 36: 34-38; 1 Rs 7: 48-50). O ouro, na bíblia, na maior parte das vezes, se refere às coisas que eram colocadas no tabernáculo ou no templo, despojos preciosos de guerra ou tributos a

serem pagos a um império. Portanto, nos dá a idéia de algo extremamente precioso, algo mais diretamente separado para Deus ou muito importante para uma nação, como um resgate, por exemplo. Também é um símbolo da glória de Deus.

Alguns lugares na Antiguidade eram conhecidos pela abundância de ouro que eles continham: Parvaim (2 Cr 3: 6), Ofir (Jó 22: 24; Jó 28: 16; 1 Cr 29: 4), Sabá (2 Cr 9: 1; 9; Ez 27: 22) e Ramá (Ez 27: 22), estes três últimos lugares localizados no sudoeste da Arábia Saudita. Quanto ao termo 'Ofir', outros estudiosos preferem ler 'uphaz (Ufaz), em lugar de 'üphîr ou 'owphiyr (Ofir – Strong #211), por causa da semelhança dos caracteres hebraicos para z e r. Ao invés de uma localidade, 'Ofir' pode ter sido um termo técnico com o sentido de 'ouro refinado' [1 Rs 10: 18: müphâz; Is 13: 12: mippâz, semelhante à definição de 'ouro puro' (zâhâbh tâhôr de 2 Cr 9: 17; zâhâbh – Strong #2091; tâhôr – Strong #2889)]. Ofir era filho de Joctã, filho de Héber, descendente de Sem, filho de Noé (1 Cr 1: 19-23; Gn 10: 25-29). Quanto a Parvaim, trata-se uma localidade não identificada.

A profecia de Isaías não menciona apenas o ouro como uma dádiva a ser trazida para Jerusalém; ela também menciona a prata. A prata (hebr. Keseph – Strong #3701) é o segundo dos metais nobres, depois do ouro. O processo de refinação pode significar obediência a Deus. Era o metal mais disponível na Palestina, assim como na Assíria e na Babilônia e era o mais freqüentemente usado. Keseph é a palavra hebraica para 'prata' (Is 60: 9) e para 'dinheiro' (Gn 17: 13). A prata é símbolo de redenção e obediência a Deus, levando à santificação.

Isaías (Is 60: 6) também menciona o incenso: “A multidão de camelos te cobrirá, os dromedários (*camelos*) de Midiã e de Efa; todos virão de Sabá; trarão ouro e incenso e publicarão os louvores do Senhor”.

O incenso de que Isaías fala aqui é o olíbano, também conhecido como franquincenso, uma resina aromática muito usada na perfumaria e fabricação de incensos. É obtido de árvores africanas e asiáticas (Arábia e Índia) do gênero *Boswellia*. Embora tenha sido reintroduzido na Europa pelos Francos, seu nome 'franquincenso' é derivado do francês antigo 'franc encens' que significa 'incenso de alta qualidade'; por outro lado, 'olíbano' é derivado do árabe al-lubân ('o leite'), em referência à seiva leitosa que escorre após a incisão da casca da árvore de olíbano. Em hebraico, a palavra usada é bownah ou u·lbne [לבונה] = franquincenso ou olíbano, segundo a Versão Concordante do Antigo Testamento – CVOT] ou lbonah, que, por sua vez, é derivada de laban ou laben, como Labão (em Gn 49: 12), que significa: branco (לבנה). Assim, ficou conhecido como olíbano pela sua brancura ou pela sua fumaça branca, que procede da combustão da resina. A seiva da árvore seca e dá origem à resina. Embora a resina seja amarela e tenha gosto amargo e picante, é bastante perfumada. Dentre as quatro espécies de árvore do gênero *Boswellia*, da Família Burseraceae, de onde se extrai a seiva (e a resina) do incenso, a espécie 'sacra' (*Boswellia sacra*) é a mais utilizada. As demais são: *B. frereana*, *B. serrata* (na Índia) e *B. papyrifera*. Cada espécie produz um tipo de resina ligeiramente diferente, principalmente por causa das diferenças no solo e no clima. As árvores da espécie *Boswellia sacra* são mais usadas por sua capacidade de crescer até em ambientes aparentemente impróprios, como, por exemplo, em rocha sólida. As árvores começam a produzir resina quando já têm oito a dez anos de idade. Geralmente as resinas mais opacas são de melhor qualidade. Uma resina bem fina é produzida na Somália. Devido à exploração excessiva dessas árvores pela civilização moderna, elas estão em processo de declínio; além das queimadas, do desmatamento para pastos e agricultura, e ataques de besouros. As melhores árvores produzem sementes que germinam apenas 16% quando cultivadas. As demais sementes de árvores

não cultivadas germinam em mais de 80%. O incenso tem sido comercializado na Península Arábica, no norte da África e na Somália há mais de 5000 anos.



Flores e galhos da árvore *Boswellia sacra*



Franquincenso do Iêmen

Em Êx 30: 7-8, o Senhor ordenava a Arão que queimasse o incenso de manhã e à tarde, assim como no dia da expiação (Lv 16: 12-13). O incenso é mencionado em alguns trechos bíblicos do AT em relação ao sacerdócio (provocava a ira de Deus quando era oferecido a outros deuses): Êx 30: 1; 6-9; Êx 30: 34-38; 2 Cr 29: 11; Is 65: 3; Jr 44: 8. Há também algumas referências ao incenso como o símbolo da oração dos filhos de Deus (Sl 141: 2; Ap 5: 8; Ap 8: 3-4) bem como uma manifestação da intercessão de Cristo por nós. Em Lc 1: 8-11 (Anunciado o nascimento de João Batista ao sacerdote Zacarias), o incenso é mencionado em relação ao culto no templo. Durante os quatro primeiros séculos da igreja cristã não há indício algum do uso do incenso no culto cristão.

Assim, analisando o texto de Isaías 60: 6, os povos de longe viriam para adorar o Senhor no templo e fazer a Ele suas preces naquele lugar, povos da Arábia, da África e do continente europeu. E Ele seria favorável a eles.

- Is 60: 10-12: “Estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão [*servirão Jerusalém*]; porque no meu furor te castiguei, mas na minha graça tive misericórdia de ti [NVI: ‘Com ira eu a feri, mas com amor lhe mostrarei compaixão’]. As tuas portas estarão abertas de contínuo; nem de dia nem de noite se fecharão, para que te sejam trazidas riquezas das nações, e, conduzidos com elas, os seus reis. Porque a nação e o reino que não te servirem perecerão; sim, essas nações serão de todo assoladas [NVI: ‘serão totalmente exterminados’]”.

Estes versículos podem dizer respeito a Ciro e aos seus sucessores (Dario I, Xerxes, Artaxerxes, Dario II) que ajudaram os judeus na construção do templo e dos muros de Jerusalém, e providenciaram o que era necessário para a obra: Ed 1: 1-11; Ed 3: 7 – ajuda dos sidônios e tírios; Ed 5: 13-16; Ed 6: 3-5; Ed 6: 6-12; Ed 7: 12-22; Ed 7: 26-28; Ed 8: 36; Ne 2: 5-9; Ne 7: 70-73; Ne 13: 8-9. Muitos estrangeiros, entretanto, tentaram dificultar o trabalho da construção do templo e da cidade de Jerusalém no tempo de Esdras e Neemias (Ed 3: 3; Ed 4: 4-6; 24; Ed 6: 6-7; 12; Ne 2: 10; 19-20; Ne 4: 1-3; 7-8; 15; Ne 6: 1-3), mas Deus usou até reis gentios para frustrarem seus planos, proclamando leis que ordenavam a destruição dos rebeldes ao decreto real (como o decreto de Dario I – Ed 6: 1-15; e Artaxerxes – Ed 7: 1-6; 11-16; 21; 24-28). Na verdade, muitos poderosos de várias nações tiveram reverência e até medo do Deus de Israel depois da libertação do Seu povo da Babilônia e do que Ele já tinha realizado através da reconstrução do templo em Jerusalém e dos muros da cidade, mesmo com a interferência de alguns governadores como Sambalate, Tobias e Gesém (Ne 2: 10; 19). Por isso, o medo também foi um dos fatores que contribuíram para reis e súditos gentios se submeterem e até se converterem (cf. Zc 14: 16-19). Esses versículos também abrangem os reis estrangeiros que contribuíram com Jerusalém no tempo de Cristo e os pagãos convertidos ao Seu evangelho.

Sambalate – esse nome é de origem babilônica, Sin-uballit, isto é, ‘Sin (o deus-lua) deu vida’. Em Ne 2: 10; 19 e Ne 13: 28 ele é chamado de o horonita, o que provavelmente denota que ele viera de Bete-Horom, cerca de vinte e nove quilômetros a noroeste de Jerusalém, na terra de Efraim (cf. Js 10: 10-11). Foi um dos principais oponentes de Neemias. Alguns pergaminhos encontrados dizem que Sambalate era governador de Samaria em 407 AC, o que nos faz pensar que por volta de 445 ou 443 AC quando Neemias veio para reconstruir os muros de Jerusalém, ele aspirava esse posto de governo, não só sobre Samaria como também sobre a Judéia. É impossível afirmar se ele era descendente de uma família israelita que não fora levada para o cativeiro na Assíria por Sargom II em 722 AC ou se ele descendia de um dos povos que os reis assírios fizeram entrar na Palestina para repovoar a terra que estava sem seus habitantes. Sua religião, provavelmente, era mista (2 Rs 17: 33), embora colocasse YHWH em primeiro lugar, e assim tivesse conquistado a simpatia até mesmo do sumo sacerdote Eliasibe com cuja filha finalmente ele se casou (Ne 13: 28). Tobias, também mencionado em Ne 13: 4, provavelmente se casou com outra filha de Eliasibe.

- Is 60: 13-14: “A glória do Líbano virá a ti; o cipreste, o olmeiro e o buxo, conjuntamente [NVI: ‘juntos virão o pinheiro, o abeto e o cipreste’], para adornarem o lugar do meu santuário; e farei glorioso o lugar dos meus pés. Também virão a ti, inclinando-se, os filhos dos que te oprimiram; prostrar-se-ão até às plantas dos teus pés

todos os que te desdenharam e chamar-te-ão Cidade do Senhor, a Sião do Santo de Israel”.

Mais uma vez Isaías usa essas três árvores (cf. Is 41: 19) para descrever as bênçãos de Deus sobre Seu povo e Sua cidade. Comparando com o original em hebraico, a tradução melhor seria: ‘o abeto, o pinheiro e o buxo’, pois o olmeiro não é nativo da Palestina. Tanto o abeto, como o pinheiro e o cipreste são coníferas perenemente verdes, nativas das colinas da Palestina e do Líbano. O cipreste (Is 41: 19; 55: 13) é símbolo de fertilidade. Também é uma madeira excelente para construção. Salomão, por exemplo, construiu o templo não apenas com cedro, mas com madeira de cipreste e oliveira (1 Rs 6: 31-36). Portanto, também simboliza imponência, realeza e reverência a Deus.



Cipreste italiano (*Cupressus sempervirens* L.)



Cipreste (gênero *Pinus*)



Pinheiros



Buxo (Buxus sempervirens) / Buxo (Buxus sempervirens – fruto)

O buxo é um arbusto ou pequena árvore, originária da Europa e da Ásia, dotada de flores pequenas e alvas, frutos capsulares, e de madeira útil para marchetaria (arte de incrustar peças de marfim, madeira, bronze etc., em alguma obra de marcenaria), torno,

instrumentos musicais de sopro e instrumentos de desenho. Buxo (em hebraico, te'ashshür – Is 41: 19; Is 60: 13) tem o nome botânico de *Buxus longifolia* Boiss., uma pequena árvore com até seis metros de altura, com folhas perenemente verdes. A madeira é extremamente dura e de fina granulação. É nativo das ilhas do Mediterrâneo e do Líbano (Buxo, te'ashshür – Is 41: 19; 60: 13), mas não presente em Israel. Por outro lado, o *Buxus sempervirens* é nativo do oeste e sul da Europa, noroeste da África e sudoeste da Ásia (inclui Israel), do sul da Inglaterra ao sul até o norte de Marrocos, e leste através da região do norte do Mediterrâneo até a Turquia.



Buxo (*Buxus sempervirens*) flores – foto: Didier Descouens – wikipedia.org

Embora não descrito abertamente aqui, o cedro do Líbano é um símbolo desta nação e da fertilidade da sua terra. O cedro do Líbano é uma majestosa conífera de madeira durável, que pode atingir quarenta metros de altura e os escritores antigos usavam-no como símbolo da estatura de um homem (Ez 31: 3; Am 2: 9), igualmente de força, majestade e poder (Ct 3: 9), altivez, dureza, inflexibilidade (Sl 29: 5). Portanto, todas as qualidades acima, presente nos reis e nobres de outras terras viriam a Jerusalém para adorar o Senhor no Seu templo. A descendência de todos aqueles que desdenharam de Jerusalém por causa da sua destruição também serão chamados por Deus para vir e reconhecer que Deus é capaz de reconstruir e restaurar o que foi destruído, principalmente para beneficiar Seu povo.



Cedro do Líbano (*Cedrus libani*)



Abeto (*Abies fabri*, Sichuan, China) – Wikipedia.org / Abeto (*Abies balsamea*)

Se interpretarmos isso do ponto de vista espiritual, considerando Sião como o símbolo da Igreja de Cristo, então, os judeus e os romanos, entre outros povos que

perseguiram a Igreja Primitiva e as primeiras igrejas cristãs erguidas nas nações ao redor de Israel, virão a reconhecer o senhorio de Jesus sobre todos os povos, e Sua posição como cabeça da Sua igreja na terra, o único Rei e Deus. Talvez possamos fazer uma comparação com o que está prometido para a igreja de Filadélfia em Ap 3: 9: “Eis que farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmo se dizem judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e conhecer que eu ter amei”.

- Is 60: 15: “De abandonada e odiada que eras, de modo que ninguém passava por ti, eu te constituirei glória eterna, regozijo, de geração em geração [NVI: ‘farei de você um orgulho, uma alegria para todas as gerações’]”.

Isso é compreensível quando se pensa na cidade de Jerusalém após a destruição dos babilônios e do que Jeremias escreveu em Lm 1: 4, por exemplo: “Os caminhos de Sião estão de luto, porque não há quem venha à reunião solene [NVI: ‘festas fixas’]; todas as suas portas estão desoladas; os seus sacerdotes gemem; as suas virgens estão tristes, e ela mesma se acha em amargura [NVI: ‘angústia profunda’]”.

A cidade foi queimada e ficou desolada, com os poucos habitantes deixados em Judá por Nabucodonosor para cultivar a terra. Não havendo condições para se morar lá, não haveria condições para o comércio também e, portanto, nem caravanas passavam por Jerusalém. Parecia que Deus os tinha abandonado, mas Ele apenas estava realizando a Sua disciplina e punição sobre eles pelos seus pecados, até que estivessem prontos novamente para reatar a aliança de fidelidade com Ele. Como Deus não se ira para sempre, a restauração viria também para Jerusalém e para os seus moradores, revertendo seu quadro de desolação e o escárnio e zombaria por parte de seus inimigos. Jerusalém voltaria a ser habitada, e lembrada de geração em geração como a cidade santa. Isso permanece até hoje, apesar de todas as dificuldades pelas quais Jerusalém passou, e por todos os povos (conseqüentemente suas religiões) que dividem o espaço entre si dentro dela.

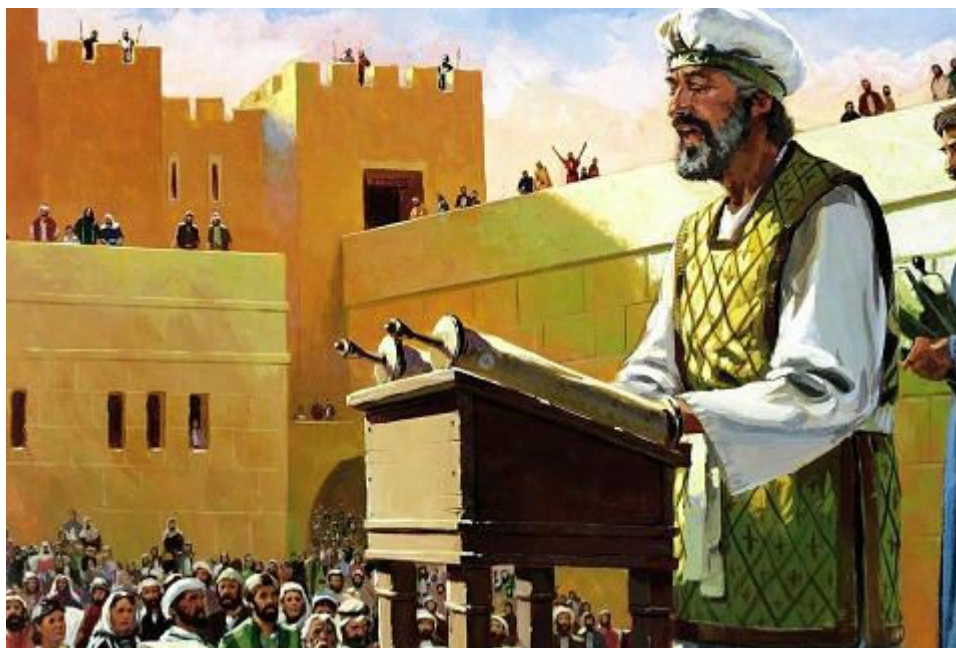
- Is 60: 16: “Mamarás o leite das nações [No original: ‘dos Gentios’] e te alimentarás ao peito dos reis; saberás que eu sou o Senhor, o teu Salvador, o teu Redentor, o Poderoso de Jacó”.

Nós mencionamos nas profecias anteriores que a vinda do Messias seria um novo tempo para Israel, como uma nova criação de Deus, como se Ele estivesse formando outra vez uma nova terra, sem as manchas da idolatria do Seu povo, e de tantos outros pecados que lhe trouxeram a destruição. Dessa forma, podemos comparar a Jerusalém reconstruída após o retorno dos exilados e, sobretudo após a vinda de Jesus, com uma cidade recém-nascida, necessitada do leite, ao invés do alimento sólido, para poder crescer debaixo de outros padrões. Entretanto, antes de falarmos sobre as coisas espirituais, vamos raciocinar da maneira material. Nós podemos perguntar:

- De que forma os gentios poderiam fornecer este ‘leite’ a Jerusalém?

- Eles não tinham nada a oferecer espiritualmente, pois eram pagãos, mas baseados no próximo versículo de Isaías, nós podemos ver aqui uma correlação com Ciro e com os governantes persas que se seguiram, suprindo os exilados, as cidades de Judá e a Jerusalém, com bens, gado e dádivas voluntárias não só para a reconstrução do templo (Ed 1: 6-11), como também com coisas básicas para reconstruírem suas casas e suas vidas. Foi comentado que no tempo de Esdras e Neemias, os reis persas que se seguiram a Ciro supriram os judeus em tudo o que eles pediram para erguer o templo, desde Ciro até Dario I, e os muros da cidade, no tempo de Artaxerxes I. Se pensarmos na parte emocional daqueles que voltaram do cativeiro, nós podemos supor que estavam

desmotivados, desmoralizados e com medo, por isso Deus levantou Seus profetas, Ageu e Zacarias, para incentivá-los (Ed 5: 1-2; Ed 3: 3; Ne 2: 17-18; Zc 1: 1-3; Ag 1: 1-4; 8; 12-15; Ag 2: 6-9). Com a força do Espírito eles conseguiram reconstruir o altar, o templo e a cidade de Jerusalém. A fé de Esdras e Neemias foi um grande ponto de apoio para eles, da mesma forma que as riquezas ('leite') da Pérsia deram a força material para eles se erguerem.



Esdras

Agora, se pensarmos no lado espiritual de tudo isso e transportarmos este versículo para os tempos do evangelho, os gentios apenas contribuíram com os judeus (em relação a este versículo de Isaías 60: 16) com o seu entusiasmo em aceitar a nova doutrina de Jesus, pregada pelos Seus apóstolos em Jerusalém. Aí, sim, nós podemos dizer que tanto os judeus de lá como os novos convertidos gentios se alimentaram do leite espiritual da palavra de Deus para poderem assimilar a nova fé:

- 1 Co 3: 2: “leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnisais”.

- 1 Pe 2: 2-3: “desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite (em grego: ‘gala’ – Strong g#1051) espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação, se é que já tendes a experiência de que o Senhor é bondoso”.

- Hb 5: 12-14 (Para os cristãos hebreus): “Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal”.

É interessante notar que a igreja cristã descrita em At 2: 42-47; At 4: 32-37; At 5: 1-11; At 6: 1-7, distribuindo suas posses entre os necessitados e repartindo o pão de casa em casa, foi aos poucos empobrecendo, em grande parte devido às perseguições sofridas pelos discípulos por parte dos governantes civis e até pelos judeus tradicionais. Os novos crentes vendiam o que tinham e fugiam, perdendo suas propriedades e seus

bens. A igreja de Jerusalém, principalmente, sofreu muito com a escassez de suprimentos; por isso, Paulo enviava socorro financeiro para os irmãos fazendo coleta entre os gregos (Macedônia, Acaia e Filipos, por exemplo – Rm 15: 26-27; 1 Co 16: 1-4; 2 Co 8: 1-4; 2 Co 9: 1-5; At 11: 27-30). Mas podemos notar também, lendo a bíblia, que os gentios que começaram a contribuir para a igreja cristã não foram gentios ricos que, de repente, decidiram contribuir com a nova doutrina de Jesus, mas foram gentios, não tão ricos, que se converteram ao Cristianismo e passaram a ofertar para o fortalecimento e a manutenção da igreja.

A bíblia diz que Barnabé e Paulo ficaram durante um ano em Antioquia da Síria estabelecendo e fortalecendo a igreja cristã, e lá, pela primeira vez, os discípulos passaram a ser chamados cristãos – At 11: 26. Naqueles dias (At 11: 27-30) o profeta Ágabo fez a previsão de um período de fome não só na Judéia, mas em grande parte das nações, o que aconteceu nos dias do reinado do imperador Cláudio. Por isso, os discípulos enviaram socorro financeiro para os irmãos em Jerusalém por intermédio de Paulo e Barnabé (At 11: 30).

Outras passagens que confirmam a ajuda dos gentios à igreja:

- Na versão bíblica ARA o título do texto de 2 Co 8: 1-15 é ‘as ofertas das igrejas da Macedônia para os pobres da Judéia’. Mesmo tendo poucas condições financeiras (2 Co 8: 2), eles ofertaram aos irmãos com generosidade (cf. Rm 15: 25-26). Parece ter sido uma situação diferente da relatada em At 11: 27-30, sobre o período de fome no tempo do imperador Cláudio.

- O centurião Cornélio também parece ter sido um gentio que contribuía com a igreja recém-nascida (At 10: 4; 31), vindo ele mesmo a ser um cristão.

- Paulo também menciona os Filipenses, que o sustentaram quando estava preso (Fp 1: 5-7; Fp 4: 15-16).

- Paulo adotou a prática de ajudar financeiramente a igreja em Jerusalém, ensinando seus colaboradores e discípulos a fazerem o mesmo (At 24: 17). E essa prática foi considerada por ele como um sinal de união entre os judeus convertidos e a parte gentílica da igreja de Cristo: Rm 15: 25-27; 1 Co 16: 1-4; 2 Co 9: 1-15; Gl 2: 10.

Isso é o que está escrito na bíblia. Livros apócrifos são de pouca serventia para confirmar a participação de gentios ricos que ofertaram sem se tornarem membros da igreja Cristã.

- Is 60: 17: “Por bronze trarei ouro, por ferro trarei prata, por madeira, bronze e por pedras, ferro; farei da paz os teus inspetores [NVI: ‘o seu dominador ‘] e da justiça, os teus exatores [NVI: ‘o seu governador’]”.

Isso é uma maneira figurada de se referir aos móveis e utensílios do templo que foram roubados pelos babilônios, e agora, depois do cativeiro, seriam devolvidos à Casa de Deus. Ele estava levantando governantes justos e pacíficos como Zorobabel e Neemias para governar sobre Seu povo, assim como sacerdotes (Esdras e Josué, por exemplo) para recomendar a ensinar a palavra de Deus aos que voltaram do exílio.

‘Por bronze trarei ouro, por ferro trarei prata, por madeira, bronze e por pedras, ferro’ pode ser também uma linguagem figurada no que diz respeito à substituição das coisas materiais pelas espirituais, ou da mudança da dispensação do AT para a do NT.

Neste versículo, os metais e os materiais da natureza são citados numa escala crescente de valores, comparando-os entre si (bronze, de menor valor, por ouro, de maior valor; ferro, de menor valor, por prata, de maior valor; etc.).

Poderíamos dizer que por bronze, símbolo do julgamento e do juízo de Deus sobre o pecado, o Senhor traria o ouro, símbolo da Sua glória e das coisas preciosas para Ele, como corações arrependidos e uma alma limpa. Por ferro, símbolo da força da carne

para realizar a sua santificação tentando obedecer a lei, o Senhor traria a obediência a Ele, levando à santificação e à redenção (prata) na força do Seu Espírito (Zc 4: 6). Por madeira, símbolo da natureza carnal tentando governar o homem, Ele traria o bronze, agora simbolizando o arrependimento do ser humano e seu sacrifício de entrega total no altar do Senhor para ser mudado conforme a santa vontade de Deus. E no lugar de pedra, simbolizando a maneira rústica de construir o templo interior e as coisas materiais da vida de um homem, Deus traria a força (ferro) e a autoridade do Seu Espírito para que o que se construísse de valioso não mais viesse a perecer ou se perder.

• Is 60: 18: “Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra, de desolação ou ruínas, nos teus limites [NVI: ‘dentro de suas fronteiras’]; mas aos teus muros chamarás Salvação, e às tuas portas, Louvor”.

Em primeiro lugar é uma promessa de paz e segurança após o período de destruição pelos babilônios; uma promessa de descanso e tranquilidade material para que eles voltassem a acreditar em Deus e pudessem ser preparados espiritualmente para a vinda do Messias. Agora, eles olharão para os muros construídos e se lembrarão da salvação que Deus lhes deu, e se sentirão a salvo de prováveis inimigos; olharão para as portas da cidade e cantarão de júbilo pela proteção da cidade de Davi, da mesma forma que no passado as portas foram locais de ações de graças (Sl 9: 14; Sl 24: 7; Sl 100: 4). O nome ‘Judá’ (Yehüdâ, em hebraico) significa ‘louvado’, ‘celebrado’, ‘festejado em louvor (ydh) ao Senhor’ [Gn 29: 35 b: “Esta vez louvarei o Senhor. E por isso lhe chamou Judá; e cessou de dar á luz” (Lia lhe deu o nome)].

Mas também há uma mensagem espiritual em tudo isso para nós. Quando o Senhor entra em nossa vida e nos liberta do cativeiro de Satanás, Seu Espírito nos ajuda a construir os muros destruídos da nossa alma, as brechas do pecado e da ignorância por onde o inimigo entrou e assolou. Agora, com a ajuda do Espírito Santo, nós podemos ter a chance de reconstruir nossos muros através do sangue de Jesus nos perdendo e nos justificando, removendo todas as acusações sobre nós; portanto, fechando nossas brechas espirituais. Então passamos a entender que temos um protetor, um Salvador, e que nenhuma violência das trevas vai nos atingir novamente, nem haverá áreas desoladas ou abandonadas em nossa vida. Nossas carências serão preenchidas pelo amor do Senhor. Olhamos para os muros da nossa alma e podemos chamá-lo de Salvação, ou seja, Yeshua (ישוע), o nome hebraico de Jesus. A palavra ‘salvação’ (em hebraico, ישועה) aparece 146 vezes na bíblia – 103 vezes no AT e 43 vezes no NT. No AT ela é transliterada como yeshu`âh (o significado do nome ‘Jesus’ – Mt 1: 21; Lc 1: 31). A palavra hebraica yeshu`âh (salvação) é claramente vista em 3 versículos de Isaías:

• Is 26: 1: “Naquele dia, se entoará este cântico na terra de Judá: Temos uma cidade forte; Deus lhe põe a salvação (yeshu`âh) por muros e baluartes”.

• Is 49: 8: “Diz ainda o Senhor: no tempo aceitável, eu te ouvi e te socorri no dia da salvação (yeshu`âh); guardar-te-ei e te farei mediador da aliança do povo, para restaurares a terra e lhe repartires as herdades assoladas”.

• Is 60: 18: “Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra, de desolação ou ruínas, nos teus limites; mas aos teus muros chamarás Salvação (yeshu`ah), e às tuas portas, Louvor”.

Mesmo sendo transliterada de maneiras diferentes (yeshu, yshu, yish etc.) em outros versículos bíblicos, a palavra mantém as mesmas letras básicas, e o mais importante, o mesmo significado: salvação. A palavra yshuw`ah (ou yeshu`âh) significa ‘algo salvo’, isto é, ‘libertação’, portanto, ajuda, vitória, prosperidade, salvamento, saúde, socorro, salvar, proteger, guardar, preservar (saúde), bem-estar. A palavra yshuw`ah está ligada à palavra yasha`, que é uma raiz primitiva cujo significado é: ser aberto, largo (espaçoso)

ou livre e, conseqüentemente, estar seguro, livre; ou socorro (ou vir em socorro de), vingar, defender, libertar (ou libertador), socorrer, preservar, resgatar, trazer ou ter salvação, salvar (ou salvador), obter vitória. Yshuw'ah (ou yeshu'âh) é palavra derivada de Yhowshuwa' (Jehoshua ou Yehôshua', יהושע, Strong #3091; Joshua; Josué, que significa: YHWH salvou), transliterada para o grego como Iêsoûs (Ἰησοῦς), Jesus (Strong # g2424) – Mt 1: 21; Lc 1: 31.

Os nossos muros, nós chamamos Salvação, pois Jesus é o nosso escudo; e as portas da nossa alma passam a ser chamadas de louvor, pois enquanto nós louvamos o Senhor, Ele guerreia por nós; ou então, sabendo exercer corretamente a autoridade espiritual que recebemos dEle, nós vencemos as provas e podemos louvar Seu nome pelas conquistas que nos deu. Geralmente, portas são símbolos do poder e da autoridade contra o avanço do inimigo; também são símbolo da proteção divina (“Pois ele reforçou as trancas das tuas portas e abençoou teus filhos, dentro de ti; estabeleceu paz nas tuas fronteiras e te farta com o melhor do trigo” – Sl 147: 13-14), assim como novas oportunidades dadas por Ele para conhecermos mais o que está reservado para nós, por exemplo, o Seu reino (Mt 25: 34: “então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo”; Sl 24: 9: “Levantai, ó portas as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória”); ou ainda, para deixar entrar as bênçãos que Ele derrama sobre nossa vida: Is 26: 2: “Abri vós as portas, para que entre a nação justa, que guarda a fidelidade”.

- Is 60: 19-20: “Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te alumiará; mas o Senhor será a tua luz perpétua [NVI: ‘O sol não será mais a sua luz de dia, e você não terá mais o brilho do luar, pois o Senhor será a sua luz para sempre’], e o teu Deus, a tua glória. Nunca mais se porá o teu sol, nem a tua lua minguará, porque o Senhor será a tua luz perpétua, e os dias do teu luto findarão”.

Para os judeus daquela época essa profecia era o anúncio da vinda do Messias, com uma luz espiritual maior do que o sol ou do que a lua e um brilho constante, e trazendo a dignidade e a honra da Sua presença para o Seu povo de uma maneira física e tão perceptível e gloriosa como apareceu no Sinai para os seus antepassados. A presença do Senhor traria a esperança da salvação e da vida eterna; por isso, não havia mais necessidade do luto.

Esses versículos também são uma profecia sobre a nova Jerusalém espiritual; é só comparar com Ap 21: 23; Ap 22: 5, quando Jesus preencherá todas as coisas e a alma de todos os Seus filhos com a Sua presença.

- Is 60: 21-22: “Todos os do teu povo serão justos, para sempre herdarão a terra [NVI: ‘Então todo o seu povo será justo, e possuirá a terra para sempre’]; serão renovos por mim plantados, obra das minhas mãos, para que eu seja glorificado [NVI: ‘para manifestação da minha glória’]. O menor virá a ser mil, e o mínimo, uma nação forte [NVI: ‘O mais pequenino se tornará mil, o menor será uma nação poderosa’]; eu, o Senhor, a seu tempo farei isso prontamente [NVI: ‘que isso aconteça depressa’]”.

Quando Isaías fala aqui sobre todos os judeus serem justos, isso significa a conversão deles a Cristo e, portanto, serem justificados pelo Seu sangue. Seguindo a verdade do Senhor e andando nela, seus descendentes possuirão a terra, ou seja, espalharão a nova doutrina por toda parte, a começar pela terra de Israel, ganhando vidas para Ele, e herdarão também o reino de Deus. A esses convertidos, o Senhor chama de renovos plantados por Ele, pela semente da Sua palavra que foi pregada e pelo Seu sacrifício definitivo na cruz. E esse chamamento não veio por mãos de homens, e

sim pelo Espírito Santo, por isso Ele diz que foi ‘obra das minhas mãos, para que eu seja glorificado’ (Is 60: 21 cf. Is 29: 23; Is 49: 3). Ninguém se vangloriaria por esse feito, pois esses renovos seriam as primícias do trabalho de Jesus na terra. Podemos pensar que esses primeiros renovos foram os apóstolos, e depois deles, todos os que creram em Jesus em Jerusalém, na Judéia e em Samaria pela pregação deles. E o Senhor mesmo adicionava vidas à Sua nova igreja (At 1: 8; At 2: 41; 47b; At 5: 12-16; At 8: 4-6; 12; At 8: 14-17; At 9: 31; At 10: 1-2; 22; 33; 44-48; At 11: 19-21; At 12: 24; At 13: 47-49).

Capítulo 61

A missão do Messias – v. 1-3.

• Is 61: 1-3: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados [NVI: ‘libertação das trevas aos prisioneiros’]; a apregoar o ano aceitável do Senhor [NVI: ‘para proclamar o ano da bondade do Senhor’] e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto [NVI: ‘e dar a todos os que choram em Sião’] uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória”.

O profeta Isaías fala em nome de Jesus, o único que recebeu toda essa capacitação do Pai.

Quando nós falamos sobre as características do Messias, algumas delas eram mais importantes, sendo que pessoas comuns personificavam aqui na terra o verdadeiro Messias por vir. As características eram: o Servo sofredor (algumas vezes representado pelo próprio profeta em sua árdua missão no meio daquele povo incrédulo) e o conquistador ungido (na figura de Ciro ou Davi), ou seja, de um rei que virá para governar sobre judeus e gentios, executando a vingança de Deus contra Seus inimigos, se vestindo com a armadura da salvação (Is 59: 16-21) e derrotando-os completamente, redimindo Seu povo. No capítulo 63: 1-6 esse conquistador messiânico é um homem entre os homens, mostrando igualmente as qualidades do rei e do Servo, com os mesmos dotes espirituais deles. Ele também se mostra como o conquistador de Edom, uma tarefa que foi realizada apenas através de Davi: Nm 24: 17-19 (a ‘estrela de Jacó’ diz respeito a Davi); 1 Cr 18: 11-12; 2 Sm 8: 13-14; Sl 60 (Quando lutou contra os siros da Mesopotâmia – 1 Cr 18: 3 – e os siros de Zobá, e quando Joabe regressou e derrotou doze mil edomitas no vale do Sal) cf. Sl 108: 6-13. Como vimos em outros capítulos de Isaías, o conquistador ungido pode ser prefigurado em Ciro ou em Davi.

Aqui em Is 61: 1-3 nós podemos ver outra característica do Messias, que é alguém dotado do Espírito e da Palavra. Jesus assumiu esta profecia, como está escrito em Lc 4: 18-19: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que o Senhor me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor (NVI, ‘o ano da graça do Senhor’)”.

Então, Jesus, o Messias viria com a assistência do Espírito do Senhor, ou seja, ungido pelo Espírito de Deus a quem Ele chama ‘Senhor’, cf. Sl 110 e Mt 22: 44: “disse o Senhor ao meu Senhor (no Sl 110, esta palavra está escrita com letra minúscula, embora com o mesmo significado): Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés”. Sua missão seria pregar boas-novas aos pobres de espírito, que precisariam se fortalecer com a palavra de Deus, ou seja, o evangelho, cujo significado é ‘boas novas’ ou ‘boa mensagem’ (euaggelion, em grego, ευαγγελιον). Essa missão também envolvia: curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados [NVI: ‘libertação das trevas aos prisioneiros’]; a apregoar o ano aceitável do Senhor [NVI: ‘para proclamar o ano da bondade do Senhor’] e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto [NVI: ‘e dar a todos os que choram em Sião’] uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de

louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória.

‘Os quebrantados de coração’ – refere-se aos que têm consciência do seu pecado e se sentem tocados por isso, ou seja, os que estão debaixo de um espírito de arrependimento e precisam do perdão de Deus para curar suas feridas interiores.

‘Proclamar libertação aos cativos’ – os que estão presos nas mentiras de Satanás por causa do pecado e que precisam conhecer a verdade para alcançar a libertação (Jo 8: 31-36). A boa nova trazida pelo Messias era que o cativo no pecado terminou, porque Jesus tinha chegado.

‘Pôr em liberdade os algemados [NVI: ‘libertação das trevas aos prisioneiros’]’ – o que inclui a libertação não apenas do cativo do pecado, como foi dito acima, mas a abertura do entendimento (‘abrir os olhos aos cegos’) daqueles que não sabiam que caminho seguir, pois o inimigo os cegava com suas trevas de mentira, roubando deles a esperança na salvação e impedindo-os de se posicionar na terra em relação às decisões a serem tomadas na sua própria vida. A falta de entendimento em determinado assunto ou a falta de revelação de Deus onde precisamos é um cativo, e precisamos ser libertos dele. Da mesma forma que Oséias escreveu: “O meu povo está sendo destruído porque lhe falta o conhecimento” (Os 4: 6a), Isaías repete o mesmo pensamento em outras palavras: “Portanto, o meu povo será levado cativo, por falta de entendimento” (Is 5: 13a). Por isso, está escrito em Pv 11: 9: “O ímpio, com a boca, destrói o próximo, mas os justos são libertados pelo conhecimento” [NVI: ‘Com a boca o ímpio pretende destruir o próximo, mas pelo seu conhecimento o justo se livra’]. Isso diz respeito ao conhecimento que temos sobre a Sua vontade para nós através da Sua palavra, que nos dá o discernimento espiritual para seguirmos por um lado ou para o outro, escapando ilesos dos sofismas do inimigo. Também diz respeito ao conhecimento de nós mesmos, do quanto já estamos trabalhados pelo Senhor em uma determinada área da nossa vida, a fim de que possamos nos libertar das falsas acusações e das afrontas. Sabendo o que Deus tem para nós, estando conscientes do que Ele está fazendo em nosso favor não há o que possa nos enganar. Jesus veio para trazer esta clareza, pois o Seu Espírito dentro de nós ilumina nossas ações e nossos pensamentos.

‘Apregoar o ano aceitável do Senhor’ ou ‘o ano da bondade do Senhor’ – significando que Jesus viria para anunciar a eles uma nova dispensação, uma época (‘o ano’) onde Deus se mostraria favorável com o ser humano, desejando derramar Sua bondade sobre todos aqueles que quisessem a salvação (2 Co 6: 2) e a verdadeira libertação. Eles deixariam de ser propriedade de Satanás e voltariam a ser propriedade do Senhor, do seu Criador. Talvez possa ser feito um paralelo entre essa frase e o ano do jubileu em Israel, que ocorria a cada cinquenta anos, quando os cativos eram libertos e as terras voltavam ao poder do seu antigo possuidor (Lv 25: 8-13; 28; 32).

‘O dia da vingança do nosso Deus’ – o dia que Deus escolheu para fazer o juízo definitivo sobre o mal, derrotando de uma vez por todas os inimigos do Seu povo, na Sua segunda vinda (2 Ts 1: 7-9; Ap 20: 10; 14-15).

‘A consolar todos os que choram’ – Jesus veio para trazer consolo aos que choram pelo seu afastamento de Deus por causa do pecado, pelas injustiças do mundo e pelo seu sofrimento devido às dificuldades naturais da vida. E o Seu consolo é algo palpável e presente, atual, não apenas uma promessa de consolação num futuro distante (na Nova Jerusalém espiritual – Mt 5: 4), como Jesus trouxe o consolo a Marta e a Maria pela morte de Lázaro, ressuscitando-o; trouxe o consolo a Jairo, pela morte de sua filhinha, ressuscitando-a; à viúva de Naim, pela morte do seu único filho, ressuscitando-o; trouxe o consolo à mulher pecadora que ungiu Seus pés, perdoando-a; à mulher Siro-Fenícia que estava desesperada por causa de sua filha endemoninhada, libertando a menina do

demônio que atormentava; e tantos outros casos. Ele igualmente nos traz o consolo no momento em que não estamos mais agüentando a angústia e a opressão externa, quando nos sentimos urgentemente necessitados de um socorro financeiro ou quando estamos doentes e precisamos de ajuda. Ele usa, muitas vezes, corpos humanos como instrumento do Seu consolo. Nem sempre o consolo é uma palavra que aquietar os temores. Às vezes, o consolo precisa ser algo palpável, natural, físico, que vem para aquietar a alma aflita. As ressurreições de mortos realizadas por Jesus e citadas acima são um exemplo disso.

‘E a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória’ – essa promessa não só pode ser empregada como um consolo aos exilados que ainda choravam pela destruição de sua cidade ou que ainda esperavam a vinda do Messias para serem salvos e conhecer a verdade de Deus; é uma promessa para o povo do passado e para a igreja de hoje, a Sião espiritual de Deus, que chora e está de luto por algum tipo de perda: perda da fé, da esperança, da unção, perda da comunhão profunda com Deus, perda da liberdade de pregar livremente Sua palavra, pois foi impedida pelo inimigo. O Senhor promete remover as cinzas do luto e colocar na cabeça dos Seus guerreiros uma coroa de alegria, porque sempre há um escape, sempre há uma solução, sempre há um livramento. Ele vai trocar o pranto pelo óleo da alegria, pois Seu reino é justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14: 17). A alegria é um fruto do Espírito (Gl 5: 22).

Ele vai dar uma veste de louvor, em vez de espírito angustiado – isso quer dizer que a angústia do peito pode ser removida quando colocamos nossa fé em ação, clamamos a Deus e vemos Sua resposta numa causa que parecia impossível, e isso nos leva a agradecer-Lhe, pois recebemos uma solução para o nosso problema. Por isso o apóstolo Pedro disse: “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte, lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pe 5: 6-7).

Em Fp 4: 6-7, Paulo escreveu: “Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus”. Nosso Deus é um Deus de justiça, um Deus do hoje, do presente, que providencia o que necessitamos para cada dia da nossa vida, em todas as áreas dela. O que precisamos desenvolver para ver a nossa bênção materializada é justamente a fé; a fé aliada à perseverança, pois o reino de Deus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele (Mt 11: 12). Muitas vezes, ter fé em alguma coisa que nunca tivemos ou nunca vimos é um grande esforço, mas a bíblia também diz que sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11: 6: “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam”).

Resumindo: Deus não mudou. Ele não mudou Suas leis escritas no AT só porque Jesus veio. Jesus veio e cumpriu a lei, mas não a aboliu. Nele se cumpriram as profecias sobre a redenção de Israel através do Messias. Ele abriu para nós a realidade espiritual, ou seja, nos deu a consciência da necessidade de salvação da nossa alma e nos fez entender quem é o nosso verdadeiro inimigo. Mas não deixou de agir na terra, na matéria. A palavra de Deus continua viva. Jesus é Deus, e, portanto, é capaz de realizar todo tipo de milagre em todas as áreas da nossa vida. Se você tem dificuldade de entender isso, creia apenas. Nada vai ficar postergado para a nova Jerusalém. A justiça que muitas vezes nós gostaríamos de ver na terra vai ser feita, sim, por Ele. Lá na Nova

Jerusalém o cumprimento de toda a palavra de Deus será pleno, mas Sua justiça, Seus milagres, Sua recompensa para nós é feita aqui na terra também. Em outras palavras: aqui nós conquistamos as pérolas. Lá, nós vamos receber a coroa completa e adomada com as pérolas que conquistamos aqui, em vida. Por isso, passamos as provas de aperfeiçoamento.

‘A fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória’ – o Senhor mostra o motivo da transformação mencionada acima: Ele coroa os enlutados, unge-os com óleo de alegria e põe sobre eles vestes de louvor para que eles sejam chamados ‘carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a Sua glória’. O carvalho é uma árvore do gênero *Quercus*, que tem vinte e quatro espécies na Palestina; por isso fica difícil determinar qual a espécie a que pertencem a palavras hebraicas como: ‘allâ, ‘allôn (ou ‘allown) e ‘elâ. Esta última parece ser a mais usada na bíblia (‘elâ). O termo hebraico ‘asherâ era traduzido (segundo a Septuaginta, ‘alsos’) como ‘bosque’ ou ‘lugar alto’ idólatra (Êx 34: 13; Dt 16: 21; 2 Rs 17: 16), pensando-se que se tratava de bosques de carvalhos. Mas os pesquisadores atuais afirmam que a referência ali não é a uma árvore, e sim a uma imagem ou poste-ídolo de Aserá, deusa pagã da fertilidade e do amor.

O carvalho era a árvore favorita sob cujas sombras os israelitas se assentavam (1 Rs 13: 14) ou sepultavam seus mortos (Gn 35: 8; 1 Cr 10: 12). Sua madeira, embora dura, não era empregada em construção. Era usada na fabricação de remos (Ez 27: 6) e de imagens de escultura (Is 44: 14-15). Basã era região repleta de carvalhos (Is 2: 13; Ez 27: 6; Zc 11: 2). O amorreu era forte como os carvalhos (Am 2: 9). Algumas espécies são perenemente verdes, mas a maioria muda de folhas anualmente (Is 6: 13). É uma árvore vigorosa, de madeira dura, que vive muitos séculos. Portanto, simboliza poder, força, longevidade, estabilidade e determinação; e isso é o que o Senhor espera daqueles a quem Ele resgata e abençoa: que sejam firmes na prática da justiça; permaneçam enraizados no reino de Deus para mostrar a Sua presença diante dos ímpios e irreverentes e diante dos inconstantes, que por qualquer coisa voltam ao pecado porque não querem pagar o preço da santidade e da realização dos seus sonhos.

A bênção futura de Israel – v. 4-9.

• Is 61: 4-9: “Edificarão os lugares antigamente assolados, restaurarão os de antes destruídos e renovarão as cidades arruinadas, destruídas de geração em geração. Estranhos se apresentarão e apascentarão os vossos rebanhos; estrangeiros serão os vossos lavradores e os vossos vinhateiros. Mas vós sereis chamados sacerdotes do Senhor, e vos chamarão ministros de nosso Deus; comereis as riquezas das nações e na sua glória vos gloriareis [NVI: ‘e do que era o orgulho delas vocês se orgulharão’]. Em lugar da vossa vergonha, tereis dupla honra; em lugar da afronta, exultareis na vossa herança [NVI: ‘Em lugar da vergonha que sofreu, o meu povo receberá porção dupla, e ao invés da humilhação, ele se regozijará em sua herança’]; por isso, na vossa terra possuireis o dobro e tereis perpétua alegria. Porque eu, o Senhor, amo o juízo e odeio a iniquidade do roubo; dar-lhes-ei fielmente a sua recompensa e com eles farei aliança eterna. A sua posteridade será conhecida entre as nações, os seus descendentes, no meio dos povos; todos quantos os virem os reconhecerão como família bendita do Senhor [NVI: ‘são um povo abençoado pelo Senhor’]”.

Aqui são feitas promessas aos judeus devolvidos do cativeiro e que se estabeleceram novamente em sua própria terra, mas veremos um pouco mais adiante que, muito provavelmente, essa profecia se estendeu aos tempos do evangelho, quando a nova dispensação passou a ser espiritual. Talvez, possa ser aplicada aos crentes da nossa geração.

É prometido que as suas casas serão reconstruídas, suas cidades serão levantadas das ruínas em que se encontram há muito tempo, e eles reconstruirão seus lares e suas terras novamente. Eles vieram do exílio e reconstruíram.

‘Estranhos se apresentarão e apascentarão os vossos rebanhos; estrangeiros serão os vossos lavradores e os vossos vinhateiros’ – isso aconteceu, em parte, quando retornaram do cativeiro e tiveram ajuda de alguns povos por ordem de Ciro (Ed 1: 4; 6) e, provavelmente dos moradores da Mesopotâmia e da Assíria que haviam sido enviados para a Palestina para colaborar com os judeus, ou povos de outras terras que se estabeleceram em Israel depois do seu exílio, e agora ajudariam voluntariamente os judeus com seus rebanhos e suas vinhas. Os judeus, sem dúvida, se sentiram privilegiados após seu retorno, pois agora sabiam valorizar a liberdade e as suas propriedades, além de valorizar sua crença no Deus vivo, não mais nos ídolos. Embora tivessem reconstruído suas casas e o templo, essas construções foram bastante inferiores às que possuíam antes de serem cativos, entretanto, era motivo de júbilo para quem chegou a perder tudo. Eles tinham novamente sua porção de terra, a terra de Israel, e não eram mais estrangeiros nela como foram na Babilônia.

A promessa de Isaías para eles era de um estado de alegria duradoura, muito mais duradoura do que o cativeiro na Babilônia. Porém, essa alegria não durou tanto tempo quanto se pensava (pelo menos na área material), pois eles tiveram paz durante o domínio do império persa, mas logo depois, com o domínio grego de Alexandre o Grande e seus generais, Israel trocou várias vezes de mãos: primeiro, sob domínio ptolomaico (os Egípcios), depois sob domínio selêucida (os Sírios), revolução dos Macabeus numa transição para o período Hasmoneano e que, de forma alguma trouxe alegria ou paz para a nação; apenas guerras, revoluções, mortes e mais destruição e divisões internas no âmbito civil e religioso até o domínio romano e o nascimento de Cristo. Por isso, eu disse anteriormente que esta profecia foi mais direcionada aos crentes, mais especificamente, à parte espiritual da igreja, pois também a parte material, física, dos novos convertidos foi bastante assolada, perseguida, e sua alegria, de pouca duração. O que tem durado até hoje é a esperança de a salvação ser completada na segunda vinda de Cristo, bem como a realização plena da Sua justiça. Não estou dizendo que o profeta ou que Deus estava mentindo; somente que esta parte da profecia de Isaías passa a ter uma natureza bastante diferente das profecias iniciais, já mostrando que, a partir do retorno dos judeus do exílio Deus estava e estaria tratando com a humanidade em outros termos.

‘Mas vós sereis chamados sacerdotes do Senhor, e vos chamarão ministros de nosso Deus; comereis as riquezas das nações e na sua glória vos gloriareis [NVI: ‘e do que era o orgulho delas vocês se orgulharão’]’ – quando Deus libertou Israel do Egito, Ele os separou para Ele (“Ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo e separei-vos dos povos, para serdes meus” – Lv 20: 26) e os chamou de um reino de sacerdotes (Ex 19: 6: “vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel”), significando, num sentido amplo, que através deles Suas leis seriam conhecidas entre as nações e eles trariam outros povos para Deus, como um sacerdote faz a ligação entre Deus e o povo e vice-versa. Para os crentes do NT essa lei continua a ser válida levando em conta que a Igreja de Cristo é o Israel espiritual de Deus: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2: 9).

Isso quer dizer que após o exílio, a posição dos judeus como mediadores entre Deus e os gentios voltaria a ser como foi planejada no início por Ele.

‘Em lugar da vossa vergonha, tereis dupla honra; em lugar da afronta, exultareis na vossa herança [NVI: ‘Em lugar da vergonha que sofreu, o meu povo receberá porção dupla, e ao invés da humilhação, ele se regozijará em sua herança’]; por isso, na vossa terra possuireis o dobro e tereis perpétua alegria’ – no lugar da vergonha que eles haviam passado durante o cativeiro (e até antes, por causa dos julgamentos de Deus contra a idolatria do Seu povo), eles teriam honra dobrada, assim como o regozijo de voltar a possuir a terra de Canaã. Aqui volta o comentário acima sobre a ‘alegria perpétua’, que passou a ser algo espiritual para os que entenderam o projeto de Deus através de Jesus. Apesar das circunstâncias externas, os crentes saberiam o que é a alegria da salvação e da companhia eterna do Espírito Santo. O que havia sido roubado deles seria restituído em dobro pelo Senhor, a mesma palavra (em Português) usada em Is 40: 2: “Falai ao coração de Jerusalém, bradai-lhe que já é findo o tempo da sua milícia, que a sua iniquidade está perdoada e que já recebeu em dobro das mãos do Senhor por todos os seus pecados”.

Em Is 40: 2 a palavra ‘dobro’ em hebraico é: *kephel* (Strong #3718), que significa: uma duplicata, dobro.

Em Is 61: 7 a palavra hebraica é: *mishneh* (Strong #4932), que significa, mais exatamente: uma repetição, ou seja, uma duplicata (cópia de um documento) ou uma dupla porção (em quantidade); por implicação, uma posição secundária, o próximo, segundo (ordem), o dobro, duas vezes mais.

Embora se tratando da mesma coisa, nós podemos até tentar explicar a diferença de palavras da seguinte forma: em Is 40: 2, o dobro (ou a duplicata) seria a quantidade de punição de Deus em medida dobrada à quantidade dos pecados deles.

E em Is 61: 7, o dobro corresponderia uma repetição, uma cópia do que tinham com Deus no início, antes de começarem a pecar e idolatrar imagens (como as tábuas da Lei foram escritas pela segunda vez para refazer o pacto). Seria uma aliança que estava sendo refeita entre eles e Deus; ou, então, uma porção dobrada (como a unção de Eliseu em relação a Elias) como uma maneira de compensar uma perda, uma necessidade ou um desejo de algo que foi conquistado com muita dedicação e esforço.

Na lei de Moisés está escrito:

Êx 22: 1; 4; 9: “Se alguém furtar boi ou ovelha e o abater ou vender, por um boi pagará cinco bois, e quatro ovelhas por uma ovelha... Se aquilo que roubou for achado vivo em seu poder, seja boi, jumento ou ovelha, pagará o dobro... Em todo negócio frauduloso, seja a respeito de boi, ou de jumento, ou de ovelhas, ou de roupas, ou de qualquer coisa perdida, de que uma das partes diz: Esta é a coisa, a causa de ambas as partes se levará perante os juízes; aquele a quem os juízes condenarem pagará o dobro ao seu próximo”.

Dessa forma, isso seria uma dupla recompensa para eles por todo roubo e vexame que sofreram nas mãos dos babilônios, como uma causa na justiça, onde se paga a indenização pelos danos morais sofridos pela vítima, ou seja, o litigante que primeiro deu entrada no pedido legal. A dupla riqueza que eles receberiam seria não apenas a posição de filhos de Deus, mas a bênção do primogênito (‘Dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito’ – Êx 4: 22), que recebia a porção dobrada da herança do pai, em relação aos outros filhos (Dt 21: 17).

‘Porque eu, o Senhor, amo o juízo e odeio a iniquidade do roubo; dar-lhes-ei fielmente a sua recompensa e com eles farei aliança eterna. A sua posteridade será conhecida entre as nações (*KJV: gentios; no hebraico, gowy – Strong 1471 = gentios; nações, povos, pagãos*), os seus descendentes, no meio dos povos; todos quantos os virem os reconhecerão como família bendita do Senhor [NVI: ‘são um povo abençoado

pelo Senhor’]’ – eles seriam reconhecidos pelos gentios como o povo escolhido de Deus.

Sião agradece a Deus pelo Seu retorno – v. 10-11.

- Is 61: 10-11: “Regozizar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me cobriu de vestes de salvação e me envolveu com o manto de justiça, como noivo que se adorna de turbante [NVI: ‘qual noivo que adorna a cabeça como um sacerdote’], como noiva que se enfeita com as suas jóias. Porque, como a terra produz os seus renovos, e como o jardim faz brotar o que nele se semeia [NVI: ‘Porque, assim como a terra faz brotar a planta e o jardim faz germinar a semente’], assim o Senhor Deus fará brotar a justiça e o louvor perante todas as nações”.

Isaías fala aqui em nome da igreja judaica daquela época pós-exílio, abençoada pelo Senhor e consciente da salvação e da separação para Ele; para nós, é a igreja de Cristo, coberta pelo Seu sangue (salvação) e justificada do seu pecado (manto de justiça), da mesma forma que o noivo (Jesus) adorna sua cabeça e a noiva (a igreja) que se enfeita com suas jóias. Assim como o privilégio do sacerdócio é restaurado para a igreja, ao mesmo tempo o profeta compara a alegria da volta do Senhor a Sião com uma festa de casamento, onde Ele é o sumo sacerdote (o noivo com turbante), e a igreja (judaica) é a noiva.

O verbo ‘adornar’, em relação ao noivo, em hebraico é kahan (Strong #3547), que significa mediar em serviços religiosos; officiar como sacerdote; figurativamente, colocar em regalia; enfeitar, embelezar, cobrir, ser sacerdote, fazer o ofício de um sacerdote, executar o ofício de um sacerdote, ministrar no ofício de um sacerdote. Assim, o turbante sacerdotal fala a favor da posição de sacerdócio da igreja de Cristo, levando Sua palavra viva aos quatro cantos da terra, como também é visto no próximo versículo: “Porque, como a terra produz os seus renovos, e como o jardim faz brotar o que nele se semeia [NVI: ‘Porque, assim como a terra faz brotar a planta e o jardim faz germinar a semente’], assim o Senhor Deus fará brotar a justiça e o louvor perante todas as nações”. Isso é falado em relação aos tempos messiânicos. Os que forem salvos (resgatados pela Sua justiça) louvarão o Seu nome.

Capítulo 62

Jerusalém, a noiva do Senhor – v. 1-12.

• Is 62: 1-5: “Por amor de Sião, me não calarei [NVI: ‘eu não sossegarei’] e, por amor de Jerusalém, não me aquietarei, até que saia a sua justiça como um resplendor [NVI: ‘não descansarei enquanto a sua justiça não resplandecer como a alvorada’], e a sua salvação, como uma tocha acesa. As nações verão a tua justiça, e todos os reis, a tua glória; e serás chamada por um nome novo, que a boca do Senhor designará. Serás uma coroa de glória [NVI: ‘uma esplêndida coroa’] na mão do Senhor, um diadema real na mão do teu Deus. Nunca mais te chamarão Desamparada, nem a tua terra se denominará jamais Desolada [NVI: ‘Não mais a chamarão abandonada, nem desamparada à sua terra’]; mas chamar-te-ão Minha-Delícia [NVI: ‘Hefzibá’, que significa ‘o meu prazer está nela’]; e à tua terra, Desposada [NVI: ‘Beulá’, que significa casada]; porque o Senhor se delicia em ti; e a tua terra se desposará. Porque, como o jovem desposa a donzela, assim teus filhos te desposarão a ti [NVI: ‘os seus filhos se casarão com você’ ou ‘assim aquele que a edificou se casará’]; como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus”.

Muito provavelmente era Isaías clamando ao Senhor pela Sua justiça, livrando Jerusalém e seu povo da ação dos babilônios, e fazendo-o retornar em honra à sua cidade. A salvação do Senhor fará com que a cidade volte a ser vista como protegida e abençoada pelo Seu Deus, como uma tocha acesa diante de todos os povos. Os reis e as nações verão o favor divino sobre Jerusalém e ela será chamada por um nome novo que o Senhor mesmo dará a ela. Ele a chamará de Minha-Delícia [NVI: ‘Hefzibá’, que significa ‘o meu prazer está nela’], mostrando sua condição de amada de Deus; e Desposada [NVI: ‘Beulá’, que significa casada] porque ela não mais será uma cidade abandonada e desamparada; seus filhos (habitantes) voltarão e habitarão nela. Ela terá uma fama melhor do que tem agora.

Beulá é um nome próprio que deriva da palavra hebraica be’ulah (בְּעוּלָה), Strong #1166, que significa ‘casada’ ou ‘possuída como esposa’. A palavra be’ulah é um particípio passivo (i.e., uma forma verbal que não tem sujeito) do verbo ‘baal’ ou ‘ba’al’ (בָּעַל), que significa ‘ter domínio sobre’, ‘ser marido’, ‘possuir’, ‘ter como esposa’, portanto, be’ulah = casada, esposa, possuída como esposa. O substantivo ‘baal’ era o nome que as mulheres usavam para os seus maridos: ‘senhor, possuidor, amo, marido’, o que mais tarde veio a dar a confusão como o nome próprio de Baal, deus dos canaanitas e fenícios.

‘Minha-Delícia’, na ARA ou ‘Hefzibá’, na NVI, significa ‘meu prazer está nela’ ou ‘meu deleite está nela’, em hebraico transliterado: Chephtsi-bah, חֶפְצִי-בָהּ – Strong #2657, ‘meu prazer está nela’. Hefzibá também é um nome próprio feminino.

‘Uma coroa de glória’ expressa a dignidade que ela vai ter diante de Deus.

‘Na mão do Senhor’ significa que será preservada e defendida por Ele.

‘Um diadema real’ simboliza a realeza de Jerusalém, feita para ser a capital de Judá, e o lugar onde o rei e o sumo sacerdote eram os instrumentos de Deus para defender fisicamente Seu povo e iluminá-lo espiritualmente. O aumento da sua descendência se estende também aos tempos do evangelho, quando as pessoas de todas as terras vinham a Jerusalém, não apenas para as festas religiosas, mas para ouvir as palavras de Jesus e ver Seus milagres; e mesmo depois, quando a Igreja Primitiva começou a fazer convertidos entre judeus e gentios. E os ‘filhos de Jerusalém’ serão fiéis a ela, porque a amarão.

‘Como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus’ – aqui, ela aparece como a noiva, e Deus como o noivo que se alegra com ela.

• Is 62: 6-9: “Sobre os teus muros, ó Jerusalém, pus guardas [NVI: ‘sentinelas’], que todo o dia e toda a noite jamais se calarão; vós, os que fareis lembrado o Senhor [NVI: ‘Vocês que clamam pelo Senhor’], não descanséis, nem deis a ele descanso até que restabeleça Jerusalém e a ponha por objeto de louvor na terra. Jurou o Senhor pela sua mão direita e pelo seu braço poderoso: Nunca mais darei o teu cereal por sustento aos teus inimigos, nem os estrangeiros beberão o teu vinho, fruto de tuas fadigas. Mas os que o ajuntarem o comerão e louvarão ao Senhor; e os que o recolherem beberão nos átrios do meu santuário [NVI: ‘aqueles que juntarem as uvas delas beberão nos pátios do meu santuário’]”.

O profeta fala em nome de Deus, dizendo que Ele mesmo colocou sentinelas (atalaias) sobre os muros de Jerusalém, mostrando de maneira figurada que Ele mesmo levantaria profetas, intercessores e sacerdotes que ensinariam o povo a clamar sempre diante dEle pelo livramento da cidade e pela sua restauração, até que ela volte a ser um louvor na terra, e eles dariam a notícia da sua salvação e do favor do Senhor por ela, afastando todos os inimigos. Eles lembrariam o Senhor de dia e de noite das promessas que Ele já havia feito em relação à salvação da filha de Sião. A promessa é do próprio Deus, como um juramento de que Ele não vai mais entregar seu cereal (seu alimento) nas mãos de estrangeiros, como foi com os babilônios e outros antes deles; nem dará mais o fruto das suas vinhas a esses estranhos. Mas o que pertencer a Jerusalém será dela e de seus filhos; eles louvarão o nome do Senhor pela Sua abundância e prosperidade, e levarão suas ofertas de manjares ao templo do Senhor como gratidão.

Com a Jerusalém espiritual (a Igreja) é a mesma coisa: Jesus é o muro protetor de Sua igreja; e seus ministros, profetas e intercessores são os que estão sobre os muros (como Habacuque no AT), em proximidade com o Senhor, para interceder pela santidade dela e dar-lhe o aviso da parte dEle para que a igreja sempre encontre o favor de Deus e siga Sua direção. A intercessão e a pregação da Palavra são os dois alicerces principais da igreja, e devem ser exercidos continuamente, de dia e de noite, nos momentos de alegria e nos momentos de provação (2 Tm 4: 2: ‘quer seja oportuno, quer não’ ou ‘em tempo e fora de tempo’), para que os olhos do Senhor esteja continuamente sobre ela, e pessoas possam ser arrebanhadas para Ele.

• Is 62: 10-12: “Passai, passai pelas portas; preparai o caminho ao povo; aterrai, aterrai a estrada, limpai-a das pedras; arvorai bandeira aos povos [NVI: ‘Construam, construam a estrada! Removam as pedras. Ergam uma bandeira para as nações’]. Eis que o Senhor fez ouvir até às extremidades da terra estas palavras: Dizei à filha de Sião: Eis que vem o teu Salvador; vem com ele a sua recompensa, e diante dele, o seu galardão [NVI: ‘Ele traz a sua recompensa e o seu galardão o acompanha’]. Chamar-vos-ão Povo Santo, Remidos-Do- Senhor; e tu, Sião, serás chamada Procurada, Cidade-Não-Deserta”.

A primeira frase: ‘Passai, passai pelas portas; preparai o caminho ao povo; aterrai, aterrai a estrada, limpai-a das pedras; arvorai bandeira aos povos’ pode ser comparada com Is 49: 22: ‘Assim diz o Senhor Deus: Eis que levantarei a mão para as nações e ante os povos arvorarei a minha bandeira; eles trarão os teus filhos nos braços, e as tuas filhas serão levadas sobre os ombros’. Deus promete (Is 49: 22) que até os judeus que foram levados durante a invasão da cidade ou que nasceram durante o exílio virão a ela; e os gentios que ela nunca viu virão por amor do Senhor, pois Ele mesmo os chamará. Mas em Is 62: 10-12 a alusão à vinda do Messias parece mais clara, bem como o

chamado profético a estar com o coração preparado para Ele, ou seja, tirar os impedimentos no Seu caminho, seja nos corações dos judeus ou dos gentios. Ele virá trazendo salvação (Zc 9: 9) e, junto com Ele, virá a Sua recompensa e o Seu galardão (cf. Is 40: 10). Galardão significa: recompensa de serviços valiosos, prêmio, honra e glória; e isso se refere ao grande serviço prestado por Jesus na cruz. O povo convertido é Sua recompensa (e Seu galardão) e a confirmação da Sua glória. Em hebraico, a palavra para ‘recompensa’ é sakar (Strong #7939), que significa: ‘pagamento de contrato; concretamente, salário, tarifa, manutenção; por implicação, compensação, benefício, recompensa’. Depois, a bíblia diz: “Chamar-vos-ão Povo Santo, Remidos-Do-Senhor; e tu, Sião, serás chamada Procurada, Cidade-Não-Deserta”.

‘Redimidos’ (hebraico, ga'al, Strong #1350) é uma raiz primitiva que significa ‘redimir’ (de acordo com a lei oriental do parentesco), ou seja, ser o parente mais próximo (e, como tal, exercer o papel de resgatador); vingar, libertar, fazer libertação, executar a parte de parente próximo, parente masculino, comprar, redimir, resgatar (resgatador), vingador. O Resgatador, em Hebraico, Goel (go'el ou gho'êl), vem do verbo ga'al ('redimir'), é também chamado ‘parente-redentor’ e ‘vingador’. O resgatador era um parente não tão distante, influente, a quem a família podia em geral recorrer quando a sua linhagem ou os seus bens corressem o risco de ser perdidos. Ele deveria: comprar de volta a terra da família vendida em tempos de crise (Lv 25: 25); resgatar parentes escravizados (Lv 25: 47-49); garantir um herdeiro para o irmão morto (Dt 25: 5-10); vingar a morte de um parente (Nm 35: 19-21); e tomar conta de parentes em circunstâncias difíceis (Jr 32: 6-25). O Resgatador de Rute e Noemi foi Boaz. Em relação a Israel, a idéia de resgate (Resgatador) é também usada em referência a Deus e à redenção por Ele efetuada:

- Êx 6: 6-8: “Portanto, dize aos filhos de Israel: eu sou o Senhor, e vos tirarei de debaixo das cargas do Egito, e vos livrarei da sua servidão, e vos **resgatarei** com braço estendido e com grandes manifestações de julgamento. Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus que vos tiro de debaixo das cargas do Egito. E vos levarei à terra a qual jurei dar a Abraão, a Isaque e a Jacó; e vô-la darei como possessão. Eu sou o Senhor”.

- Jó 19: 25: “Porque eu sei que o meu **redentor** vive e por fim se levantará sobre a terra”.

- Sl 19: 14: “As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e **redentor** meu”.

- Sl 69: 18: “Aproxima-te de minha alma e redime-a; **resgata-me** por causa dos meus inimigos”.

- Is 43: 1: “Mas agora, assim diz o Senhor, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te **remi**; chamei-te pelo teu nome, tu és meu”.

Nessas passagens, Deus é o parente mais próximo de Israel, surgindo para trazer a nação de volta à Sua família, já que o próprio povo não tinha condições para isso.

A palavra ‘resgatador’ é também empregada como um prenúncio da vinda do Messias (Is 59: 20: ‘Virá o **Redentor** a Sião e aos de Jacó que se converterem, diz o Senhor’). Cristo é o nosso parente próximo que veio nos comprar de volta para a família de Deus. No NT o conceito de resgate se revela nos vários sinônimos de resgatar, que transmite a idéia de: pagar um resgate, fazer uma aquisição ou reaver o que se perdeu.

‘Tu, Sião, serás chamada Procurada, Cidade-Não-Deserta’ – com a libertação do cativo, Sião não será mais uma cidade deserta, abandonada, pois o Senhor trará sua reconstrução e o seu repovoamento, não apenas com a volta dos exilados, mas com gentios que se achegarão a ela. Com a salvação trazida pelo Messias, a glória de

Jerusalém será ainda maior por causa dEle, pois sua fama correrá até as nações mais longínquas.

Capítulo 63

Deus vinga o Seu povo – v. 1-6.

• Is 63: 1-6: “Quem é este que vem de Edom, de Bozra, com vestes de vivas cores [NVI: ‘com as roupas tingidas de vermelho’], que é glorioso em sua vestidura [NVI: ‘num manto de esplendor’; no original: ‘enfeitado em seu vestuário’], que marcha na plenitude da sua força? Sou eu que falo em justiça, poderoso para salvar. Por que está vermelho o traje, e as tuas vestes, como as daquele que pisa uvas no lagar? O lagar, eu o pisei sozinho, e dos povos nenhum homem se achava comigo; pisei as uvas na minha ira; no meu furor, as esmaguei, e o seu sangue me salpicou as vestes e me manchou o traje todo. Porque o dia da vingança me estava no coração, e o ano dos meus redimidos é chegado [NVI: ‘e chegou o ano da minha redenção’]. Olhei, e não havia quem me ajudasse, e admirei-me de não haver quem me sustivesse; pelo que o meu próprio braço me trouxe a salvação, e o meu furor me susteve (cf. Is 59: 16-17). Na minha ira, pisei os povos, no meu furor, embriaguei-os, derramando por terra o seu sangue”.

O profeta mostra de novo que YHWH está presente como o Deus vivo. Ele é temível em Sua ira (63: 1-6), porém, inclina-se em bondade para com Seu povo, mostrando-lhes misericórdia e restaurando-lhes o consolo e deliciando-se em Sião (Is 66: 2; 13).

Em primeiro lugar o profeta faz uma pergunta a Deus, em suas visões, em nome de muitas nações: quem é esse que vem de Edom a Jerusalém depois de vingar Seu povo, com as vestes tintas de vermelho, num manto de esplendor e que marcha na plenitude da sua força? Edom está colocado aqui e em Isaías 34: 1-17 como o símbolo de todos os inimigos de Deus, como o símbolo de todas as nações que pecaram contra Ele, mas também tem relação com a destruição de sua própria terra, se compararmos com a profecia de Obadias (Ob 1-14). Então, Ele mesmo responde ao profeta: ‘Sou eu que falo em justiça, poderoso para salvar’. Ele está prestes a realizar a salvação do Seu povo, e a salvação é o resultado da Sua justiça.



Bozra, ou Botsra, Botzrah, Bozrah (em hebraico: בֹּצְרָה) foi a capital do povo de Edom, e cujo rei foi Jobabe (Gn 36: 33; 1 Cr 1: 44). Esaú ou Edom (Gn 36: 19) foi o irmão de Jacó, e habitou em Seir, uma montanha que antes pertencia a Seir, o horeu (Gn 36: 8-9; Gn 36: 20); por isso, Edom é frequentemente chamado de Seir. Ismael, filho de Abraão e Agar, teve doze filhos (que foram os príncipes das nações árabes) e uma filha chamada Maalate (Gn 28: 9), que se casou com Esaú (ou Edom). Nebaiote, o primogênito de Ismael foi o ancestral de uma tribo árabe que posteriormente deu origem aos Nabateus. Nebaiote (Nbayowth ou Nbayoth – Strong #5032) significa frutificação, fecundidade. Esses povos (descendentes de Ismael e de Esaú) foram povos aparentados com os descendentes de Isaque, filho de Abraão, mais tarde se opondo ao povo de Israel em várias ocasiões. Seus nomes aparecem em Is 60: 6-9, o que significa uma restituição de Deus em relação às afrontas e discórdias passadas entre Israel e esses povos, que viriam a Jerusalém com sua atual descendência para engrandecê-la com seus presentes por causa da luz do Messias, ou pelo menos, para ouvi-lo (Mc 3: 8: “... de Jerusalém, da Iduméia, dalém do Jordão e dos arredores de Tiro e de Sidom uma grande multidão, sabendo quantas coisas Jesus fazia, veio ter com ele”). A descendência dos edomitas espalhou-se pelas terras adjacentes ao Mar Vermelho subindo para norte onde também entraram em confrontos territoriais com os Filisteus, acabando por se estabelecer, mais tarde, no vale de Aqaba onde fundaram duas cidades muito importantes na rota do incenso: Bozra e Petra. Bozra significa ‘curral de ovelhas’ ou ‘aprisco de ovelhas’, indicando que era uma cidade de pastores no sudeste do Mar Morto, na terra de Edom. Hoje ela é uma pequena cidade da Jordânia no estado de Tafilah, chamada de Buseirah.

Em Is 21: 11-12 (Dumá) e Is 34: 1-17 também foi escrita uma profecia sobre a conquista de Edom (cf. Jr 49: 7-22; Ez 25: 12-14; Ez 35: 1-15; Am 1: 11-12; Ob 1-14; Ml 1: 2-5), provavelmente por parte dos assírios por volta do VIII século AC. As inscrições assírias mostram que Edom se tornou estado vassalo da assíria em 736 AC, no reinado de Tiglate-Pileser III (745-727 AC). A Babilônia o conquistou mais tarde, e os outros profetas também profetizaram sobre isso. Os profetas Amós e Jeremias predisseram a destruição de Bozra (capital de Edom), que pode ser por Nabucodonosor em 581 AC ou pelos persas em 539 AC. No séc. III AC foi dominado pelos Nabateus (árabes), que acabaram por empurrar os habitantes de Edom para o sul da Judéia, e que mais tarde, foi chamado Iduméia. Judas Macabeu subjugou os Edomitas (séc. II AC) e João Hircano I (séc. II-I AC) os obrigou a circuncidar-se para poderem ser incorporados pelo povo judeu. O povo de Edom definitivamente foi destruído por Tito em 70 DC.

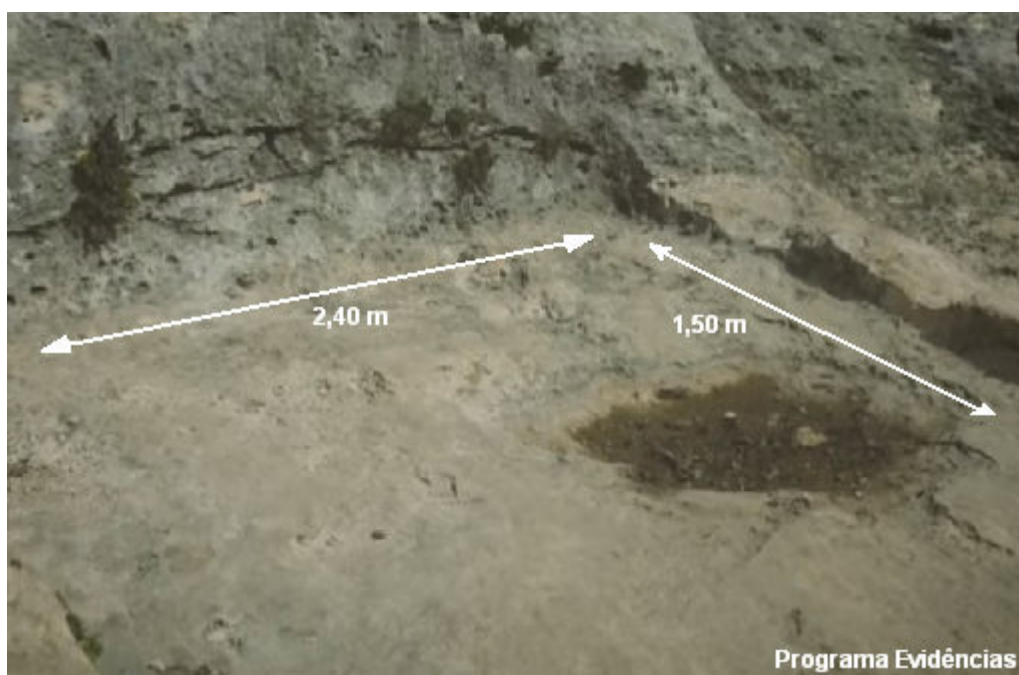
Como escrevi nos capítulos 21 e 34, fica um pouco difícil localizar temporalmente a profecia naqueles trechos bíblicos, pois não se sabe a que opressor o profeta se referia, se Assíria ou Babilônia.

Voltando a Is 63, o profeta faz outra pergunta: ‘Por que está vermelho o traje, e as tuas vestes, como as daquele que pisa uvas no lagar?’

E o Senhor responde que Ele pisou o lagar sozinho e ninguém estava ao Seu lado para ajudá-lo. A imagem figurada é apropriada, uma vez que a região em volta de Bozra era rica em vinhas. Ele continua: “pisei as uvas na minha ira; no meu furor, as esmaguei, e o seu sangue me salpicou as vestes e me manchou o traje todo. Porque o dia da vingança me estava no coração, e o ano dos meus redimidos é chegado [NVI: ‘e chegou o ano da minha redenção’]. Olhei, e não havia quem me ajudasse, e admirei-me de não haver quem me sustivesse; pelo que o meu próprio braço me trouxe a salvação, e o meu furor me susteve (cf. Is 59: 16-17). Na minha ira, pisei os povos, no meu furor, embriaguei-os, derramando por terra o seu sangue”.

‘Pisar o lagar’ é uma metáfora sobre pisar ou destruir os inimigos do Seu povo, como uma forma de vingança.

Na figura abaixo nós vemos um lagar da Antiguidade (este data de mais ou menos 2.000 anos). Era uma espécie de cisterna rasa cavada na rocha, com a dimensão de aproximadamente 2,40m x 1,50 m e geralmente cercado com postes de madeira com e barrotes de madeira no teto, onde se amarravam cordas, que ficavam penduradas. Nelas, os pisadores de uva se seguravam para pisar as uvas. O suco de uva recém-espremido (mosto) corria por um canaleta e era armazenado em buracos mais fundos cavados na rocha, como cavernas. Os homens desciam por uma escada e iam coletando o suco de uva em recipientes. A parte superior do lagar, onde as uvas eram pisadas se chamava gath; e a menor em baixo, de Yéqev ou Yeqavím (plural). Em Joel 3: 13 está escrita a palavra ‘compartimentos’ (ARA) ou ‘tanques’ (NTLH) ou ‘vasos dos lagares’ (ARC).





Winepress – Opening Isaiah; post. Deseret Book

Então, Deus fala que é chegado o ano dos Seus redimidos [NVI: ‘chegou o ano da minha redenção’], se referindo à época da graça do Senhor.

Em Is 59: 16-19 está escrito: “Viu que não havia ajudador algum e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor [NVI: ‘Ele viu que não havia ninguém, admirou-se porque ninguém intercedeu’]; pelo que o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve. Vestiu-se de justiça, como de uma couraça, e pôs o capacete da salvação na cabeça; pôs sobre si a vestidura da vingança e se cobriu de zelo, como de um manto. Segundo as obras deles, assim retribuirá; furor aos seus adversários e o devido aos seus inimigos [NVI: ‘aos seus adversários, o que merecem’]; às terras do mar, dar-lhes-á a paga. Temerão, pois, o nome do Senhor desde o poente e a sua glória, desde o nascente do sol; pois virá como torrente impetuosa, impelida pelo Espírito do Senhor [NVI: ‘Pois ele virá como uma inundação impelida pelo sopro do Senhor’]”.

Isaías recebeu a revelação do Messias como um homem de guerra, vestindo-se de zelo pelo nome e pela santidade de Deus (armadura) e se dispondo a vingar Seu povo daquilo que o prendia nas cadeias do pecado e das trevas. O Messias viu que não havia quem o ajudasse e o Seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a Sua própria justiça o susteve. Deus mostra a Isaías que Ele está presente como o Deus vivo e é temível em Sua ira. Ele veste as vestes de salvação e de vingança para libertar Seu povo (Is 59: 16-21).

Nós vimos que a vinda do Messias traria a vingança divina sobre os adversários dos judeus. Mas entre essas profecias (Is 59 e Is 63) e a vinda de Jesus houve muitas guerras e muitos instrumentos humanos de Deus para realizar a vingança do Senhor contra os inimigos de Israel. Muito sangue foi derramado (‘o seu sangue me salpicou as vestes e me manchou o traje todo’) e Deus realmente se vingou de ímpios, mostrando Sua soberania sobre os deuses das nações pagãs. Isso foi um preparo para a vinda de Cristo, que ninguém sabia quando ocorreria. Quando nós falamos sobre as características do Messias, algumas delas eram mais importantes, sendo que pessoas comuns personificavam aqui na terra o verdadeiro Messias por vir. As características eram: o Servo sofredor (algumas vezes representado pelo próprio profeta em sua árdua missão no meio daquele povo incrédulo) e o conquistador ungido (na figura de Ciro ou Davi),

ou seja, de um rei que virá para governar sobre judeus e gentios, executando a vingança de Deus contra Seus inimigos, se vestindo com a armadura da salvação (Is 59: 16-21) e derrotando-os completamente, redimindo Seu povo.

No capítulo 63: 1-6 esse conquistador messiânico é um homem entre os homens, mostrando igualmente as qualidades do rei e do Servo, com os mesmos dotes espirituais deles. Ele também se mostra como o conquistador de Edom, uma tarefa que foi realizada através de Davi: Nm 24: 17-19 (a ‘estrela de Jacó’ diz respeito a Davi); 1 Cr 18: 11-12; 2 Sm 8: 13-14; Sl 60 (Quando lutou contra os siros da Mesopotâmia – 1 Cr 18: 3 – e os siros de Zobá, e quando Joabe regressou e derrotou doze mil edomitas no vale do Sal) cf. Sl 108: 6-13. Aqui, nós podemos ver a identidade do Conquistador Ungido com o Messias Davídico. Os judeus mantinham na mente a imagem física do Messias, como um guerreiro, vindo para libertar Seu povo de toda opressão. Entretanto, Ele viria trazendo um poderoso mover mundial, e junto com Ele um novo tempo, uma nova dispensação para a humanidade. Jesus, o Messias veio em forma humana, como era esperado pelos judeus, mas trouxe uma nova maneira de se guerrear, que eles não captaram nem aceitaram.

Assim, Deus mostra aqui a destruição dos edomitas, mas não deixa claro qual o personagem humano usado para esta destruição (‘o seu sangue me salpicou as vestes e me manchou o traje todo’), embora no âmbito espiritual nós saibamos que se trata de Jesus (cf. Is 53: na cruz Seu sangue foi derramado para propiciar a ira de Deus). Seja como for, Deus mostra que Ele não precisa da ajuda humana para realizar libertação.

A figura de um homem bêbado, cambaleante, mostra quão desnorteados ficarão os inimigos do povo de Deus com a vingança do Senhor (“Na minha ira, pisei os povos, no meu furor, embriaguei-os, derramando por terra o seu sangue” – Is 63: 6).

Recordando a misericórdia do Senhor (A última oração do profeta) – v. 7-14.

- Is 63: 7-14: “Celebrarei as benignidades do Senhor e os seus atos gloriosos, segundo tudo o que o Senhor nos concedeu e segundo a grande bondade para com a casa de Israel [NVI: ‘à nação de Israel’], bondade que usou para com eles, segundo as suas misericórdias e segundo a multidão das suas benignidades. Porque ele dizia: Certamente, eles são meu povo, filhos que não mentirão [NVI: ‘são filhos que não me vão trair’]; e se lhes tornou o seu Salvador. Em toda a angústia deles, foi ele angustiado, e o Anjo da sua presença os salvou; pelo seu amor e pela sua compaixão, ele os remiu, os tomou e os conduziu todos os dias da antiguidade [NVI: ‘nos dias passados’]. Mas eles foram rebeldes e contristaram o seu Espírito Santo, pelo que se lhes tornou em inimigo e ele mesmo pelejou contra eles. Então, o povo se lembrou dos dias antigos, de Moisés, e disse: Onde está aquele que fez subir do mar o pastor do seu rebanho? [NVI: ‘Onde está aquele que os fez passar através do mar, com o pastor do seu rebanho?'] Onde está o que pôs nele o seu Espírito Santo? Aquele cujo braço glorioso ele fez andar à mão direita de Moisés? Que fendeu as águas diante deles, criando para si um nome eterno? [NVI: ‘que dividiu as águas diante deles para alcançar renome eterno’] Aquele que os guiou pelos abismos [NVI: ‘e os conduziu através das profundezas’], como o cavalo no deserto [NVI: ‘em campo aberto’], de modo que nunca tropeçaram? Como o animal que desce aos vales [NVI: ‘como o gado que desce à planície’], o Espírito do Senhor lhes deu descanso. Assim, guiaste o teu povo, para te criares um nome glorioso”.

A partir daqui há uma oração do profeta até o final do capítulo 64, em que ele começa a mencionar as grandes bondades que Deus havia demonstrado para com os judeus, e isso para que Seu nome fosse um nome glorioso. Assim, Isaías os estimula a se lembrarem dos benefícios de Deus no passado para fortalecerem sua fé no presente e

terem a certeza do livramento desse mesmo Deus. Os judeus dispersos poderiam crer nEle. Ele menciona o relacionamento de Deus com Israel nos primeiros dias de sua existência, quando os tirou do Egito e fez aliança com eles e disse que eles não mentiriam para Ele, ou seja, não o trairiam. Ele sabia que eles o trocariam por outros deuses, mas aqui Ele fala como se fosse um homem como eles, que esperasse gratidão em troca da Sua benevolência. Mesmo decepcionado com eles, Ele os salvou.

‘O Anjo da sua presença’ (‘da Sua presença’, literalmente: ‘do Seu rosto’, ‘da Sua face’, isto é, que permanece diante de Deus continuamente; no hebraico: ‘Paniym, Strong #6440) é o mesmo que a expressão comumente vista na bíblia em outras passagens do AT, ‘o Anjo do Senhor’, se referindo a Jesus. Ele apareceu para Moisés na sarça, como os conduziu pelo deserto e os salvou de muitas coisas. ‘Em toda a angústia deles, foi ele angustiado’ – mostra que Ele sofreu as aflições deles, e muito mais na cruz, de maneira definitiva para que a salvação fosse completa e eterna.

Então o povo se lembrou dos dias de Moisés e se pergunta se o mesmo Deus que livrou seus antepassados pode fazer o mesmo agora.

‘Aquele cujo braço glorioso ele fez andar à mão direita de Moisés’ – o Anjo do Senhor estava à direita de Moisés fazendo os milagres. Moisés era apenas Seu instrumento, mas o braço glorioso ou poderoso era o de Deus.

‘Aquele que os guiou pelos abismos, como o cavalo no deserto, de modo que nunca tropeçaram? Como o animal que desce aos vales], o Espírito do Senhor lhes deu descanso. Assim, guiaste o teu povo, para te criares um nome glorioso’ – Deus os dirigiu como um cavaleiro hábil dirige o seu cavalo numa planície aberta para que não tropece. Seu nome ficou famoso entre as nações por ter dividido o Mar Vermelho para eles passarem. Deus conduziu o Seu povo para lugares de descanso, como os animais descem das montanhas à planície para poder repousar. Canaã era o lugar de descanso para eles.

A oração e a queixa do profeta – v. 15-19.

• Is 63: 15-19: “Atenta do céu e olha da tua santa e gloriosa habitação. Onde estão o teu zelo e as tuas obras poderosas? A ternura do teu coração e as tuas misericórdias se detêm para comigo! [NVI: ‘Retiveste a tua bondade e a tua compaixão; elas já nos faltam!'] Mas tu és nosso Pai, ainda que Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhece [NVI: ‘Abraão não nos conhece e Israel nos ignora’]; tu, ó Senhor, és nosso Pai; nosso Redentor é o teu nome desde a antiguidade NVI: ‘desde a antigüidade te chamas nosso Redentor’]. Ó Senhor, por que nos fazes desviar dos teus caminhos? Por que endureces o nosso coração, para que te não temamos? Volta, por amor dos teus servos e das tribos da tua herança. Só por breve tempo foi o país possuído pelo teu santo povo; nossos adversários pisaram o teu santuário [NVI: ‘Por pouco tempo o teu povo possuiu o teu santo lugar; depois os nossos inimigos pisotearam o teu santuário’]. Tornamo-nos como aqueles sobre quem tu nunca dominaste e como os que nunca se chamaram pelo teu nome [Nota da NVI: ‘Somos como aqueles que jamais governaste, como os que jamais foram chamados pelo teu nome’]”.

O profeta argumenta com Deus exaltando Sua bondade e, ao mesmo tempo, perguntando qual o motivo do Seu distanciamento em relação a eles. Ele o chama de Pai e Redentor, mas reconhece que seus corações estão endurecidos, por isso não sentem a Sua presença. Isaías sofre pelo estado do seu povo e pergunta ao Senhor até quando Ele vai se manter longe. Pede para que Ele volte para eles de novo. Abraão já está morto e não está consciente da condição atual dos seus descendentes. Mas desde os tempos antigos Deus foi o Redentor deles, e seu verdadeiro Pai. E agora, eles estão dispostos a confiar inteiramente nEle. Ele se refere ao Templo agora destruído e diz a Deus que o

tempo que os Seus servos o possuíram foi muito pouco, comparativamente à Sua promessa. Também diz que o tempo que possuíram a terra de Canaã foi muito pouco também.

‘Tornamo-nos como aqueles sobre quem tu nunca dominaste e como os que nunca se chamaram pelo teu nome’, ou segundo a nota da NVI, ‘Somos como aqueles que jamais governaste, como os que jamais foram chamados pelo teu nome’ – isso denota o afastamento e a falta de intimidade com Deus que eles sentem, como se jamais tivessem sido Seu povo, e sim, como os ímpios, que não eram chamados pelo Seu nome.

Capítulo 64

A oração do profeta continua, pedindo a presença majestosa de Deus – v. 1-5.

• Is 64: 1-5: “Oh! Se fendesses os céus e descesses! Se os montes tremessem na tua presença, como quando o fogo inflama os gravetos, como quando faz ferver as águas, para fazeres notório o teu nome aos teus adversários, de sorte que as nações tremessem da tua presença! Quando fizeste coisas terríveis [NVI: ‘coisas tremendas’], que não esperávamos, desceste, e os montes tremeram à tua presença. Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu Deus além de ti, que trabalha para aquele que nele espera. Sais ao encontro daquele que com alegria pratica justiça [NVI: ‘Vens ajudar aqueles que praticam a justiça com alegria’], daqueles que se lembram de ti nos teus caminhos; eis que te iraste, porque pecamos; por muito tempo temos pecado e havemos de ser salvos?”

O profeta continua sua oração, clamando a Deus que venha como no passado, rasgando os céus, fazendo tremer os montes na Sua presença e fervendo as águas com o calor do Seu fogo, a fim de que Seu nome seja reconhecido e temido pelos Seus adversários. Novamente, ele reconhece as obras tremendas feitas pelo Senhor para os seus antepassados e diz que nunca se viu um Deus assim, que trabalha para aqueles que esperam nEle. O Senhor sai ao encontro dos que praticam as obras de justiça com alegria, e dos que se lembram sempre dEle. Termina essa parte da oração reconhecendo que Ele se irou porque eles pecaram e continuaram pecando por muito tempo. Como, então, eles seriam salvos?

Confessa seus pecados e se queixa de suas aflições – v. 6-12.

• Is 64: 6-12: “Mas todos nós somos como o imundo [NVI: ‘Somos como o impuro — todos nós!’], e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam [NVI: ‘e como o vento as nossas iniquidades nos levam para longe’]. Já ninguém há que invoque o teu nome, que se desperte e te detenha [NVI: ‘que se anime a apegar-se a ti’]; porque escondes de nós o rosto e nos consomes por causa das nossas iniquidades. Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai, nós somos o barro, e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos. Não te enfureças tanto, ó Senhor, nem perpetuamente te lembres da nossa iniquidade [NVI: ‘Não te lembres constantemente das nossas maldades’]; olha, pois, nós te pedimos: todos nós somos o teu povo. As tuas santas cidades tornaram-se em deserto, Sião, em ermo; Jerusalém está assolada [NVI: ‘Até Sião virou um deserto, e Jerusalém, uma desolação!’]. O nosso templo santo e glorioso, em que nossos pais te louvavam, foi queimado; todas as nossas coisas preciosas se tornaram em ruínas. Conter-te-ias tu ainda, ó Senhor, sobre estas calamidades? Ficarias calado e nos afligirias sobremaneira [NVI: Ficarás calado e nos castigarás além da conta]?”

O profeta faz confissão de seus pecados e se queixa de suas aflições. Ele intercede por si e pela nação, dizendo que estão imundos no espírito e na alma, e as justiças humanas são impuras, para nada servem; não podem libertá-los. Ele se sente murchado e sem vida como uma folha seca, e seus pecados são como um vento que os levam para longe da verdade do Senhor. Ele se lembra novamente que Deus é seu Pai, o pai de Israel, o oleiro que os molda como barro, e eles são obra de Suas mãos. O que eles estão passando é resultado do moldar de Deus para que fiquem como Ele deseja. Ele pede misericórdia; pede que Ele não se enfureça tanto, nem se lembre para sempre dos pecados deles. Isaías pede a Deus que considere no que está acontecendo: as cidades de Judá em ruínas, Jerusalém destruída e queimada; e o templo também não existe mais,

pois foi reduzido a cinzas. Tudo o que era precioso para eles foi arruinado. Será que Deus continuaria impassível diante de todas essas calamidades? Castigá-los-ia além da conta? Era insuportável para ele ver tudo isso. Embora Isaías estivesse descrevendo a angústia deles todos e a ruína de sua terra como se exaltando o poder de destruição do inimigo, ele sabia em seu coração que o Senhor era mais forte do que as evidências e poderia reverter tudo isso no momento propício.

Capítulo 65

A resposta de Deus: rejeitados os rebeldes; o chamado dos gentios – v. 1-7.

• Is 65: 1-7: “Fui buscado pelos que não perguntavam por mim [NVI: ‘Fiz-me acessível aos que não perguntavam por mim’]; fui achado por aqueles que não me buscavam; a um povo que não se chamava do meu nome, eu disse: Eis-me aqui, eis-me aqui. Estendi as mãos todo dia a um povo rebelde, que anda por caminho que não é bom, seguindo os seus próprios pensamentos; povo que de contínuo me irrita abertamente, sacrificando em jardins e queimando incenso sobre altares de tijolos; que mora entre as sepulturas e passa as noites em lugares misteriosos [NVI: ‘povo que vive nos túmulos e à noite se oculta nas covas’]; come carne de porco e tem no seu prato ensopado de carne abominável [NVI: ‘carne impura’]; povo que diz: Fica onde estás, não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu [NVI: ‘Afasta-te! Não te aproximes de mim, pois eu sou santo!’] És no meu nariz como fumaça de fogo que arde o dia todo. Eis que está escrito diante de mim, e não me calarei; mas eu pagarei, vingarme-ei, totalmente, das vossas iniquidades [NVI: ‘mas lhes darei plena e total retribuição’] e, juntamente, das iniquidades de vossos pais [NVI: ‘como pelos pecados dos seus antepassados’], diz o Senhor, os quais queimaram incenso nos montes e me afrontaram nos outeiros [NVI: ‘nas colinas’]; pelo que eu vos medirei totalmente a paga devida às suas obras antigas [NVI: ‘eu os farei pagar pelos seus feitos anteriores’]”.

Deus declara ao profeta que está chamando um povo que antes não conhecia o Seu nome, mas que virá a conhecer, pois o Seu povo israelita o provocou demais com suas obras de idolatria. O que Isaías estava dizendo setecentos anos antes do nascimento de Jesus era realmente uma declaração ousada e impopular, como disse o apóstolo Paulo [Rm 10: 3; Rm 10: 19 (cf. Dt 32: 21); Rm 10: 20-21; 1 Co 10: 22]. Entretanto, não será destruída e rejeitada toda a nação; ainda haverá alguns remanescentes que serão salvos (Isa. 65: 8-16).

‘Fui buscado pelos que não perguntavam por mim [NVI: ‘Fiz-me acessível aos que não perguntavam por mim’]; fui achado por aqueles que não me buscavam; a um povo que não se chamava do meu nome, eu disse: Eis-me aqui, eis-me aqui’ – este versículo fala claramente sobre o chamamento dos gentios, que virão a se converter a Jesus nos tempos do Evangelho, pois terão o coração mais aberto à Sua doutrina e não virão a questioná-lo como os judeus constantemente o faziam, tentando se justificar quando citavam as Escrituras. A primeira frase significa, mais especificamente, que Deus decidiu se manifestar a eles, se tornar acessível a eles, os gentios. Isaías tinha dito ao Senhor na sua oração (Is 63: 19): ‘Tornamo-nos como aqueles sobre quem tu nunca dominaste e como os que nunca se chamaram pelo teu nome’, ou seja, os que não se chamavam pelo nome de Israel, a quem o Senhor chamava de Jesurum, meu amado, meu Servo. Nós vimos em Is 63: 19 que esta frase do profeta denota o afastamento e a falta de intimidade com Deus que eles sentiam, como se jamais tivessem sido Seu povo, e sim, como os ímpios, que não eram chamados pelo Seu nome. O Deus de Israel agora se voltava para os gentios, os quais seriam chamados pelo Seu nome, pelo nome de Jesus, pelo nome de Cristo, Cristãos.

‘Estendi as mãos todo dia a um povo rebelde, que anda por caminho que não é bom, seguindo os seus próprios pensamentos’ – isso mostra as tentativas de Deus de chamar Seu povo para poder ajudá-los, abençoá-los, conduzi-los pelo caminho correto. Mesmo assim, com as exortações proféticas e com a própria mão de Deus estendida para eles, os judeus rejeitaram o Senhor, por isso eles estão sendo rejeitados: pela rebeldia, pela teimosia, pela idolatria com que irritam a Deus.

‘Povo que de contínuo me irrita abertamente, sacrificando em jardins e queimando incenso sobre altares de tijolos’ – o Senhor diz que a provocação é aberta, diante do Seu rosto, sem tomar conhecimento da Sua onipresença e onisciência. Eles sacrificavam nos jardins dedicados aos ídolos; e o faziam continuamente, em altares de tijolos, quando o Senhor havia dito a Moisés qual era o tipo de altar que Ele queria que Seu povo levantasse: “Um altar de terra me farás e sobre ele sacrificarás os teus holocaustos, as tuas ofertas pacíficas, as tuas ovelhas e os teus bois; em todo lugar onde eu fizer celebrar a memória do meu nome, virei a ti e te abençoarei. Se me levantares um altar de pedras, não o farás de pedras lavradas; pois, se sobre ele manejares a tua ferramenta, profaná-lo-ás. Nem subirás por degrau ao meu altar, para que a tua nudez não seja ali exposta” (Êx 20: 24-26).



O altar de pedras toscas

Ele não queria pedras lavradas porque era costume dos povos idólatras o manejo de ferramentas de ferro, e sobre eles eram inscritas superstições dos ídolos, como as inscrições cuneiformes da Babilônia e dos cananeus, que colocavam telhados planos com tijolos em suas casas, e altares ali, onde eles queimavam incenso ao sol (2 Rs 23: 12, Jr 19: 13). Na época de Moisés, Israel só manejava instrumentos e ferramentas de bronze. O manejo de ferramentas e armas de ferro só ocorreu no reinado de Davi, que importou a técnica dos filisteus.

Não se subia por degraus para que a nudez dos sacerdotes não fosse exposta. Por isso, em Êx 27: 1-8 e Êx 38: 1-7 a bíblia descreve o altar do holocausto de madeira de acácia e coberto de bronze, medindo cinco côvados de comprimento, cinco côvados de largura e três de altura (aproximadamente 2,5 m x 2,5 m x 1,5 m), com chifres (pontas erguidas) em cada canto, que serviam para amarrar os animais do sacrifício. Porém, mais tarde, no templo de Salomão, a bíblia descreve o altar de bronze onde eram feitos

os holocaustos com outras medidas: 9 metros de comprimento, 9 metros de largura e 4,5 metros de altura (2 Cr 4: 1). Aí, sim, era necessário o uso de uma escada ou uma rampa para poder subir até ele.



Muito provavelmente era uma escada, uma vez que Ezequiel menciona escadas na descrição do altar do templo que ele visualizou (Ez 43: 13-17); e ele, como sacerdote, se lembrava do primeiro templo. Os degraus estavam voltados para o oriente. Quanto à precaução sobre a nudez do sacerdote não ser exposta, era por causa do seu ofício sagrado, para não despertar em ninguém nenhum tipo de sentimento contrário à reverência ao Senhor, caso suas vestes balançassem com o vento ou, se os degraus estivessem a uma maior distância uns dos outros, o que o obrigaria a dar grandes passos; assim as partes do corpo ficariam expostas. As túnicas de linho eram longas e soltas, do cinto para baixo. Por isso, o Senhor falou para Moisés que os Levitas deveriam usar os calções de linho, que se estendiam da cintura até os joelhos (Êx 39: 28; Êx 28: 42-43; Lv 16: 4). Os calções ficavam escondidos pela túnica. É interessante que os calções de linho (roupa de baixo) eram permitidos naquela época apenas aos sacerdotes, não aos homens do povo.

‘Que mora entre as sepulturas e passa as noites em lugares misteriosos [NVI: ‘povo que vive nos túmulos e à noite se oculta nas covas’]’ – nos túmulos eles consultavam demônios, ou praticavam necromancia (Is 8: 19; 1 Sm 28: 7-8; 14-15), o que foi proibido deste o início pelo Senhor (Dt 18: 11-12). ‘lugares misteriosos’ ou ‘covas’ eram onde os pagãos adoravam seus ídolos, e dormiam muitas vezes nesses ‘recintos consagrados’ para comunicações divinas nos sonhos.

‘Come carne de porco e tem no seu prato ensopado de carne abominável [NVI: ‘carne impura’]’ cf. Is 66: 17 – Deus havia dado aos israelitas certas regras alimentares; entre elas, era proibido comer carne de porco (Lv 11: 7; Dt 14: 8), o que os povos pagãos faziam constantemente. Agora, Seu próprio povo rebelde seguia essas regras e isso era abominável para Ele. Os suínos foram usados pela primeira vez em sacrifícios. A imagem das abominações idólatras era o pecado mais repugnante aos olhos de Deus e

a mais prevalente no tempo de Isaías, apesar de Israel praticar a idolatria em todas as épocas.

‘Povo que diz: Fica onde estás, não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu [NVI: ‘Afasta-te! Não te aproximes de mim, pois eu sou santo!’]’ – o povo vivia de rituais e, por isso, se achava mais santo do que outros povos não judeus, mas eram rituais que o Senhor não havia ordenado. Entretanto, o Senhor se desagradava deles todos e dizia agora: ‘És no meu nariz como fumaça de fogo que arde o dia todo’. A hipocrisia misturada com o orgulho, tanto do povo quanto dos sacerdotes, tornava seus sacrifícios com animais e suas ofertas de incenso repugnantes ao Senhor, ainda que fossem feitas dentro do templo. Eles faziam uma dupla adoração.

É interessante que, quando vamos para a versão em inglês (KJV), existe um comentário após o versículo acima. Está escrito: ‘nariz’ ou ‘raiva’. Em hebraico, as narinas dilatadas expiram a fumaça da ira do Senhor (Sl 18: 8).

A palavra ‘nariz’, em hebraico é 'aph (נף – Strong #639), que significa: o nariz ou a narina; o rosto de uma pessoa; testa, face; conter-se; reprimir-se; ira; a manifestação externa da respiração rápida na paixão, na ira ou na raiva. Vem da raiz primitiva: 'anaph (Strong #599), que significa: respirar forte, respirar fundo, ou seja, enfurecido; estar bravo; indignada; desagradado. Assim, o versículo exprime a respiração forte de Deus como uma expressão da Sua ira ou indignação em relação a tudo aquilo.

• Is 65: 6-7: “Eis que está escrito diante de mim, e não me calarei; mas eu pagarei, vingar-me-ei, totalmente, das vossas iniquidades [NVI: ‘mas lhes darei plena e total retribuição’] e, juntamente, das iniquidades de vossos pais [NVI: ‘como pelos pecados dos seus antepassados’], diz o Senhor, os quais queimaram incenso nos montes e me afrontaram nos outeiros [NVI: ‘nas colinas’]; pelo que eu vos medirei totalmente a paga devida às suas obras antigas [NVI: ‘eu os farei pagar pelos seus feitos anteriores’]”.

O Senhor diz que Ele não está alheio a essas coisas. Elas estão escritas diante dEle como as crônicas dos reis ficavam registradas. Ele se lembra dos seus pecados e vai puni-los. E Ele os punirá não apenas pelos pecados deles, mas pelos pecados dos seus antepassados, pois fizeram a mesma coisa: ‘queimaram incenso nos montes e me afrontaram nos outeiros [NVI: ‘nas colinas’]’. Os pecados continuaram (Is 57: 7; Os 4: 13; Ez 18: 1-32; Ez 20: 27-28), e teriam que ser limpos até o fim.

Um remanescente fiel será salvo – v. 8-10.

• Is 65: 8-10: “Assim diz o Senhor: Como quando se acha vinho [NVI: ‘suco’] num cacho de uvas, dizem: Não o desperdices, pois há bênção nele [NVI: ‘Não o destruam, pois ainda há algo bom’], assim farei por amor de meus servos e não os destruirei a todos. Farei sair de Jacó descendência e de Judá, um herdeiro que possua os meus montes [NVI: ‘quem receba por herança as minhas montanhas’]; e os meus eleitos herdarão a terra e os meus servos habitarão nela [NVI: ‘Os meus escolhidos as herdarão, e ali viverão os meus servos’]. Sarom servirá de campo de pasto de ovelhas, e o vale de Acor, de lugar de repouso de gado, para o meu povo que me buscar”.

Aqui o Senhor faz a distinção entre aqueles de Israel que amam a Deus (Is 65: 8 cf. Is 66: 5) e aqueles que lhe desobedecem. A palavra ‘vinho’ no versículo 8 se refere ao vinho novo ou mosto. O termo ‘vinho novo’ ou ‘mosto’ (hebraico, tîrôsh; Strong #8492) significa: mosto ou suco fresco de uva (como espremido); por implicação (raramente) vinho fermentado; vinho novo, vinho doce; e representa os primeiros sucos que escorrem antes e logo depois do lagar ser pisado. Pisadas as uvas no lagar, corria o sumo para uma cuba. A esse sumo chamavam ‘vinho novo’ – e os judeus bebiam-no nesse estado (Antes de terminada a fermentação). Essa palavra nunca se refere à bebida fermentada, mas sempre ao produto não-fermentado da videira, tal como o suco ainda

no cacho de uvas (Is 65: 8), ou o suco doce de uvas recém-colhidas (Dt 11: 14; Pv 3: 10; Jl 2: 24). Tîrôsh (שורית) aparece 37 vezes no Antigo Testamento.

Essas uvas no cacho representavam os judeus que permaneceram fiéis a Deus, as uvas boas, a vinha frutífera. Essa resposta consola o profeta em sua oração do capítulo anterior, suplicando a aliança de Deus com os descendentes de Abraão.

‘Assim farei por amor de meus servos’ – isso se refere a Abraão, Isaque e Jacó, os patriarcas desse povo; ou, então, todos os Seus ungidos do passado, que fizeram a Sua vontade e permaneceram firmes na Sua palavra.



Monte Sião

‘Farei sair de Jacó descendência e de Judá, um herdeiro que possua os meus montes [NVI: ‘quem receba por herança as minhas montanhas’]’ – ‘Farei sair de Jacó descendência’ se refere aos remanescentes fiéis dos judeus; ‘e de Judá, um herdeiro que possua os meus montes’ se refere a Jesus, o Messias, descendente da tribo de Judá, o herdeiro legal de todas as coisas e pessoas do Pai (Hb 1: 2), do qual somos co-herdeiros do reino de Deus (Rm 8: 17). Ele, o herdeiro, possuirá os montes. ‘Os meus montes’ ou ‘as minhas montanhas’ representam as montanhas da Judéia, ou mais especificamente, as colinas de Jerusalém, onde está o monte Sião e o templo. Nós vimos em outros capítulos de Isaías que o reinado do Messias traria muitos povos ao monte de Sião (Is 2: 2). A descendência (ou sementes) são os que se tornam servos de Deus, através do poder da Sua graça, e servem-no alegre e voluntariamente.

‘E os meus eleitos herdarão a terra e os meus servos habitarão nela [NVI: ‘Os meus escolhidos as herdarão, e ali viverão os meus servos’]’ – ‘os meus eleitos’, ou seja, os escolhidos de Deus segundo a eleição da graça, o Israel de Deus, que possuirá a Terra Santa (Rm 9: 29; Rm 11: 4-5).

‘Sarom servirá de campo de pasto de ovelhas, e o vale de Acor, de lugar de repouso de gado, para o meu povo que me buscar’ – Sarom é a maior planície costeira da parte norte da Palestina à beira do Mediterrâneo, ao sul do Monte Carmelo. Fica entre os extensos pantanais do baixo curso do rio Zarqa (Nahr az-Zarqa ou Nahal Taninim) ao norte (marca o extremo sul do Monte Carmelo), e o vale de Aijalom e Jope no sul, ou seja, até o rio Jarcom (em hebraico: Yarqon), no sul, no limite norte de Tel Aviv. O rio Zarqa (em árabe, Nahr az-Zarqā, ‘o rio azul’) é comumente identificado com o Rio

Jaboque (Nahal Yabok) descrito na bíblia (atualmente o rio está altamente poluído). O rio Jarcom é o limite natural entre Sarom e a Filístia.



Planície de Sarom

A extensão da planície de Sarom é de oitenta quilômetros de Norte a Sul, e sua largura é de quatorze ou dezesseis quilômetros de leste a oeste. Há milhares de anos, os riachos escavaram parcialmente uma valeta longitudinal no lado leste em direção ao Jordão, e os vales dessa valeta tendiam a ser pantanosos. Por isso, no que tange à ocupação humana, apenas na fronteira sul de Sarom é que a terra era mais apropriada para ser povoada, sendo claro que a maior parte de Sarom jamais foi colonizada pelos israelitas. Por muito tempo permaneceu um deserto (Is 33: 9), sendo usado apenas como pastagem (1 Cr 5: 16; Is 65: 10). Nos tempos bíblicos a área norte era densamente coberta de carvalhos (*Quercus infectoria*), sendo hoje um dos mais ricos distritos agrícolas de Israel, plantado com bosques de laranjeiras. Não havia fertilidade na região pantanosa.

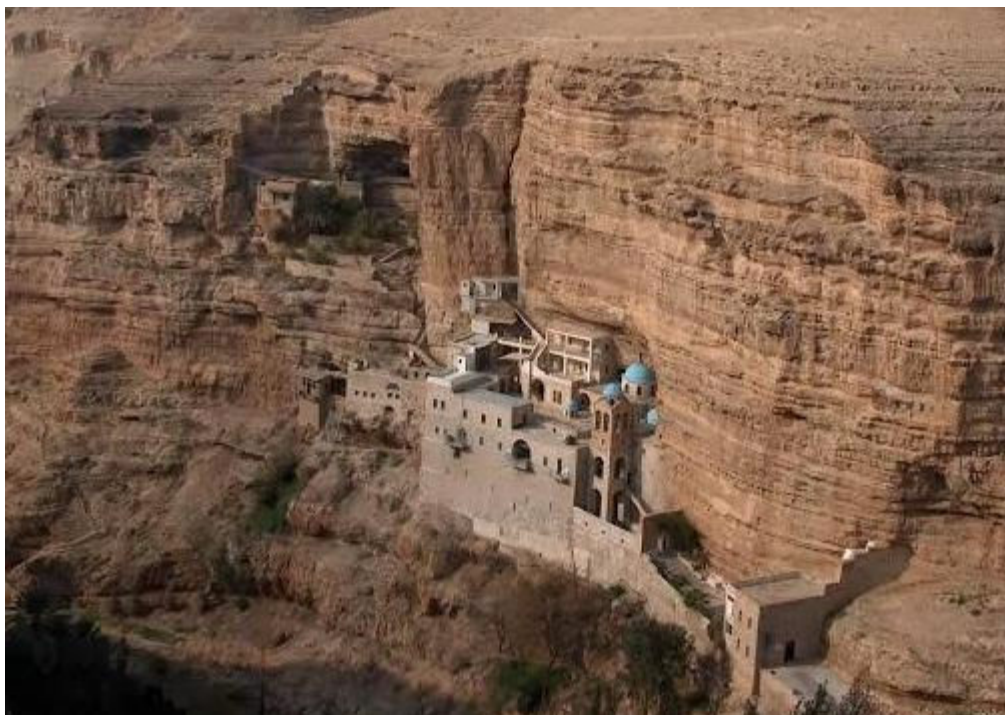
Acor era um vale a leste de Israel, do lado oeste do rio Jordão e um pouco ao norte do Mar Morto (nas campinas de Jericó), onde Acã foi apedrejado e queimado junto com sua família e bens, no tempo de Josué, por ter roubado o despojo de Jericó, que era proibido aos israelitas (Josué 7: 20-21; 24-26). Acã significa: ‘o que dá trabalho’, ‘perturbador’, e deriva de Acor ou Acar, em hebraico, derivado do verbo cākhar = afligir, perturbar, causar transtorno, atribular; portanto, Acar (‘ākhar) significa: homem da tribulação, homem da aflição. Isso quer dizer que aquilo que causou uma calamidade, se tornará alegria e prosperidade para o povo que buscar a Deus.

O vale de Acor (Js 7: 24-26; Is 65: 10; Os 2: 25), na fronteira de Judá (Js 15: 7), é provavelmente o Wadi Qelt, localizado 1,6 km ao sul de Jericó. No Wadi Qelt pode-se ver hoje um monastério do Cristianismo Bizantino, chamado de Monastério de São Jorge, construído em 340 EC e destruído pelos persas em 614 EC (a dinastia Sassânida: 224-651). Foi novamente reconstruído e abandonado no século XII e finalmente

reconstruído e habitado por monges Greco-Ortodoxos no século XIX. Seu nome em árabe é Mar Jaras.



O Vale de Acor no Wadi Qelt em Israel



Detalhes do Monastério de São Jorge

Julgamentos sobre os ímpios e bênçãos sobre os que são de Deus – v. 11-16.

- Is 65: 11-16: “Mas a vós outros, os que vos apartais do Senhor, os que vos esqueceis do meu santo monte, os que preparais mesa para a deusa Fortuna [NVI: ‘deusa Sorte’] e misturais vinho para o deus Destino, também vos destinarei à espada, e todos vos encurvareis à matança [NVI: ‘e todos vocês se dobrarão para a degola’]; porquanto chamei, e não respondestes, falei, e não atendestes; mas fizestes o que é mau perante mim e escolhestes aquilo em que eu não tinha prazer. Pelo que assim diz o Senhor Deus: Eis que os meus servos comerão, mas vós padecereis fome; os meus servos beberão, mas vós tereis sede; os meus servos se alegrarão, mas vós vos envergonhareis; os meus servos cantarão por terem o coração alegre, mas vós gritareis pela tristeza do vosso coração e uivareis pela angústia de espírito [NVI: ‘quebrantamento de espírito’]. Deixareis o vosso nome aos meus eleitos por maldição [NVI: ‘Vocês deixarão seu nome como uma maldição para os meus escolhidos’], o Senhor Deus vos matará e a seus servos chamará por outro nome [NVI: ‘mas aos seus servos dará outro nome’], de sorte que aquele que se abençoa na terra, pelo Deus da verdade é que se abençoará [NVI: ‘Quem pedir bênção para si na terra, que o faça pelo Deus da verdade’]; e aquele que jurar na terra, pelo Deus da verdade é que jurará; porque já estão esquecidas as angústias passadas e estão escondidas dos meus olhos [NVI: ‘Porquanto as aflições passadas serão esquecidas e estarão ocultas aos meus olhos’]”.

- Is 65: 11-12: “Mas a vós outros, os que vos apartais do Senhor, os que vos esqueceis do meu santo monte, os que preparais mesa para a deusa Fortuna [NVI: ‘deusa Sorte’] e misturais vinho para o deus Destino, também vos destinarei à espada, e todos vos encurvareis à matança [NVI: ‘e todos vocês se dobrarão para a degola’]; porquanto chamei, e não respondestes, falei, e não atendestes; mas fizestes o que é mau perante mim e escolhestes aquilo em que eu não tinha prazer” – a deusa Fortuna [NVI, Sorte] era uma divindade babilônica; o deus Destino [em hebraico, a palavra usada é Mniy, transliterado como Meni] é um deus pagão, responsável pelo destino, e que agia através de números, como um jogo de números ou jogo de azar. Colocava-se um copo para ele contendo uma mistura de vinho e mel, especialmente no Egito, no último dia do ano.

Sião era o monte sagrado do Senhor, e as pessoas o tinham esquecido por causa de deuses estrangeiros. Por isso, o Senhor estava zangado e já havia decretado sua destruição. Como eles tinham se encurvado para ídolos, se encurvariam para serem degolados. O que eles tinham feito não trazia prazer a Deus.

- Is 65: 13-14: “Pelo que assim diz o Senhor Deus: Eis que os meus servos comerão, mas vós padecereis fome; os meus servos beberão, mas vós tereis sede; os meus servos se alegrarão, mas vós vos envergonhareis; os meus servos cantarão por terem o coração alegre, mas vós gritareis pela tristeza do vosso coração e uivareis pela angústia de espírito [NVI: ‘quebrantamento de espírito’]” – os fiéis, que sempre tiveram seu consolo e total contentamento em Deus, serão abençoados, mas os ímpios serão destituídos de tudo o que precisam, e gritarão e uivarão na sua angústia. Ninguém sabe quando esta profecia foi cumprida. Pode-se cogitar um teor apocalíptico nela, ou pode-se tratar da justiça espiritualmente trazida pelo Messias em Sua primeira vinda, ou ainda um juízo de Deus que acontece na vida dos ímpios na terra, fazendo-os experimentar algum tipo de provação pelos seus atos perversos.

- Is 65: 15-16: “Deixareis o vosso nome aos meus eleitos por maldição [NVI: ‘Vocês deixarão seu nome como uma maldição para os meus escolhidos’], o Senhor Deus vos matará e a seus servos chamará por outro nome [NVI: ‘mas aos seus servos dará outro nome’], de sorte que aquele que se abençoa na terra, pelo Deus da verdade é

que se abençoará; e aquele que jurar na terra, pelo Deus da verdade é que jurará; porque já estão esquecidas as angústias passadas e estão escondidas dos meus olhos” [NVI: ‘Quem pedir bênção para si na terra, que o faça pelo Deus da verdade; quem fizer juramento na terra, que o faça pelo Deus da verdade. Porquanto as aflições passadas serão esquecidas e estarão ocultas aos meus olhos’] – isso quer dizer que ser chamado de ‘judeu’ seria vergonhoso, como uma maldição, pois lembraria a todos a rejeição de Deus por causa da infidelidade e da maldade dos judeus incrédulos. Ao passo que os judeus tementes a Deus e aceitando Jesus como o Messias passariam a ser chamados da mesma forma que os gentios, de Cristãos, o novo nome dos filhos da dispensação da graça de Deus (At 11: 26).

‘De sorte que aquele que se abençoar na terra, pelo Deus da verdade é que se abençoará’ [NVI: ‘Quem pedir bênção para si na terra, que o faça pelo Deus da verdade’] – significa o próprio nome do Messias; portanto, seriam todos abençoados em o nome de Jesus, o Deus da verdade, não em nome de outros deuses, pois Deus era fiel em Suas promessas (Jo 1: 17; 2 Co 1: 19-20; Ap 3: 14).

Novos céus e nova terra – v. 17-25.

- Is 65: 17-25: “Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio [NVI: ‘no que vou criar’]; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, regozijo. E exultarei por causa de Jerusalém e me alegrarei no meu povo, e nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor. Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado. Eles edificarão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque a longevidade do meu povo será como a da árvore [NVI: ‘Pois o meu povo terá vida longa como as árvores’], e os meus eleitos desfrutarão de todo as obras das suas próprias mãos. Não trabalharão debalde [NVI: ‘Não labutarão inutilmente’], nem terão filhos para a calamidade [NVI: ‘infelicidade’], porque são a posteridade bendita do Senhor, e os seus filhos [NVI: ‘seus descendentes’] estarão com eles. E será que, antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei. O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor”.

- Is 65: 17-18: “Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas [NVI: “Pois vejam! Criarei novos céus e nova terra, e as coisas passadas não serão lembradas. Jamais virão à mente!”]. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio [NVI: ‘no que vou criar’]; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, regozijo” – a era do Messias poderia ser comparada à criação de novos céus e nova terra (Is 65: 17 cf. Is 51: 16). Não haverá lembrança das coisas passadas porque a nova dispensação será gloriosa. A igreja será renovada, como que habitando em um mundo novo. E o que o Senhor criou para o Seu povo, os Seus escolhidos, é alegria e regozijo. O Messias e Seus escolhidos herdarão a terra renovada, da mesma forma que será conosco após a segunda vinda de Cristo (Is 51: 16; Is 66: 22; Ez 21: 27; Sl 37: 11; 2 Pe 3: 13; Hb 12: 26-28; Ap 7: 17; Ap 21: 1; 4-5).

- Is 65: 19-20: “E exultarei por causa de Jerusalém e me alegrarei no meu povo, e nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor. Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos

cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado” – o clamor da opressão não será mais ouvido diante do trono de Deus para aqueles que foram libertos pelo sangue do Seu Filho, pois agora terão outro dono; não têm mais que sofrer a opressão do inimigo. O Messias trará a longevidade e o perdão; mais do que isso, a vida eterna, pois aos Seus olhos a vida e a morte passam a ter outro sentido. Sua vontade sempre prevalecerá sobre todos os que carregam Seu selo; e Sua bênção sobre eles prolonga seus dias físicos e dá a vida eterna à alma e ao espírito. Mesmo caindo em pecado, o homem tem sempre a chance de ser limpo e reatar a sua comunhão com Deus através do perdão de Jesus. Quem está debaixo da Sua bênção não vive mais debaixo de maldição. Na Nova Jerusalém espiritual tudo será novo e as promessas para o corpo físico contidas neste versículo serão totalmente cumpridas (Ap 7: 17; Ap 21: 4-5).

- Is 65: 21-23: “Eles edificarão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque a longevidade do meu povo será como a da árvore [NVI: ‘Pois o meu povo terá vida longa como as árvores’], e os meus eleitos desfrutarão de todo as obras das suas próprias mãos. Não trabalharão debalde [NVI: ‘Não labutarão inutilmente’], nem terão filhos para a calamidade [NVI: ‘infelicidade’], porque são a posteridade bendita do Senhor, e os seus filhos [NVI: ‘seus descendentes’] estarão com eles” – o Senhor promete mais uma vez a longevidade ao Seu povo, assim como a justiça em relação ao seu trabalho (cf. Is 62: 9; Dt 28: 12), removendo o roubo e trazendo a frutificação e a prosperidade em tudo o que fizerem. Isso não só diz respeito à área espiritual, mas à área material também. ‘Os seus filhos estarão com eles’ significa que a descendência dos justos também será abençoada.

- Is 65: 24-25: “E será que, antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei (cf. Is 58: 9). O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor” (cf. Is 11: 6-9) – tanto no AT como no NT Deus deixa claro que está atento à oração sincera dos Seus filhos. E aqui em Isaías, Ele fala que antes que clamem, Ele lhes responderá (cf. Dn 9: 20-21). Foi o que Jesus disse no NT: o Pai sabe do que temos necessidade antes que peçamos a Ele, e sabe que precisamos de todas as coisas materiais na terra para vivermos bem (Mt 6: 8; 32-33); por isso, Ele diz para colocarmos o Seu reino em primeiro lugar e todas as coisas nos serão acrescentadas. Quando pensamos nas Suas coisas em primeiro lugar, abrimos a comunicação total com o Seu trono, e Ele, que tudo vê, nos supre até naquilo que não estamos pedindo.

‘Pó será a comida da serpente’ – a maldição permanecerá na serpente (Gn 3: 14; Mq 7: 17), ou seja, não no animal em si, mas no que ele simboliza.

‘O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi’ – não haverá competição ou desavença no reino de Deus, nem sede de conquista ou disputa de poder. Os fortes e fracos, os mais impulsivos ou assertivos, viverão em pé de igualdade com os mansos e mais quietos. Haverá paz e concordância.

‘Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor’ – não haverá destruição no templo do Senhor, no meio da Sua igreja. Embora Ele tenha planejado assim para a era messiânica, essa paz permaneceu apenas por algum tempo dentro de Sua própria igreja recém-nascida (cf. At 20: 29-31; 1 Co 3: 3; 1 Co 4: 6-7; 1 Co 5: 6-7; 1 Co 11: 18-19), que sofreu severa perseguição por parte de romanos e outros povos por muitos anos, e até hoje enfrenta lutas. Mas a palavra de Deus permanece: “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 24: 13). E na eternidade, quando estivermos na nossa morada celestial, tudo se fará novo e os santos do Altíssimo

possuirão o reino (Dn 7: 18). Fora da Nova Jerusalém ficarão todos os que não estiverem de acordo com a paz e o amor de Deus: Ap 21: 8; Ap 22: 15; Pv 6: 16-19.

Capítulo 66

Deus é servido com o espírito, não com cerimoniais – v. 1-5.

• Is 66: 1-5: “Assim diz o Senhor: O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés (cf. Sl 11: 4; Sl 103: 19; Mt 5: 34-35; Mt 23: 22; At 7: 49-50); que casa me edificareis vós? E qual é o lugar do meu repouso? Porque a minha mão fez todas estas coisas, e todas vieram a existir, diz o Senhor, mas o homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito [NVI: ‘humilde e contrito de espírito’] e que treme da minha palavra (cf. Is 57: 15). O que imola um boi é como o que comete homicídio [NVI: ‘Mas aquele que sacrifica um boi é como quem mata um homem’]; o que sacrifica um cordeiro, como o que quebra o pescoço a um cão; o que oferece uma oblação [NVI: ‘aquele que faz oferta de cereal’], como o que oferece sangue de porco; o que queima incenso, como o que bendiz a um ídolo. Como estes escolheram os seus próprios caminhos, e a sua alma se deleita nas suas abominações, assim eu lhes escolherei o infortúnio [NVI: ‘também escolherei um duro tratamento para eles’] e farei vir sobre eles o que eles temem; porque clamei, e ninguém respondeu, falei, e não escutaram; mas fizeram o que era mau perante mim e escolheram aquilo em que eu não tinha prazer. Ouvi a palavra do Senhor, vós, os que a temeis: Vossos irmãos, que vos aborrecem e que para longe vos lançam por causa do vosso amor ao meu nome [NVI: ‘Seus irmãos que os odeiam e os excluem por causa do meu nome’] e que dizem: Mostre o Senhor a sua glória, para que vejamos a vossa alegria, esses serão confundidos [NVI: ‘eles é que passarão vergonha’]”.

Essa profecia parece ter sido endereçada aos judeus pós-exílio desde o período da construção do segundo templo até os judeus do período da vinda de Cristo, quando o medo de cair novamente na idolatria, e conseqüentemente, sofrer com a ira de Deus, os levou, em especial os sacerdotes e os mestres da Lei (como já havia no tempo de Jesus), ao outro pólo: a religiosidade, onde as minúcias da Lei eram observadas (Mt 23: 23-24) e onde o templo físico era mais valorizado do que o seu templo interior. O Senhor é o Espírito (2 Co 3: 17) e fez o mundo e todas as coisas; por isso Ele pergunta que tipo de casa alguém poderia edificar para Ele (1 Rs 8: 27; 29). Ele não caberia dentro de um templo construído por mãos humanas, muito menos habitaria dentro de um ídolo. Ele já estava preparando Seu povo para outro tipo de pensamento: com a vinda do Messias, o corpo do homem seria o Seu santuário. Jesus viria para ensinar isso (Jo 2: 19). Deus disse para quem Ele olharia: para os humildes de espírito e para os arrependidos que temiam a Ele e à Sua palavra, ou seja, que tinham reverência à Sua pessoa. Por isso Ele abominava os sacrifícios e os rituais que estavam sendo feitos na Sua própria Casa e pareciam com sacrifícios idólatras, pois o coração dos adoradores já não estava mais em Deus. Em Pv 15: 8 está escrito: “O sacrifício dos ímpios é abominável ao Senhor, mas a oração dos retos é o seu contentamento”. Seu próprio povo parecia ímpio, fazia o que achava melhor e se agradava do que estava fazendo. Por isso, Ele os trataria duramente e traria sobre eles o que eles mais temiam: ouvir a verdade e a repreensão de Deus; mais ainda: sofrer com a Sua ira, tendo que se humilhar diante dEle de novo. Também temiam perder a posição de respeitabilidade que eles tinham em relação ao povo por serem líderes religiosos. Através dos Seus profetas Ele clamou, mas ninguém deu atenção nem respondeu como devia. Eles não queriam escutá-lo. O que eles faziam era mau, e Ele não tinha prazer naquilo. A hipocrisia dos rituais era abominável. Jesus os desmascararia em público, e eles perderiam seu status. Foi exatamente por isso que entregaram Jesus a Pilatos, por inveja do Seu carisma junto ao povo e pela Sua doutrina tão simples e tão clara (Mt 27: 18; Mc 15: 10).

Na parte seguinte da profecia, Deus se dirigia aos judeus tementes que por causa do Seu nome foram desprezados pelos seus irmãos e até expulsos de sua companhia, e que eram zombados pelos religiosos, os quais arrogantemente diziam para o Senhor mostrar Sua glória. Então, Deus disse que estes é que seriam envergonhados. Assim, Ele encoraja os fiéis a permanecerem firmes nEle, pois Ele mesmo destruirá seus inimigos.

O nascimento da igreja – v. 6-14.

• Is 66: 6-14: “Voz de grande tumulto virá da cidade, voz do templo [NVI: ‘Ouçam o estrondo que vem da cidade, o som que vem do templo!’], voz do Senhor, que dá o pago aos seus inimigos. Antes que estivesse de parto, deu à luz [NVI: ‘Antes de entrar em trabalho de parto, ela dá à luz’]; antes que lhe viessem as dores, nasceu-lhe um menino. Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisa semelhante? Pode, acaso, nascer uma terra [NVI: ‘nação’] num só dia? Ou nasce uma nação de uma só vez? [NVI: ‘ou, pode-se dar à luz um povo num instante?’] Pois Sião, antes que lhe viessem as dores, deu à luz seus filhos. Acaso, farei eu abrir a madre e não farei nascer? — diz o Senhor; acaso, eu que faço nascer fecharei a madre? — diz o teu Deus. Regozijai-vos juntamente com Jerusalém e alegrai-vos por ela, vós todos os que a amais; exultai com ela, todos os que por ela pranteastes, para que mameis e vos farteis dos peitos das suas consolações; para que sugueis e vos deleiteis com a abundância da sua glória [NVI: ‘se deleitarão em sua fartura’]. Porque assim diz o Senhor: Eis que estenderei sobre ela a paz como um rio, e a glória [NVI: ‘a riqueza’] das nações, como uma torrente que transborda [NVI: ‘uma corrente avassaladora’]; então, mamareis, nos braços vos trarão e sobre os joelhos vos acalantarão. Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei; e em Jerusalém vós sereis consolados. Vós o vereis, e o vosso coração se regozijará [NVI: ‘Quando vocês virem isso, o seu coração se regozijará’], e os vossos ossos revigorarão como a erva tenra [NVI: ‘e vocês florescerão como a relva’]; então, o poder do Senhor será notório aos seus servos [NVI: ‘a mão do Senhor estará com os seus servos’], e ele se indignará contra os seus inimigos”.

Na verdade esta profecia toda (Is 66: 1-24) diz respeito mais uma vez à época messiânica, quando Jesus teria que vir para instalar uma nova dispensação e uma nova Igreja, abolindo os rituais mortos comentados acima, e que para Deus já se assemelhavam à idolatria, por causa da hipocrisia com que eram feitos pelos judeus daquela época (Saduceus, Fariseus e Escribas).

Nós podemos perceber que, primeiro, Isaías fala sobre o nascimento de um menino (‘Antes que estivesse de parto, deu à luz; antes que lhe viessem as dores, nasceu-lhe um menino’), e depois fala sobre filhos (‘Pois Sião, antes que lhe viessem as dores, deu à luz seus filhos’). A comparação a uma mulher grávida que dá à luz de uma maneira inesperada diz respeito a Sião, Jerusalém, e isso sugere uma salvação grande e súbita para o povo de Deus. É uma referência à vinda do Messias, que veio de maneira súbita e diferente da que era esperada pelos judeus, sem que eles tivessem que fazer nada de extraordinário; por isso, o versículo diz que não houve dores de parto, que o menino nasceu antes de haver dores. Não houve guerras nem mortes para que o Messias nascesse. Ele veio da maneira planejada por Deus, e sem alarde.

Jesus começou Seu ministério com trinta anos de idade (Lc 3: 23) e, até então, era incógnito para os judeus como a encarnação do Messias. Ele pregou, curou, fez milagres e entrou em atritos de doutrina com os legalistas, os mestres da Lei. Entretanto, foi na cruz, quando Ele disse: “Está consumado!” (Jo 19: 30), que o trabalho com a salvação daquele povo foi completada e quebrada de uma vez por todas a inimizade entre Deus e os homens, e entre judeus e gentios (Ef 2: 14-16; Hb 9: 14-15; 28). A vingança de Deus contra Seus inimigos estava sendo completada ali. A bíblia diz: “Desde a hora sexta até

à hora nona, houve trevas sobre toda a terra... E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas; abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos. O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor e disseram: Verdadeiramente este era Filho de Deus” (Mt 27: 45; 50-54).



Por isso, o profeta diz: “Voz de grande tumulto virá da cidade, voz do templo, voz do Senhor, que dá o pago aos seus inimigos”. O texto bíblico diz que Jesus clamou com grande voz. Quando Ele entregou Sua vida ao Pai e o véu do templo se rasgou, isso foi como a voz de Deus gritando ferozmente do templo contra os inimigos espirituais do Seu povo que os separavam da verdade e da salvação. Os sacerdotes que estavam no templo e viram o véu ser rasgado de forma sobre-humana, com certeza gritaram de medo, e saíram correndo dali, e seus gritos de pavor também poderiam ser ouvidos de longe.

O terremoto e a escuridão devem ter assustado muita gente, por isso Isaías diz que ouviu um ruído assustador que vinha da cidade, o que nos faz pensar em algo abrupto, amedrontador, como som de destruição e de gente correndo de um lado para o outro porque nunca tinham visto algo parecido, além do som estranho que dever ter vindo do templo na hora que o véu do santuário foi rasgado, sem ser por mãos humanas. Acabou-se naquele momento a dispensação do Antigo Testamento e começou a dispensação do Novo Testamento. Deus estava extinguindo a hipocrisia e a soberba do antigo sacerdócio e da antiga prática religiosa do Seu povo.



Da mesma forma que Jerusalém viu o nascimento de um filho homem, o Messias, ela também deu à luz seus filhos antes que lhe viessem as dores, ou seja, os quarenta dias que Jesus apareceu para os apóstolos após Sua morte e ressurreição (At 1: 3-5; 8) foram dias quietos, preparatórios para o nascimento da Sua Igreja, o que ocorreu dez dias depois no Pentecostes com a descida do Espírito Santo (At 2: 1-2; 5-6; 9-11; 32-33; 37-41). Por isso, três mil judeus da diáspora, convertidos no mesmo dia, foram uma nação de crentes nascida num único dia, nascida para a salvação e uma nova vida em Cristo. Isso explica as palavras de Isaías: “Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisa semelhante? Pode, acaso, nascer uma terra [NVI: ‘nação’] num só dia? Ou nasce uma nação de uma só vez? Pois Sião, antes que lhe viessem as dores, deu à luz seus filhos”. Depois da cura do paralítico na Porta Formosa do templo, mais duas mil pessoas se converteram pelas palavras de Pedro (At 3: 11-26; At 4: 4).

Isaías continua dizendo: “Acaso, farei eu abrir a madre e não farei nascer? — diz o Senhor; acaso, eu que faço nascer fecharei a madre? — diz o teu Deus”. Isso quer dizer

que a igreja em Jerusalém não parou de fazer novos convertidos. A bíblia diz que o Senhor acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos (At 2: 47; At 5: 14; 16).

Em seguida, o profeta fala: “Regozijai-vos juntamente com Jerusalém e alegrai-vos por ela, vós todos os que a amais; exultai com ela, todos os que por ela pranteastes, para que mameis e vos farteis dos peitos das suas consolações; para que sugueis e vos deleiteis com a abundância da sua glória [NVI: ‘se deleitarão em sua fartura’]. Porque assim diz o Senhor: Eis que estenderei sobre ela a paz como um rio, e a glória [NVI: ‘a riqueza’] das nações, como uma torrente que transborda [NVI: ‘uma corrente avassaladora’]; então, mamareis, nos braços vos trarão e sobre os joelhos vos acalantarão. Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei; e em Jerusalém vós sereis consolados. Vós o vereis, e o vosso coração se regozijará [NVI: ‘Quando vocês virem isso, o seu coração se regozijará’], e os vossos ossos revigorarão como a erva tenra [NVI: ‘e vocês florescerão como a relva’]; então, o poder do Senhor será notório aos seus servos [NVI: ‘a mão do Senhor estará com os seus servos’], e ele se indignará contra os seus inimigos”.

Muitos versículos de Atos dos Apóstolos testificam as palavras profetizadas, pois a palavra de Jesus por meio deles era a consolação e a abundância que supria muitas almas carentes, por isso havia paz e alegria na igreja recém-nascida, apesar da perseguição iniciada por Saulo de Tarso; e essa paz (At 9: 31) e essa graça (At 4: 33; At 11: 23) derramadas gratuitamente sobre as pessoas aumentavam o número de agregados à igreja (At 6: 1; At 9: 31; At 9: 33-35; At 9: 42; At 11: 21; At 11: 26). Até sacerdotes obedeciam à nova fé (At 6: 7). Mesmo em outras cidades onde o evangelho era pregado havia alegria por causa da salvação: At 8: 4-8 (Filipe em Samaria); At 8: 12; 17; At 11: 19 (judeus da Fenícia, Chipre, Antioquia); At 8: 39. Por causa da força do Espírito Santo e da determinação dos apóstolos do Senhor a palavra de Deus crescia (At 6: 7; At 12: 24) e continuava a ser pregada destemidamente (At 4: 10-12; 19-20; 29-31; 33; At 5: 29; 38-39). Como um rio, a doutrina de Jesus se espalhou também para os gentios: At 8: 26-40; At 10: 44-48; At 11: 20; At 11: 26.

Os judeus viram todas as maravilhas de Deus em Jerusalém, a começar pelo ministério de Jesus, e aqueles que o receberam de coração aberto também se alegraram e se regozijaram pela grande transformação ocorrida no meio do Seu povo. Jerusalém teve o privilégio de ver a salvação de Deus antes de qualquer cidade do mundo, e isso, por si só, já era um motivo de regozijo: “Vós o vereis, e o vosso coração se regozijará, e os vossos ossos revigorarão como a erva tenra; então, o poder do Senhor será notório aos seus servos [NVI: ‘a mão do Senhor estará com os seus servos’], e ele se indignará contra os seus inimigos”.

Todos os que se opuseram à Igreja de Cristo caíram, desde os judeus que rejeitaram Jesus até os gentios opressores. Ele continua fazendo isso com todos os que se opuserem ao caminhar santo dos Seus servos: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16: 18).

Juízos severos contra os ímpios – v. 15-17.

- Is 66: 15-17: “Porque eis que o Senhor virá em fogo, e os seus carros, como um torvelinho [NVI: ‘turbilhão’], para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão, em chamas de fogo, porque com fogo e com a sua espada entrará o Senhor em juízo com toda a carne [NVI: ‘executará julgamento sobre todos os homens’]; e serão muitos os mortos da parte do Senhor. Os que se santificam e se purificam para entrarem nos jardins após a deusa [NVI: ‘do sacerdote’] que está no meio [Nota NVI: ‘jardins atrás de

um dos seus templos’], que comem carne de porco, coisas abomináveis [NVI: ‘outras coisas repugnantes’] e rato serão consumidos, diz o Senhor”.

Fogo, carros, torvelinho ou turbilhão e espada são símbolos do juízo de Deus sobre os que rejeitam Sua correção e O desprezam. Ele entra em juízo contra os ímpios da maneira que Ele quer, seja usando exércitos humanos sobre a terra, seja por calamidades da natureza ou qualquer outra forma. Ele sempre executa a Sua justiça e o Seu juízo, ainda que nós não entendamos Seus métodos. A bíblia diz que Ele retém Sua fúria, é tardio em irar-se, mas quando Ele se levanta contra algo, ninguém pode detê-LO. Aqui parece ser repetida a profecia de Is 65: 11-15 sobre a hipocrisia, a idolatria e a adoração dupla por parte daqueles que se diziam judeus.

Os gentios serão uma igreja santa – v. 18-23.

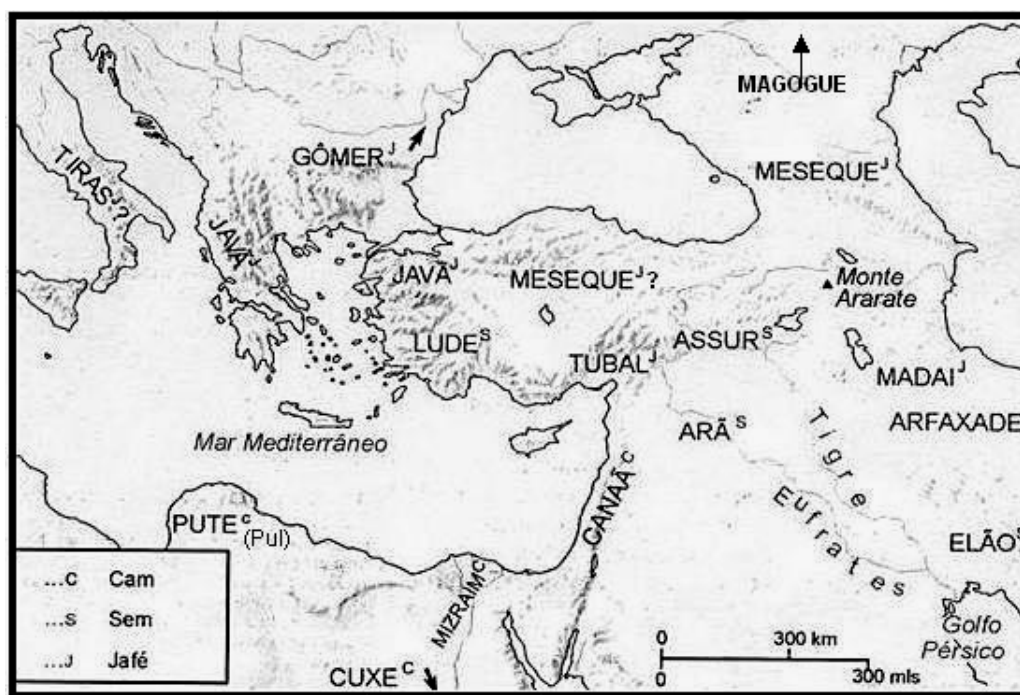
- Is 66: 18-23: “Porque conheço as suas obras e os seus pensamentos [NVI: ‘E, por causa dos seus atos e das suas conspirações’] e venho para ajuntar todas as nações e línguas; elas virão e contemplarão a minha glória. Porei entre elas um sinal e alguns dos que foram salvos [NVI: ‘alguns dos sobreviventes’] enviarei às nações, a Társis, Pul [NVI: ‘aos líbios’] e Lude [NVI: ‘aos lídios’], que atiram com o arco [NVI: ‘famosos flecheiros’], a Tubal e Javã [NVI: ‘à Grécia’], até às terras do mar mais remotas [NVI: ‘e às ilhas distantes’], que jamais ouviram falar de mim, nem viram a minha glória; eles anunciarão entre as nações a minha glória. Trarão todos os vossos irmãos, dentre todas as nações, por oferta ao Senhor, sobre cavalos, em liteiras [NVI: ‘carros e carroças’] e sobre mulas e dromedários [NVI: ‘camelos’], ao meu santo monte, a Jerusalém, diz o Senhor, como quando os filhos de Israel trazem as suas ofertas de manjares [NVI: ‘suas ofertas de cereal’], em vasos puros à Casa do Senhor [NVI: ‘trazendo-as em vasos cerimonialmente puros’]. Também deles tomarei a alguns para sacerdotes e para levitas, diz o Senhor. Porque, como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante de mim [NVI: ‘serão duradouros diante de mim’], diz o Senhor, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome [NVI: ‘assim serão duradouros os descendentes de vocês e o seu nome’]. E será que, de uma Festa da Lua Nova à outra e de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante mim [NVI: ‘toda a humanidade virá e se inclinará diante de mim’], diz o Senhor”.

- Is 66: 18: “Porque conheço as suas obras e os seus pensamentos [NVI: ‘E, por causa dos seus atos e das suas conspirações’] e venho para ajuntar todas as nações e línguas; elas virão e contemplarão a minha glória” – Deus estava falando com Israel, em especial os rebeldes e teimosos, que rejeitavam ouvi-LO. Ele viria agora para ajuntar todas as nações gentias de várias línguas para que contemplassem o que Ele era capaz de fazer. Eles conheceriam a Sua presença, e isso seria revelado pelo Seu próprio Espírito, internamente, em cada coração que ouvisse as palavras do evangelho. Em outras palavras: os gentios seriam participantes dessa glória também.

- Is 66: 19: “Porei entre elas um sinal e alguns dos que foram salvos [NVI: ‘alguns dos sobreviventes’] enviarei às nações, a Társis, Pul [NVI: ‘aos líbios’] e Lude [NVI: ‘aos lídios’], que atiram com o arco [NVI: ‘famosos flecheiros’], a Tubal e Javã [NVI: ‘à Grécia’], até às terras do mar mais remotas [NVI: ‘e às ilhas distantes’], que jamais ouviram falar de mim, nem viram a minha glória; eles anunciarão entre as nações a minha glória” – esse sinal foi o próprio Jesus, pois Ele mesmo disse: “O reino de Deus está dentro de vós”. Em Sua presença como homem Ele mostrou como tomar posse do reino de Deus; Ele manifestou esse reino em Si mesmo, não apenas em palavras, mas em atitudes. Ele deu o exemplo para que pudéssemos segui-LO, e fez o que nenhum de nós poderia fazer: morrer na cruz como propiciação pelos nossos pecados. Só Ele poderia vencer a morte, a separação eterna de Deus.

‘Alguns dos que foram salvos [NVI: ‘alguns dos sobreviventes’] enviarei às nações’ – pode significar Seus apóstolos ou todos os judeus remanescentes daquela época que voltando até mesmo às suas habitações em outras terras, como foi visto em At 2: 9-11, pudessem levar as boas novas da Salvação. Mas aqui, em especial, Ele menciona algumas nações: Társis, Pul [NVI: ‘aos líbios’], Lude [NVI: ‘aos lídios’], Tubal, Javã [NVI: ‘à Grécia’] até às terras do mar mais remotas (às nações mais longínquas, como Itália – Roma e nações do Oriente, por exemplo).

Como vimos anteriormente nas outras profecias de Isaías, Társis poderia corresponder tanto à região da Índia quanto à atual Espanha. Acima, o profeta cita também a Líbia (Pul ou Pute), a Lídia (Lude, atual região oeste da Turquia), Grécia (Javã) e Tubal. Pul ou Pute era descendente de Cam, filho de Noé. Lude era descendente de Sem, filho de Noé. Társis, Javã e Tubal eram descendentes de Jafé, o terceiro filho de Noé, o pai dos povos indo-europeus. Javã pode ser identificada com a Grécia.



Quanto a Tubal, muitas vezes é citado na bíblia junto com Meseque e Magogue, outros descendentes de Jafé. Em Ez 38: 1-3, por exemplo, estas nações são descritas juntas: “Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, volve o rosto contra Gogue, da terra de Magogue, príncipe de Rôs [na Septuaginta, significa ‘príncipe maior’, ‘príncipe de Rosh’ ou ‘Rhos’], de Meseque e Tubal [Em Russo moderno, Moscou e Tobolsk]; profetiza contra ele e dize: Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal [Magogue era o reino original de Gogue, embora ele tenha adquirido também Meseque e Tubal, para ser chamado de seu ‘príncipe chefe’, ou ‘príncipe maior’]”.

Tobolsk é uma cidade na Rússia, e era a antiga capital da Sibéria (uma vasta região da Rússia e do Norte do Casaquistão).



Assim, nós vimos em At 2: 9-11, que os judeus presentes na festa de Pentecostes e que foram convertidos eram: partos (a Pártia era a região nordeste do atual Irã), medos (da Média, noroeste do atual Irã), elamitas (Elam ou Elão era a região sudoeste do atual Irã), naturais da Mesopotâmia (atual Iraque), Capadócia (na atual Turquia), Ponto (Nordeste da Turquia), Ásia (também chamada Anatólia, atual Turquia), Frígia (na região central da Turquia), Panfília (no sul da Turquia), Egito e das regiões da Líbia (ao norte da África), de Cirene (uma antiga colônia grega na atual Líbia), romanos, cretenses (ilha da Grécia, no Mar Egeu) e arábios. Pártia, Média, Elão, Mesopotâmia ficavam no Oriente, na antiga região da Assíria, Babilônia e Pérsia, hoje região do Irã e Iraque. Capadócia, Ponto, Ásia Menor (onde estavam as sete igrejas), Frígia e Panfília, todas elas regiões da atual Turquia, foram evangelizadas pelo apóstolo Paulo e seus colaboradores, como Barnabé, João Marcos, Silas, entre outros. Quanto a Roma, não se sabe quem realmente iniciou a igreja lá, mas Pedro e Paulo chegaram até essa cidade.





Antiga Anatólia (Turquia) na região da Ásia Menor (wikipedia.org)

Vamos ver as nações evangelizadas pelos apóstolos do Senhor (todos, exceto João, foram martirizados):

- Simão Pedro chegou a levar a palavra aos crentes de Roma, junto com João Marcos (o evangelista, filho de Maria – At 12: 25; At 13: 13; At 15: 37-40; Cl 4: 10; 2 Tm 4: 11; Fm 24; 1 Pe 5: 13). Pedro morreu crucificado de cabeça para baixo em Roma, por volta de 65 ou 68 DC.
- João Marcos (autor do segundo evangelho) levou o evangelho a Alexandria, no Egito, e morreu lá, arrastado por cavalos em 70-80 DC.
- Tiago (o maior), irmão do apóstolo João e filho de Zebedeu, foi decapitado pelo rei Herodes Agripa em 44 DC em Jerusalém.
- Filipe (apóstolo de Jesus) pregou o evangelho na Palestina, Grécia e na Ásia Menor, onde a mulher de um procônsul romano se converteu. Ali morreu crucificado e, a seguir, apedrejado no ano 80 DC em Hierápolis, na Frígia, por ordem do procônsul.
- André, irmão de Pedro, é considerado o fundador da igreja em Bizâncio (Constantinopla e, atualmente, Istambul), onde o imperador Constantino mais tarde atuou, instituindo a Igreja Católica Apostólica Romana. Foi crucificado na Grécia (domínio romano) em uma cruz em forma de X.
- Paulo de Tarso evangelizou toda a Ásia Menor, Síria, Chipre, Macedônia e levou também o evangelho a Roma, onde morreu. A bíblia fala que no início de sua conversão ele também levou o evangelho à Arábia (Gl 1: 17); não a Arábia Saudita de hoje, na Península Arábica, mas a Arabia Petraea (em Latim) ou Arábia Petréia, que incluía o reino Nabateu, a Península do Sinai e o Noroeste da Península Arábica. Mais tarde foi incorporada pelo Império Romano em 106 DC no reinado de Trajano. Morreu decapitado em Roma (por ser um cidadão romano, senão sofreria outro tipo de morte).
- Matias, escolhido para ficar no lugar de Judas Iscariotes. Morreu queimado numa fogueira, não se sabe onde.

- Lucas (médico e evangelista): morreu em Tebas, na Beócia (prefeitura da Grécia), com 84 anos. Não se sabe se foi martirizado. Provavelmente, ele evangelizou algumas regiões da Grécia.

- Tomé: Foi provavelmente o mais ativo dos apóstolos ao leste da Síria, pregando até a Índia, onde morreu traspassado por lanças.

- Bartolomeu (também conhecido por Natanael): pregou até na Índia com Tomé, voltando à Armênia, Etiópia e ao sul da Arábia. Segundo relatos, morreu por esfolamento em Albanópolis (moderna Derbent, ao norte do Azerbaijão), nas montanhas do Cáucaso (entre o Mar Negro e o Mar Cáspio), na região próxima a Meseque e Tubal, a mando do governador.

- Judas Tadeu (apóstolo de Jesus): dedicou-se à pregação do evangelho na Judéia, Samaria, Mesopotâmia (hoje região do Iraque) e na Pérsia. Antigas tradições afirmam que foi martirizado na Pérsia, a mando de sacerdotes pagãos de Zoroastro, tendo sido decapitado juntamente com Simão, o Zelote (apóstolo de Jesus), que também pregava naquela região. Este foi morto depois de negar sacrificar ao deus Sol.

- Mateus: ministrou na Pérsia (atual Irã) e na Etiópia. Não se sabe se foi martirizado (apunhalado até morrer na Etiópia).

- Tiago, o menor (filho de Alfeu), apóstolo de Jesus: ministrou na Síria, onde, provavelmente, morreu apedrejado.

- João (apóstolo de Jesus): o único que não foi martirizado. Foi exilado na ilha de Patmos, no leste do Mar Egeu, durante a perseguição do imperador romano Domiciano, por volta de 90 DC. Ali, escreveu o Livro de Apocalipse. Morreu de morte natural, em Éfeso, 98 ou 100 DC, quando tinha 94 anos, após ter sido solto da prisão no governo de Nerva, imperador romano. Uma tradição latina muito antiga informa que ele escapou sem se queimar, depois de ter sido jogado num caldeirão de óleo fervente. Isso teria acontecido na cidade de Roma. Exerceu jurisdição sobre as igrejas da Ásia Menor.

- Tiago, o Justo, escritor da Epístola de Tiago, primeiro bispo de Jerusalém e meio-irmão de Jesus (Mc 6: 3; Gl 1: 19) ficou em Jerusalém, onde evangelizou e morreu, atirado do pináculo do templo e depois apedrejado, não se sabe se por judeus tradicionais.

- Is 66: 20-22: “Trarão todos os vossos irmãos, dentre todas as nações, por oferta ao Senhor, sobre cavalos, em liteiras e sobre mulas e dromedários, ao meu santo monte, a Jerusalém, diz o Senhor, como quando os filhos de Israel trazem as suas ofertas de manjares, em vasos puros à Casa do Senhor. Também deles tomarei alguns para sacerdotes e para levitas, diz o Senhor. Porque, como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante de mim [NVI: ‘serão duradouros diante de mim’], diz o Senhor, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome [NVI: ‘assim serão duradouros os descendentes de vocês e o seu nome’]” – de alguma forma, em algumas das festas importantes, esses convertidos vieram a Jerusalém para adorar o Senhor. Ele diz que alguns deles seriam sacerdotes. Nós vimos que, mesmo abolido o sacerdócio Levítico da antiga aliança, os discípulos e apóstolos de Jesus continuaram o sacerdócio que Ele mesmo começou. Em At 6: 7 está escrito que até antigos sacerdotes judeus obedeceram à nova fé, e logicamente, assumiram o novo sacerdócio. Os discípulos de Paulo, como Timóteo e Tito também foram presbíteros nas igrejas cristãs. Lucas não parece ter assumido a liderança de nenhuma igreja, mas levou o evangelho às regiões da Grécia. O apóstolo João também teve liderança sobre as igrejas da Ásia Menor, em especial a de Éfeso. Os novos céus e a nova terra como vimos em Is 65: 17-18 refletem o estado da Igreja que foi criada por Jesus. Os verdadeiros crentes deixariam uma

descendência duradoura na fé, e seus nomes estariam sempre escritos no livro da vida do Cordeiro.

• Is 66: 23: “E será que, de uma Festa da Lua Nova à outra e de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante mim [NVI: ‘toda a humanidade virá e se inclinará diante de mim’], diz o Senhor” – é lógico que os cristãos não seguiram os costumes judaicos tradicionais, embora algumas festividades do AT ainda fossem seguidas no início da igreja: Páscoa (Jo 2: 13; 23; Jo 6: 4; Jo 11: 55; Mt 26: 2; Mc 14: 1; Lc 22: 1; At 12: 3; At 20: 6), Ano Novo (Jo 5: 1), Tabernáculos (Jo 7: 2; 37 cf. Lv 23: 36; Nm 29: 12; Ne 8: 14-18), Pentecostes (At 2: 1; At 20: 16; 1 Co 16: 8), Dia da Expição (At 27: 9, aqui chamado Dia do Jejum). Mas não mais se comemorava a Lua Nova (de mês a mês), nem o sábado foi mantido, e sim substituído pelo domingo no século IV. O que a profecia queria dizer é que a Igreja do NT adoraria do Senhor sempre, dia após dia, semana após semana, mês após mês. A adoração e a oração passaram a fazer parte da rotina dos crentes; como disse o apóstolo Paulo, andando sempre no espírito (Gl 5: 16) e orando em todo tempo no Espírito (Ef 6: 18).

O castigo eterno dos ímpios – v. 24.

• Is 66: 24: “Eles sairão e verão os cadáveres dos homens que prevaricaram [NVI: ‘rebelaram’] contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a carne [NVI: ‘causarão repugnância a toda a humanidade’]”.

O Senhor havia mostrado a alegria dos fiéis dentro da Sua igreja, e agora mostra o destino dos ímpios, ou seja, além de um tormento contínuo da consciência, impedindo seu descanso em Deus e os acusando sempre, esta figura de linguagem foi usada por Jesus para designar o inferno, a morte eterna (Mc 9: 44; Ap 14: 10).

Volumes 1 e 2 deste livro:

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias1.pdf>

<https://www.searaagape.com.br/olivrodoprofetaisaias2.pdf>